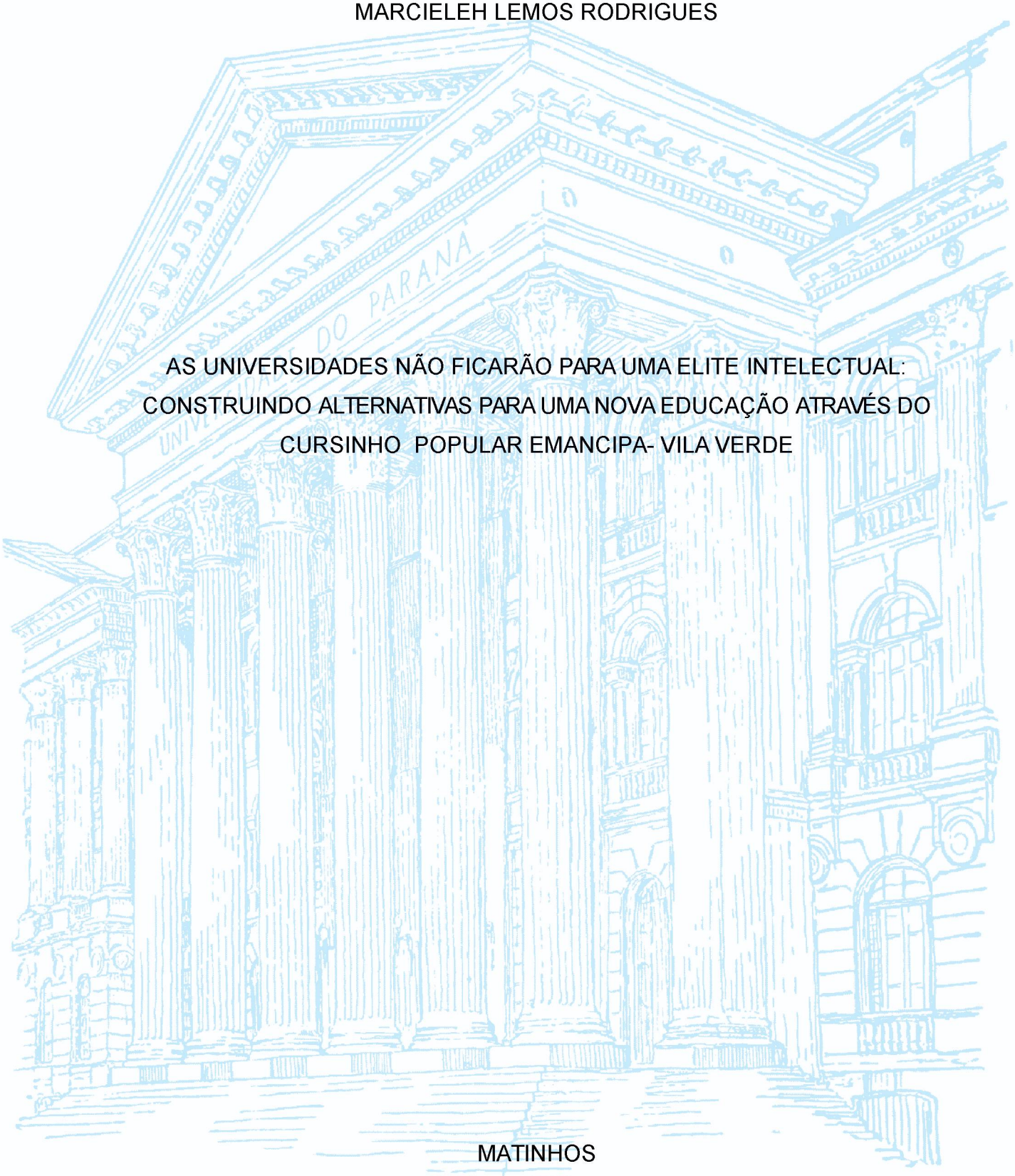
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MARCIELEH LEMOS RODRIGUES



AS UNIVERSIDADES NÃO FICARÃO PARA UMA ELITE INTELECTUAL: CONSTRUINDO ALTERNATIVAS PARA UMA NOVA EDUCAÇÃO ATRAVÉS DO CURSINHO POPULAR EMANCIPA- VILA VERDE

MATINHOS

2020

MARCIELEH LEMOS RODRIGUES

AS UNIVERSIDADES NÃO FICARÃO PARA UMA ELITE INTELECTUAL: CONSTRUINDO ALTERNATIVAS PARA UMA NOVA EDUCAÇÃO ATRAVÉS DO CURSINHO POPULAR EMANCIPA- VILA VERDE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pós-Graduação em Alternativas para uma Nova Educação, Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Educação.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Francéli Brizolla

Coorientadora: Susan Regina Raittz Cavallet

MATINHOS

2020

TERMO DE APROVAÇÃO

MARCIELEH LEMOS RODRIGUES

AS UNIVERSIDADES NÃO FICARÃO PARA UMA ELITE INTELECTUAL: CONSTRUINDO ALTERNATIVAS PARA UMA NOVA EDUCAÇÃO ATRAVÉS DO CURSINHO POPULAR EMANCIPA- VILA VERDE

Monografia apresentada ao curso de Pós-Graduação em Alternativas para uma Nova Educação, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista.

Prof.ª Dr.ª Francéli Brizolla
Orientador(a)

Prof.ª Msc. Susan Regina Raittz Cavallet

Prof. Msc. Almir Carlos Andrade

Marcieleh Lemos Rodrigues

AGRADECIMENTOS

Gratidão pela jornada e pela pessoa que me tornei na trajetória, na busca por completar minha incompletude, meu inacabado, meu vir a ser. É assim que quero começar esse trabalho de conclusão do curso de Especialização em Alternativas para a Nova Educação - ANE.

Sou grata por estar em uma universidade pública federal, que defende de forma aguerrida a continuidade da oferta de uma educação pública, gratuita e de qualidade para a o povo. Grata por ter conhecido a Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral e toda a boniteza que ela traz em artes e intervenções nas paredes e em seus jardins, mas, sobretudo, pelas pessoas que lá se encontram e que acreditam que uma outra forma de ensinar - aprender no ensino superior é possível.

Agradecer por estudar na UFPR Setor litoral é muito significativo e ajuda a explicar o projeto que atuei nas ações da ANE, o Cursinho Popular Emancipa Vila Verde, pois é o fato de ter vivido a experiência de um ensino superior de qualidade que me impulsiona e motiva a luta e a prática para democratizar o acesso ao ensino superior para jovens periféricos e nossa arma é a educação.

Agradeço por tantas mulheres maravilhosas que encontrei nas aulas e espaços da ANE, entre colegas de turma, professoras e convidadas. Entre elas, destaco a Prof.ª Francéli e a Prof.ª Susan que me inspiram com suas trajetórias e potências de vida e me orientaram para conseguir sistematizar as páginas que se seguem e a Prof.ª Lenir, que traz muita força e esperança para nós. Muito obrigada, vocês são luz e resistência para muitas outras.

Aproveito para agradecer aos educandos e educandas, as educadoras e educadores, a comunidade e a coordenação do Cursinho Popular Vila Verde, ao Colégio Estadual Rodolpho Zaninneli e a todos que dividiram seus sábados para ensinar e aprender, não apenas para fazer a prova do vestibular ou do ENEM, mas para trocar saberes que seguirão conosco em nosso jeito de entender e lidar com o mundo. Sempre soubemos que o Emancipa não era apenas para preparar para uma prova, mas para ajudar os educandos a se aproximarem dos seus sonhos mais bonitos e de uma sociedade justa para mais pessoas.

No nível mais pessoal, sou muito grata a minha família, e amigos pela força, carinho e pelo cuidado nos momentos mais difíceis. A minha mãe, Márcia, muito

obrigada por ser essa vovó incrível. Sempre fui tranquila para as aulas da ANE ou para Emancipa porque sabia que Antônio estava tranquilo em seus cuidados.

Sou grata à Camila Grassi, minha amiga. Obrigada por ser essa pedagoga maravilhosa que inspira e motiva a seguir contruindo outra educação, mais humana e emancipatória. Queria eu que mais pedagogas tivessem a potência e amorosidade que você possui no sua prática.

Agradeço também as minhas amigas Tamara, Liz, Samanta e aos meus colegas Priscila, Ana Márcia, Daiane, Gustavo e Bruno. Seja nas caronas, no RU, nos debates em sala, no processo de escrita do memorial, saibam que de alguma forma vocês contribuiram para que as vivências da ANE fizessem ainda mais sentido em minha trajetória.

Ainda, agradeço ao meu companheiro, Kauê Avanzi, por partilhar comigo cotidianamente a busca por Alternativas para a Nova Educação de nosso filho Antônio Emiliano. Obrigada por ser luz em dias cinzentos, por acreditar em mim e por me ajudar a levantar tantas vezes. O relato que se segue tem muito das nossas conversar, anseios, possibilidades e utopias.

Por fim, sou grata ao meu filho Antônio Emiliano e aos desafios e sutilezas que ele trouxe. Buscar Alternativas para a Nova Educação tem muito do meu desejo para que você e muitas outras crianças encontrem através da educação uma ferramenta de transformação e intervenção no mundo. Que você seja uma das sementes crioulas de esperança para que outro mundo seja, de fato, possível.

Eu acredito é na rapaziada Que segue em frente e segura o rojão Eu ponho fé é na fé da moçada
Que não foge da fera e enfrenta o leão Eu vou à luta com essa juventude Que não corre da raia a troco de nada Eu vou no bloco dessa mocidade
Que não tá na saudade e constrói
A manhã desejada.

E vamos à Luta (Gonzaguinha)

RESUMO

O memorial a seguir faz parte da sistematização das atividades que participei na segunda turma da Especialização em Alternativas para a Nova Educação. O texto está organizado em três capítulos centrais, o primeiro voltado a aspectos de minha trajetória de vida antes de ingressar na especialização, o segundo voltado para relatar as vivências promovidas pela ANE que participei e, por fim, o terceiro momento voltado a relatar minha experiência enquanto educadora popular no Cursinho Popular Emancipa - Vila Verde. Para tal, utilizo imagens que retratam esse processo e dialogo com autores como Paulo Freire (1996) (2014) e Bell Hooks (2013) e também discorro sobre o histórico das universidades brasileiras, a realidade da juventude e o modo como lutar pela democratização do acesso ao ensino superior ainda se faz necessário. Por fim, compartilho parte das atividades que ocorreram no ano de 2019 no cursinho, os desafios, as bonitezas desse processo de construção de alternativas para a nova educação.

Palavras-chave: Alternativas para uma Nova Educação; cursinhos populares; educação popular; cursinhos pré-universitários.

ABSTRACT

The following memorial is part of a systematization of the activities that I participated in the second class of the specialization course in Alternatives for New Education. The text is organized into three central chapters, the first focusing on aspects of my life trajectory before joining the specialization course, the second focusing on reporting the experiences promoted by ANE that I have participated in, and, finally, the third focusing on reporting my experience as a popular educator at Cursinho Popular Emancipa - Vila Verde. To achieve the purpose, I use images that portray this process and dialogue with authors such as Paulo Freire (1996) (2014), Bell Hooks (2013) and I also discuss the history of Brazilian universities, the reality of youth and how to fight for the democratization of access to higher education is still necessary. Finally, I share part of the activities, the challenges and the benefits of this process that took place in 2019 in the pre-university preparatory course Emancipa in order to build alternatives for a new education.

Keywords: Alternatives for a New Education; popular courses; popular education; pre-university preparatory courses.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....11

2 MEMÓRIAS DE VIDA, PORQUE VIVER SEM CONHECER O PASSADO É COMO VIVER NO ESCURO.....13

2.1 TERRAS PARANAENSES.....15

2.2 INGRESSO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ.....19

3 TRAJETÓRIA ANEANA.....37

3.1 PRIMEIROS ENCONTROS MENSAIS DA ANE.....40

3.1.1 1° encontro mensal: 18/08/2018 - Quem Somos?.....40

3.1.2 2° encontro mensal: 01/09/2018 - O que é a ANE?.....41

3.1.3 3° encontro mensal: 06/10/2018 – Por que precisamos mudar?.....44

3.1.4 4° encontro mensal: 10/11/2018 – Como mudar? Pensando Projetos.....47

3.1.5 5° encontro mensal: 01/12/2018 - Síntese de percepções e encaminhamentos.....49

3.1.6 6° encontro mensal: 09/03/2019 – O que estamos fazendo? O que mudou em mim? No que se traduziu?.....53

3.1.7 7° encontro mensal: 06/04/2019 - Formas de mobilização: Inclusão; e os demais encontros.....58

3.2 PARA ALÉM DOS ENCONTROS MENSAIS: CONHECENDO E VIVENCIANDO ALTERNATIVAS PARA A NOVA EDUCAÇÃO.....63

3.2.1 Festival Solidário da Praia da Pinheira.....64

3.2.2 Escola Municipal Antônio Coelho Ramalho.....71

3.2.3 Escola Estadual Indígena Pindoty.....76

3.3 UM FIO QUE ENTRELAÇA OUTRAS REDES.....83

3.3.1 Projeto Ação Vagalume.....84

3.3.2 Associação de Moradores Amigos Da Vila Agrícola.....90

3.3.3 Acampamento Agroflorestal José Lutzenberger.....94

3.4 TEMPOS DE FECHAMENTO, SÍNTESES E REENCONTROS: A IV CONANE CAIÇARA E OS CAMINHOS QUE DISPONTAM.....103

4 REDE EMANCIPA - MOVIMENTO SOCIAL DE EDUCAÇÃO POPULAR. 112

4.1 POR QUÊ A REDE EMANCIPA EXISTE? SOBRE AS UNIVERSIDADES PÚBLICAS E A NECESSIDADE DOS CURSINHOS POPULARES NA REALIDADE BRASILEIRA.....114

4.2 A JUVENTUDE BRASILEIRA E O ACESSO AO ENSINO SUPERIOR.....118
4.3 CURSINHO POPULAR EMANCIPA VILA VERDE.....124
4.3.1 Atividades do Cursinho Popular Emancipa - Vila Verde 2018-2019.....125
4.3.2 Sobre a dinâmica do Cursinho Popular Emancipa- Vila Verde.....130
4.4 TECENDO REDES, UNINDO FIOS, FORMANDO NÓS: EMANCIPA E ANE - A IV CONANE CAIÇARA.....159
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....164
REFERÊNCIAS.....169

1 INTRODUÇÃO

O texto a seguir é uma forma de compartilhar a intensidade que as vivências e reflexões que o curso de Pós-Graduação em Alternativas para uma Nova Educação da Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral me propiciou ao longo do ano de 2018 e 2019 e também socializar minha atuação junto ao Cursinho Popular Emancipa - Vila Verde, como educadora e membro parte da coordenação. Diferente de outros trabalhos de conclusão de curso tradicionais, tivemos o desafio de estruturar no formato de memorial nossos encontros, reuniões e participações em diferentes projetos.

Geógrafa de formação, muito me encantou a possibilidade de não apenas falar de Alternativas para a Nova Educação, mas viver, compartilhar e sonhar com caminhos que extrapolam a educação tradicional. Na Geografia chamamos esse inter-experencial de trabalho de campo, que é não apenas ler sobre, ouvir de alguém, mas de fato estar ombro a ombro nos diferentes territórios e perceber o quão dinâmico, belo e complexo são as relações que estabelecemos enquanto sociedade nesse ato contínuo que é o ensinar-aprender o mundo, certos de nossas incompletudes.

Com o objetivo de sistematizar o memorial e organizar o relato, o trabalho está dividido em três capítulos centrais, a saber: Memórias de vida, porque viver sem conhecer o passado é como viver no escuro, onde compartilho minha trajetória de vida e os caminhos que me levam a UFPR Litoral para cursar a ANE; Trajetórias ANEanas, onde compartilho e descrevo os encontros mensais da ANE, as ações que participei ao longo da especialização e os espaços que fui convidada a participar em projetos de meus colegas; e o Cursinho Popular Emancipa Vila Verde, onde retomo o modo como as universidades surge no Brasil, a realidade da juventude brasileira e a necessidade da atuação dos cursinhos populares. Além disso, descrevo um pouco do cotidano, da vivência e das práticas desenvolvidas com base na educação popular dentro do contexto de um cursinho pré-universitário na periferia da cidade de Curitiba.

Além desses três capítulos, ao final encontram-se as considerações, inquietações e perspectivas que despontam nesse horizonte que é pensar, experenciar e construir Alternativas para a Nova Educação. Como principais autores

com quem dialogo durante a escrita estão Paulo Freire (1996, 2014), Bell Hooks (2013) e suas provocações para pensar e fazer uma educação como prática de liberdade.

2 MEMÓRIAS DE VIDA, PORQUE VIVER SEM CONHECER O PASSADO É COMO VIVER NO ESCURO

Somos frutos de um tempo, um lugar e um momento histórico.Enfraquecer raízes históricas e culturais e apagar nossas memórias são formas de nos desligar do lastro de ancestralidade que nos precede e nos acompanha, sussurrando visões de mundo e possibilidades. É uma forma de esvaziar quem somos para preencher aquele vazio com interpretações alheias sobre a vida e o mundo.

O problema é que vivemos em um mundo marcado pelo sistema capitalista e essas interpretações e visões de mundo causam cada vez mais lógicas de consumo desenfreado, como se pudéssemos preencher quem somos por aquilo que temos, ou ainda, como diria Debord (1991), pela aparência, por aquilo que parecemos ter.

Desta forma, para começar este capítulo, gostaria de compartilhar minha história de vida, de onde venho e quais fios tecem minha trajetória, minha preferência política, o interesse por Alternativas para a Nova Educação e a luta por transformações sociais através da educação.

Nasci em uma sexta-feira de verão, dia 05 de março 1993, quase no extremo sul do Brasil, em uma pequena cidade do Rio Grande do Sul chamada Santa Vitória do Palmar. Gaúcha, sou a quarta filha do meu pai, terceira filha da minha mãe, mas depois de meu nascimento mal sabia eu que minha família quase dobraria de tamanho com o nascimento de meu irmão e minhas irmãs menores.

O resultado final é uma família com oito filhos, sendo a irmã mais velha, criada e adotada pela minha tia; meus dois irmãos mais velhos, frutos de relacionamentos que meu pai e minha mãe tiveram antes de se conhecerem; juntos, meu pai e minha mãe, cinco filhos, sendo eu a segunda filha do casal.

Por ter nascido e vivido minha vida no Sul do país posso afirmar com propriedade de causa sobre o conservadorismo e o tradicionalismo que aqui podemos encontrar e o estado do Rio Grande do Sul reproduz quantidades significativas de interesses separatistas, classitas, racistas e fascistas. Digo isso porque muito das andanças e mudanças que minha família fez em diferentes cidades gaúchas (Santana do Livramento, Chuí, Rio Grande, Santa Vitória do Palmar) foi para buscar melhores condições de vida e para ajustar a distância de

familiares e parentes, nem tão próximos para interferir e palpitar na criação dos filhos, nem tão distante para enfraquecer vínculos e afetos.

Quando digo interferências familiares, quero dizer do racismo que meu pai sofreu por seu tom de pele mais escuro e origem humilde de sua família. A família de minha mãe é bem tradicionalista quanto aos costumes e cultura gaúcha, legítimos gaúchos da fronteira, por assim dizer. Pecuaristas ligados a criação de ovelhas e lã no extremo oeste riograndense, brancos e com algum vínculo no passado com o poder militar na região, o que confere a família uma pequena herança de terras na região.

Também quero dizer dos avisos e reprovações que meu pai sofreu por parte dos meus avós e tias paternas por já ter uma filha e um filho (com mulheres diferentes) e estar começando um novo relacionamento com minha mãe, recém separada e mãe solo na época. Misturam-se preconceitos de gênero, de classe e raça que, de alguma forma, constituem e assombram as relações familiares que componho. Compartilho abaixo o primeiro registro (FIGURA 01) que possuo, aos dois meses de vida, junto ao meu irmão Júnior e ao meus pais, pois acredito que pode ajudar a ilustrar e caracterizar a família que faço parte.

FIGURA 01: REGISTRO FOTOGRÁFICO DE MINHAS ORIGENS – PAI E MÃE (1993)

FONTE: acervo pessoal (1993).

Até os sete anos de idade morei no interior do Rio Grande do Sul e, por essas vivências de minha primeira e segunda infância, tenho comigo a lembrança de morar na casa de minha avó paterna, um ritmo de vida de cidade pequenas mais lento e calmo, marcadas pelas paisagens do sul gaúcho - os pampas. Por ser uma região fronteiriça, trago também um apreço pelo Uruguai, onde tenho primos e familiares que ainda moram por lá.

Marcia, minha mãe, não era adepta de levar seus filhos para a creche, logo, todos os meus irmãos iniciam sua trajetória na Pré-Escola. Contudo, um pouco diferente do restante, comecei a frequentar a pré-escola com quatro anos de idade - por fazer aniversário no começo do ano, o que fez com que eu fosse um pouco mais nova do que meus colegas até chegar no ensino superior. Concluí os dois primeiros anos de estudo na Escola Estadual Marechal Soares de Andrea, no município de Chuí – RS.

2.1 TERRAS PARANAENSES

Com a chegada dos anos 2000, meus pais resolveram migrar, deixar o Rio Grande de Sul e buscar novas oportunidades de vida, por perceberem que o interior gaúcho mantinha certa estagnação econômica na época e ofertava baixa qualidade de ensino nas escolas públicas onde morávamos. A dúvida era escolher entre duas capitais, Florianópolis ou Curitiba, e meu pai, por ter familiares na capital paranaense, rumou para lá em busca de um emprego como garçom em Santa Felicidade, conhecidamente um bairro gastronômico da cidade.

José Francisco, meu pai, passou seis meses trabalhando em restaurantes até conseguir juntar fundos para que o restante da família pudesse vir para Curitiba. Esse foi um dos momentos mais díficeis que meus pais enfrentaram do ponto de vista econômico, pois eram muitos filhos pequenos e havia o choque de morar em uma cidade grande, pagando aluguel, contas e com salários baixos e instáveis.

Nesse cenário, minha mãe, que atuava em casa como cabeleireira, começa a procurar empregos fora, em salões de beleza pela cidade, para poder constribuir mais com a renda familiar os meus irmãos menores tiveram seus cuidados tranferidos para os irmãos mais velhos. No primeiro registro que minha família tem em Curitiba, meu pai não está presente e assim foi por um longo período. Com o

aumento das dívidas, ele passou a trabalhar bastante, às vezes ficando os dois turnos, almoço e jantar, a servir no restaurante. Percebo hoje que a ausência de meus pais fez com que passássemos mais tempo em casa, cuidando e brincando com irmãos menores, ou na rua.

Conforme fui crescendo, tomei consciência e percebendo que, por ser mulher, as cobranças de cuidado com a casa e meus irmãos menores era maior do que os demais. Aos poucos, minha casa se tornou um lugar que eu não gostava e preferia estar longe, por ser pequena, bagunçada e por ter relações de poder que considerava injustas.

Quando eu tinha dez anos, eu fugi de casa, por exemplo. Ao final do dia, minha mãe foi me buscar, mas esse fato já expressa meu desejo de buscar mudanças para minha realidade. Havia pouco tempo que havíamos nos mudado de casa, e após esse episódio da fuga, me aproximei outras crianças vizinhas e estabeleci amizades. Algumas dessas crianças frequentavam os cultos da Igreja Adventista do Sétimo Dia - IASD, localizada próxima a minha casa e, aos poucos, me envolvi a comecei a fazer parte dessa religião.

Diferente de outras famílias, a partir dos dez anos somente eu frequentava aquela igreja na minha casa e meus pais tinham outra religião. A igreja foi um lugar muito importante na minha trajetória, me batizei e aprendi muito sobre mim, sobre afeto entre as pessoas e sobre outras possibilidades de futuro. Lá era um oportunidade de conhecer realidades diferentes daquela que minha família conseguia oferecer e também era uma forma de me afastar dos conflitos familiares e repensar minha alimentação, estilo de vida - visto a restrição de alguns alimentos como a carne de porco, frutos do mar, bebidas alcoólicas e o fato dos adventistas guardarem o sábado, sem trabalhar nesses dia.

Desde que cheguei em Curitiba, em 2001, estudava na Escola Estadual Ângelo Volpato e tinha facilidade em acompanhar as disciplinas, com um bom desempenho e notas. Estudei nesta escola desde o terceiro até o sexto ano do Ensino Fundamental e a troca de escola ocorreu porque tive uma oportunidade de bolsa de estudo no Colégio Curitibano Adventista - Bom Retiro.

A bolsa de estudo foi ofertada por uma amiga da IASD que, por possuir uma empresa de contabilidade, abatia parte do valor de seu imposto de renda e parte do próprio bolso, o que isentava meus pais do pagamento da mensalidade, mas fez com

que eles tivessem que arcar com o dinheiro para o transporte público, os livros didáticos, o uniforme, passeios e demais custos adicionais. A Nilce Oliveira Guioti, que sempre me ajudou na igreja e nos estudos, não sabe o quanto estudar em uma escola particular no centro de Curitiba serviu para trazer novas perspectivas de compreensão da realidade. Segue abaixo um registro meu e dela nessa época.

FIGURA 02: REGISTRO FOTOGRÁFICO - DESENVOLVENDO MINHA RELIGIOSIDADE (2003)

FONTE: acervo pessoal.

Como novas perspectivas aponto, em primeiro lugar, as diferenças sociais latentes na escola, marcada por estudantes pagantes - de classe média, média alta, e estudantes bolsistas como eu era. Os alunos pagantes iam embora de van ou de carro e, eu e alguns alunos bolsistas, fazíamos o trajeto de ônibus, de um bairro mais periférico rumo ao centro da cidade diariamente. Além disso, lembro que tive algumas dificuldades em acompanhar os estudos porque meus pais não tinham condições financeiras para comprar livros e apostilas, o que fazia com que perdesse nota em algumas atividades e tivesse que prestar ainda mais atenção nas aulas, já que não haveria material didático para estudar em casa.

Outro ponto era que a escola era confessional adventista, com alunos, professores, proposta pedagógica e regimento interno baseado na religião e, mesmo que nem toda a comunidade fosse adventista, a escola seguia um código de conduta bem restritivo e punitivo, proibindo, por exemplo, o uso de brincos, piercings, colares, maquiagem, cabelo comprido para homens, esmaltes mais fortes para mulheres, além de uma perspectiva criacionista na ciência. De forma geral, a escola era bem padronizada, seja na classe social, na raça - branca, na religião e na perspectiva de gênero, já que namoros homoafetivos eram completamente proibidos.

Quando cheguei no Ensino Médio, com as aulas de sociologia e filosofia e um professor de uma perspectiva mais crítica, aos poucos fui compreendendo que os incômodos que sentia em frequentar aquela escola e as exclusões que vivia tinha uma explicação mais ampla, pautada na luta de classe, no racismo, machismo e que havia uma disputa por outras possibilidades para além daquela que a sociedade capitalista oferece. No segundo ano do Ensino Médio fica mais explícito minha preferência pelas disciplinas de Ciências Humanas e começo a aumentar meu rendimento escolar já me preparando para o vestibular.

O ano de 2009 foi marcado por escolhas importantes e uma delas foi estudar bastante. Estudava em uma escola particular onde a maioria de meus colegas nem cogitava uma universidade pública, ou por ser muito concorrido e exigir dedicação e estudo, ou por ter uma família que conseguiria arcar com os custos de uma instituição privada.

Por compor família pobre, sabia que cursar uma universidade privada não estaria nos meus planos e que havia a necessidade de intensificar os estudos para conseguir um bom desempenho. Com o objetivo de me preparar para o vestibular, tínhamos aulas no contra-turno e, muitas vezes eu saía de manhã e retornava somente a noite para casa. Meus pais conseguiam me repassar pouco dinheiro para almoçar, fazer lanches e lembro que o mais barato era comer X-Salada.

Sobre meu futuro profissional, cogitei três opções. A primeira, gastronomia; a segunda, relações internacionais e, a terceira, geografia. Minha mãe me desmotivou a fazer gastronomia e disse que eu tinha mais potêncial acadêmico. Para relações internacionais, eu cheguei a prestar vestibular na UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina, mas o curso, na época, era um dos poucos ofertados no país em

universidades públicas e a concorrência estava alta, logo, eu não passei no vestibular.

Contudo, eu também havia me inscrito em Geografia na Universidade Federal do Paraná. Com um bom resultado na resultado da primeira fase, aos poucos fui me motivando com o curso, com a carreira docente e com os estudos para a segunda fase do vestibular. Em janeiro de 2010, a exatos dez anos atrás, recebia a notícia de minha aprovação no curso de Geografia, no campus do Centro Politécnico, em Curitiba.

Meu irmão mais velho, José Francisco Jr, havia tentado o vestibular no ano anterior, também na UFPR, para o curso de Ciências Sociais, mas, como foi chamado para o serviço obrigatório militar na aeronáutica, não pode assumir. Logo, para alegria de minha mãe, em janeiro do ano de 2010 ela foi ao banho de lama da UFPR e encontrou o nome de dois filhos como aprovados! Meu irmão e eu fomos os primeiros a ingressar no Ensino Superior em nossa família, ambos no ensino público no ano de 2010, ele em Filosofia e eu em Geografia.

2.2 INGRESSO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

Ser uma estudante universitária foi um divisor de águas em minha trajetória de vida. Entrei muito nova na UFPR, completando 17 anos na primeira semana de aulas, em março de 2010. Como estudava em um colégio confessional muito restritivo, tive pouco contato com a diversidade de pessoas e de possibilidades de aproveitar a juventude, socializar.

No primeiro ano de graduação tive um grande impacto com as diferenças no ensino, na metodologia e nas abordagens que os professores faziam dos conteúdos, ora superficilizando temas importantes e densos para a base teórica do curso, ora se repetindo de forma massante e reafirmando uma teoria que pouco dialoga com a realidade latinoamericana e que é pouco propositiva para pensar nossa condição de colonizados, por exemplo.

Tive algumas notas medianas e aos poucos desenvolvi uma dinâmica mais eficiente de estudos, fiz amigos e me senti mais parte da vivência universitária. Já no primeiro semestre acessei a PRAE (Pró-Reitoria de Assistência Estudantil) e consegui bolsa permanência e alimentação, fundamentais para conseguir me manter

economicamente na universidade. No início do segundo ano de curso comecei a me envolver nas atividades do CAGEO (Centro Acadêmico de Geografia) e pude começar a entender mais sobre a importância da política na universidade.

Por política quero dizer decidir coletivamente nossa perspectiva de futuro. Participei em fevereiro de 2011 do XIX Encontro Nacional de Estudantes de Geografia em Vitória - ES, com o tema: Protagonistas do espaço: Empresas, Estado ou Sociedade? O estudante de Geografia e suas possibilidades de atuação política. Foi um encontro bem intenso, organizado por e para estudantes de Geografia de diferentes regiões do Brasil. O evento contou com mais de mil estudantes e nas atividades, mesas, trabalhos de campo e atividades culturais fui entendendo mais sobre as universidades públicas, a militância no movimento estudantil, a geografia e as disputas que envolvem a formação socioespacial. E foi nesse encontro de estudantes que conheci aquele que hoje é meu companheiro, Kauê, também geógrafo.

Nos anos de 2011 e 2012 segui com a graduação e no movimento estudantil, vivíamos uma ampliação da universidades, na oferta de cursos e de novos vagas e lutamos através de greves e mobilizações para que a universidade ampliasse os recursos em assistência estudantil, entendendo que era importante não só o acesso a universidade, mas também as possibilidades de permanência e conclusão do curso.

No ano de 2012 tivemos uma grande greve, com ocupação de reitoria e grande mobilização da universidade por três meses. Fiz parte da comissão de negociação de pautas junto à Reitoria da UFPR para a desocupação do prédio e, hoje, analisando o saldo político dessa ação, vejo o quanto o Movimento Estudantil avançou e garantiu ganhos reais para os estudantes, como as refeições do Restautante Universitário sete dias po semana, com café da manhã, almoço e jantar, a ampliação das rotas e horários dos intercampis, o auxílio-creche para estudantes que são mães, a contratação de mais intérpretes de LIBRAS e ampliação do número e valor das bolsas permanência, entre outros tantos avanços e ganhos reais para o movimento estudantil[1].

1A pauta de negociação pode ser vista na íntegra em: https://quebrandomuros.wordpress.com/2012/08/22/greve-estudantil-ufpr-construcao-instrumentos- e-lutas-vitorias-e-resultados-da-greve-estudantil/. Acesso em 21/01/2020.

Recentemente, conversando com uma caloura do curso de Geografia, ela me contava que com os recentes cortes de orçamento que a UFPR sofre, o curso encontra-se cada vez mais precarizado, com menos verbas e recursos para custear saídas de campo, diárias para alojamento e bolsas para pesquisa. Relatava que hoje os avanços que conseguimos são colocados em constantes tensionamento e que o enxugar gastos com educação tem sido retirar subsídios que faziam com que os estudantes mais pobres conseguissem permanecer na universidade, e precarizar o ensino, ao torná-lo mais tecnicista e a baixo custo. Logo, destaco a importância da organização coletiva dos estudantes e da ação direta para conquistar e construir uma universidade que inclua e amplie a inserção de diferentes classes econômicas e raças no ensino superior.

Na perspectiva acadêmica, participei de dois projetos na graduação que gostaria de destacar, sendo eles:

PIBID: Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (2011-2013)- Colégio Estadual Natália Reginato

O projeto consistia em oportunizar aos estudantes da licenciatura uma experência dentro das salas de aula de escolas públicas com um baixo IDEB. A proposta era trazer o uso de novas tecnologias para dentro da sala de aula como uma ferramenta didática de ensino de geografia, com o uso de imagens de satélite, saídas de campo, uso de aplicativos de localização e GPS (Google Earth e Google Maps) para os alunos de Ensino Fundamental e Médio. A experiência de acompanhar o trabalho docente foi bastante rica, ocorreu entre 2011 até 2013 e é um incentivo para investir na docência e ver possibilidades de atuação na escola pública.

ENCONTTRA-UFPR: Coletivo de Estudos sobre conflitos pelo Território e pela Terra

Para além da licenciatura e da docência em si, um dos conteúdos que mais me atraiam durante a graduação foram os conflitos por terra e território e o modo como o mundo rural e suas geografias se constituem. Cursei a disciplina de Geografia Rural e quis cada vez mais me aproximar da temática e do coletivo de estudos para aprofundar as discussões, e participar não somente da perspectiva do ensino na universidade, mas também da pesquisa e da extensão. No ano de 2012 comecei a acompanhar os grupos

de estudos semanais, a fazer as leituras e participar das discussões e percebi o quanto era significativo estar naquele coletivo.

As temáticas discutidas no grupo e na extensão na época era principalmente os Povos e Comunidades Tradicionais e as demandas de cartografia social de seus territórios e os conflitos envolvendo a posse coletiva da terra, uso coletivo. Trabalhamos com algumas comunidades faxinalenses na Região Metropolitana Sul de Curitiba, com saídas de campo e coleta de dados. Outra discussão bastante pertinente era a colonialidade do poder e do saber e o modo como essas comunidades sofriam uma classificação social que acabava por marginalizá-los. No ano de 2013 e 2014 fui bolsista de extensão e essas discussões contribuíram para a meu trabalho de conclusão de curso da licenciatura *Sobre livros didáticos, ensino de Geografia Escolar e Colonialidade(s): uma visita aos conteúdos do 7° ano do Ensino Fundamental*.

Também gostaria de destacar mais algumas atividades que ocorreram mediadas pela UFPR.

Estágio - COPEL Telecomunicações (2012 e 2013): Nessa experiência de estágio tive a oportunidade de conhecer um pouco das possibilidades de atuação junto ao bacharelado e a cartografia digital, banco de dados e cadastro de informações. Considero uma experiência importante porque a COPEL é uma das grandes instituições públicas do estado e viver aquele espaço, onde os trabalhadores são concursados, tem salários e condições de trabalho um pouco mais digna me fez ver a importância de lutar contra as privatizações e prestar concursos públicos, ocupando cargos que são estratégicos e que afetam a vida da população em serviços mais básicos, como oferta de água e saneamento básico, energia elétrica e internet.

Mobilidade Acadêmica - Universidade Federal Fluminense (2013/1). No final do ano de 2012 me inscrevi para participar do processo de mobilidade acadêmica e, entre ficar no país ou ir para o exterior, resolvi escolher a Universidade Federal Fluminense para cursar um semestre do curso de Geografia. Devido as greves que ocorreram no ano de 2012 nas universidades, houve reposições de calendário e foi um pouco desencaixado os calendários entre UFPR e UFF, contudo, em abril de 2013 me mudei para Niterói/RJ e pude vivenciar uma outra experiência de vida universitária, de vida urbana, de socialização. Estive com professores que considero grandes referências teóricas (Carlos Walter Porto-Gonçalves, Rogério Haesbaert, Valter do Carmo Cruz) e escolhi matérias que envolviam geografia agrária,

movimentos sociais, regionalização e as divisões regionais do Brasil. O ritmo das aulas, a demanda de leitura e autores e os estudantes eram bastantes diferentes da realidade das terras paranaenses, a questão racial e de gênero aparecia com mais intensidade.

Em meio a tudo isso, ocorreram as manifestações de Junho de 2013 e estar na cidade do Rio de Janeiro, com um milhão de pessoas na rua e o país em efervescência política como era o caso era algo completamente novo, otimista e assustador ao mesmo tempo. Passar um semestre em outra universidade me fez perceber a UFPR com outros olhos e quando eu voltei, em agosto de 2013, estava bastante desanimada em concluir o curso. Achava a UFPR muito conservadora, provinciana e com uma geografia que pouco dialogava com a geografia que eu acabava de conhecer e me encantar no Rio de Janeiro.

Desta forma, quando eu retornei a Curitiba pós mobilidade acadêmica começou meu momento mais díficil enquanto estudante universitária. Foi nesse momento que eu percebi no cotidiano as condições concretas que afetam a vida dos estudantes e que fazem com que as taxas de evasão sejam tão significativas. Lá estava eu, sem emprego, sem ajuda financeira dos meus pais, com um aluguel para pagar, uma graduação para concluir sem nenhuma bolsa ou auxílio da universidade.

Lembro-me de ir a PRAE realmente preocupada com o que eu faria para continuar bancando minhas despesas e estudando. Lá encontrei assistentes sociais pouco abertas ao diálogo e ajuda, que falaram para eu voltar daqui a seis meses quando reabrisse o processo de Bolsas Permanência. Mandei alguns currículos na época e quando fazia exatamente um mês que retornei a Curitiba, fui chamada para uma entrevista de estágio no Centro Social Marista Ecológica, em Almirante Tamandaré, cidade da Região Metropolitana de Curitiba.

Logo no dia da entrevista me encantei com a escola e com a proposta de Educação Integral em Tempo Integral no Ensino Fundamental II. Muitas vezes encontramos projetos de educação integral na Educação Infantil ou nas séries iniciais do Ensino Fundamental e parece que conforme avançam os anos na escolarização dos estudantes, mais padronizada e tradicional a escola vai ficando, para pesar de educandos e educadores.

O primeiro contato com a escola foi de encantamento, crianças e adolescentes correndo no pátio durante o intervalo, uma rádio de estudantes

tocando ao fundo, paredes coloridas, risadas e um amplo espaço verde no entorno da escola. A entrevista ocorreu tranquila e o desejo de trabalhar surgiu. Uma semana depois, em setembro de 2013, eu começava como estagiária dando suporte para as atividades pedagógicas, impressões, entregar bilhetes, arrumar murais, ajudar algum educando em atividades individuais, auxiliar professores, grampear provas, buscar material, tirar fotografias, servir o almoço no buffet para os estudantes, ou seja, estava participando dos bastidores da escola, sem tanto contato efetivo com os estudantes em sala de aula.

Mesmo com todas as dificuldades que vinha encontrando no meu retorno a Curitiba, esse estágio era uma oportunidade concreta de conseguir custear minhas despesas e terminar meu curso. Outro fator que me agradava muito era que a instituição era de cunho filantrópico e todos os educandos eram bolsistas, ou seja, era uma unidade social que não cobrava pelos seus serviços e estava na periferia, oportunizando um ensino de qualidade para educandos que não teriam as mesmas condições na rede estadual de ensino.

Para minha completa surpresa, em fevereiro de 2014 assumo como professora subsituta e começo a dar aulas quando haviam faltas e atestados dos professores, auxiliando nos projetos e na iniciação científica dos educandos . Aos poucos tive um contato mais efetivo em sala de aula e pude ir percebendo as dificuldades de ser uma professora que substituia outros profissionais, principalmente quando pensava em quais materias preparar para aulas pontuais ou quando havia que propor tarefas de outras disciplinas para os estudantes.

Aos poucos fui pegando o ritmo da escola, entendendo como construir uma postura docente e criar vínculo com os educandos. Me sentia desligitimada por meus colegas, tanto por ser mais jovem que eles (eu tinha 21 anos) como também por ainda não ter concluído a graduação em Geografia. Havia também questões de gênero e colegas homens que me silenciavam e diminuiam minhas contribuições e posicionamentos, apontando que eu não tinha experiência, que eu falava muito acadêmico para o Ensino Fundamental e situações desse tipo.

Aos poucos fui criando meu espaço, delimitando minhas posições e descobrindo a boniteza da docência. No ano de 2015 fui convidada a assumir as turmas de Geografia para o sexto e sétimo ano e descobri que gostava de trabalhar com essa faixa etária, cheia de energia, dúvidas e curiosidades pelos mistérios do

mundo. Os educandos sempre foram um fôlego para os dias mais díficeis, com seus sorrisos e abraços, com suas dúvidas e exemplos no meio das aulas. Além das aulas de geografia, trabalhei com oficinas voltadas ao direito à cidade, comissões envolvendo a articulação entre escola e o território onde eles moravam e também participei de uma comissão para planejar a ampliação da oferta de vagas para o Ensino Médio naquela instituição.

O ano de 2015 foi muito intenso, me formei licenciada em Geografia em 30 de abril de 2015 no Teatro da Reitoria da Universidade Federal do Paraná. Um dia antes, 29 de abril, meus colegas de profissão estavam sendo massacrados pelo então governador Beto Richa, no Centro Cívico de Curitiba. Não pude estar na Praça Nossa Senhora de Salete aquele dia, estava na antiga Mineropar (Serviço Geológico do Paraná) com 75 educandos do 6° ano, em trabalho de campo, mostrando para eles a complexidade que a evolução geológica do planeta e o quanto de geografia tem nas relações que a sociedade estabele com a natureza.

A fotografia abaixo, do dia de minha formatura, mostra um ato em solidariedade a todos os educadores e educadoras que foram feridos, machucados e humilhados no dia anterior. A beleza da fotografia é ver hoje que a luta pela educação pública e por melhores condições de trabalho para os educadores segue viva e renovada em muitas pessoas que se encontram na imagem.

FIGURA 03: EDUCADORES EM LUTA". FORMATURA DA TURMA SALETE KOZEL- GEOGRAFIA UFPR 2015.

FONTE: Autor desconhecido (2015).

Fui a primeira da minha família com um diploma de curso superior. Além disso, em uma universidade pública. Contudo, algo que deveria ser motivo de alegria, por estar na condição de trabalhadora e de estudante universitária custou um pouco de minha saúde mental. Desenvolvi um quadro de ansiedade, tomava medicamentos e comecei a fazer terapia para tentar lidar com as demandas da universidade e da escola.

Escolhi primeiro concluir a licenciatura e depois o bacharelado, entendendo que a licenciatura era minha área de atuação profissional. Em meio a essas crises de ansiedade e dificuldade de escrita acadêmica, enfrentei um processo bastante traumático de escrita de trabalho de conclusão de curso e finalização do curso. Trabalhava em outra cidade, o percurso até o campus da universidade era muito longe e no horário de trânsito intenso do final da tarde, não podia me dedicar a pesquisa e aos estudos o quanto gostaria e todo esse processo me gerou muitos traumas e frustrações com a universidade, com meu orientador, com meu TCC e a maneira como o conhecimento era produzido.

Havia ficado claro que a classe trabalhadora até conseguiria entrar na universidade, mas em sua trajetória passaria por duras penas até perceber que ali

não era seu lugar. Não bastava entrar na universidade, havia a permanência. E é no permanecer que vemos quantas dificuldades surgem e se colocam, o quanto estudar é resistir e o quanto o conhecimento é poder.

Deixei o grupo de estudos, não conseguia andar pelo campus do Centro Politécnico de tanta repulsa que eu sentia do espaço da universidade. Meu ex-orientador da monografia de licenciatura e eu acabamos com uma relação bem desgastada e eu sai da licenciatura em Geografia da UFPR não querendo mais pisar no Departamento de Geografia. Ao longo do ano de 2015 fiz algumas das disciplinas mais massantes e pouco significativas dentro do bacharelado em Geografia e vivi o paradoxo de ser jubilada e não concluir o curso ou enfrentar as poucas disciplinas que me restavam.

Com o diploma de licenciada, resolvi que faria parte da VIII turma de especialização em Juventude no Mundo Contemporâneo, pela Faculdade Jesuíta, em Belo Horizonte. Era um curso prensencial, dividido em três módulos e composto por estudantes das diversas regiões do Brasil e cada vez mais a temática dos jovens e da juventude em suas diferentes realidades era algo que me interessava.

As aulas tiveram início em julho de 2015 e tive a oportunidade de passar quase um mês morando em Belo Horizonte e conhecendo um outro Brasil, mineiro, mas também diverso devido ao mosaico de estudantes que era a minha turma. Não conhecia muito o histórico da Igreja Católica de militância através de suas pastorais, como a Pastoral da Juventude, e lá pude conviver com lideranças, padres, religiosos, irmãs e demais educadores com larga experiência em atuar com as juventudes.

FIGURA 04: VII TURMA DE ESPECIALIZAÇÃO EM JUVENTUDE DO MUNDO CONTEMPORÂNEO. FAJE 2016.

FONTE: Autor desconhecido (2016).

Sobre a UFPR, decidi que continuaria tentando me formar, escolhi outro orientador, com quem aprendi muito, e resolvi pensar a espacialidade da juventude de Almirante Tamandaré em Curitiba para meu trabalho de TCC do bacharelado. No mês de julho de 2016 conclui meu bacharelado em Geografia com um trabalho entitulado *Os jovens de Almirante Tamandaré-PR e suas espacialidade(s): entre cotidianos, rotinas e trajetórias dos/as jovens metropolitanos.*

Novamente tive crises de ansiedade que complicaram minha escrita e concluir trabalhos de conclusão de cursos se tornou um gatilho para acessar situações que demonstravam minha incapacidade de cuidar de minha saúde mental e seguir pesquisando, estudando ativa dentro da universidade.

O sucesso que tive em concluir a licenciatura e o bacharelado não foi o mesmo para concluir a especialização, e mesmo com ótimas notas, presença nos três módulos (Julho de 2015, Janeiro de 2016 e Julho de 2016) não consegui concluir a especialização em Juventudes no Mundo Contemporâneo porque não apresentei o trabalho de conclusão de curso. Mas o espaço foi tão rico e aprendi tanto que percebi que mesmo sendo importante, um diploma na mão não definia o que aprendemos, mas sim nossas experiências e aprendizados ao longo da trajetória.

No ano de 2015 tive ainda a oportunidade de fazer parte da IV turma do curso de extensão das Promotoras Legais Populares - PLP's, fato que foi bastante significativo em minha trajetória. As reunião eram semanais e toda as segundas feiras a noite, de abril até novembro, foram voltadas para pensar uma educação popular feminista, o sistema capitalista e a divisão sexual do trabalho, as relações raciais e a mulher em nossa sociedade, a diversidade sexual, o direito das mulheres trabalhadoras, a violência contra a mulher e as possibilidades de emancipação das mulheres através da política e da luta coletiva por seu próprio corpo e pelo espaço público.

A cada semana eu entendia mais o que era educação popular e ser estudante de um curso de extensão, com um coletivo de sessenta mulheres de Curitiba e região de diferentes realidades me fez entender a necessidada e a potência que é reunir e estudar com mulheres. Semelhante ao que vivemos na ANE, as reuniões eram um grande círculo, começavam sempre com uma mística inicial, um café de acolhida para as mulheres que chegavam cansadas do trabalho.

Lá haviam muitos tipos de mulheres, haviam estudantes de direito da UFPR bolsistas do projeto, mulheres dos movimentos sociais como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem- Terra (MST), do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), haviam assitentes sociais, advogadas, empregadas domésticas, professoras, mães, donas de casa, policiais, sindicalistas e tantas outras mais que semanalmente dedicavam três horas para pensar o que é ser mulher em nossa sociedade e quais são os dilemas que vivemos. Cresci muito nesse espaço e aqui, junto das mulheres e no viés da extensão, fazia muito sentido seguir participando e construindo uma luta coletiva por uma sociedade mais justa para todas.

Ao final do ano houve a escolha do nome do turma e sugeri o nome da Enedina Alves Marques, que acabou sendo a mais votada por minhas colegas. Na formatura fiz um breve discurso sobre essa mulher negra, primeira engenheira civil formada no estado do Paraná e a primeira engenheira negra do Brasil. Uma mulher que com certeza inspirou tantas outras que vieram depois dela e uma mulher que através do seu exemplo mostra que por mais díficil que o espaço universitário seja, é preciso ocupá-lo não somente com um número de matrícula, mas com nossos corpos, nossa presença política, enquanto mulheres, negras, trabalhadores e tudo mais que contribua para trazer a diversidade de gênero, classe, raça e sexualidade

para a academia. No ano de 2015 participei como estudante e no ano de 2016 como parte da coordenação. Segue abaixo dois registros siginificativos.

FIGURA 05: FORMATURA IV TURMA DE PROMOTORAS LEGAIS POPULARES- TURMA ENEDINA ALVES MARQUES (2015)

FONTE: Joka Rodrigues (2015).

FIGURA 06: FOTO OFICIAL- FORMATURA IV TURMA DE PROMOTORAS LEGAIS POPULARES- TURMA ENEDINA ALVES MARQUES (2015)

FONTE: Joka Rodrigues (2015).

FIGURA 07: FORMATURA DA V TURMA DE PROMOTORAS LEGAIS POPULARES- TURMA DILMA VANNA ROUSSEF 2016.

FONTE: Joka Rodrigues(2016).

FIGURA 08: FOTO OFICIAL DA FORMATURA DA V TURMA DE PROMOTORAS LEGAIS POPULARES - TURMA DILMA VANNA ROUSSEF 2016.

FONTE: Joka Rodrigues (2016).

Passado o ano de 2016, tive cada vez mais certeza que a universidade que não dialogava comigo e que me adoecia. Seguia como docente no Centro Social Marista Ecológica e cada vez mais me dedicava a dimensão do trabalho docente e do ensino de Geografia com uma carga horária de 30 horas semanais, que na prática demandavam bastante preparação, planejamento, correções e atividades. Participei em 2016 de oficinas voltadas a Agroecologia e educação ambiental na

escola, além de participar de comissões envolvendo a temática de gênero. Abaixo segue um registro de saída de campo realizada com os educandos no Centro histórico de Curitiba.

FIGURA 09: TRABALHO DE CAMPO NO CENTRO HISTÓRICO DE CURITIBA- PR.

Fonte: Acervo pessoal.

Ainda em 2016 prestei o processo seletivo para o mestrado na Universidade de São Paulo, para o Programa de Pós Graduação em Geografia Humana e após passar por uma entrevista com uma banca bastante opressora para estudantes de fora daquela instituição, eu fui reprovada no processo e fiquei bastante receosa de tentar novamente. No ano de 2017 resolvi tentar aumentar minha carga horária e trabalhar em duas escolas, obtive sucesso por um bimestre, até descobrir no começo de maio que o cansaço e a sonolência que vinha sentindo não era só motivado pelo excesso de trabalho, mas devido a estar grávida.

Acabei deixando a segunda escola em que trabalhava por não conseguir dar conta da demanda de trabalho de duas escolas, preparar aulas, provas e gestar uma

criança. Final de agosto tive algumas complicações na gravidez e recebi uma licença médica do INSS até o final da gravidez, em dezembro. Após a licença maternidade, retornei minhas atividades docentes no começo de julho de 2018.

Havia ficado quase um ano sem estar na escola, longe do meu trabalho e preocupada em aprender a ser mãe, cuidar de um bebê, lutar por um parto humanizado, amamentar, introdução alimentar e todas as preocupações que assolam uma mãe de primeira viagem.

Voltei para a escola com o coração apertado, preocupada em como estaria o Antônio Emiliano aos cuidados de sua avó. Contudo, haviam outros motivos que me preocupavam dentro da escola, já te que ela havia mudado significativamente desde minha saída abrupta no ano anterior. Segue FIGURA 10, um dos registros das últimas atividades que realizei por lá, vulcões com os 6° anos.

FIGURA 10: GEOGRAFIA SE FAZ COM AS MÃOS.

FONTE: acervo pessoal (2017).

A gestão da escola estava bastante diferente, a diretora havia sido transferida e a nova direção impunha um novo ritmo, investindo mais na disciplina, em notas e resultados com os educandos e metas, prazos e fiscalização do trabalho docente. Por algum tempo, sempre me posicionava de maneira critica e construtiva

dentro da escola, mas no meu retorno percebi que a escola não estava mais tão aberta ao diálogo.

Assim que retornei e participei da formação pedagógica das férias de julho, fui chamada para uma conversa individual e a gestão me informou que a escola estava diferente e eu teria que me adaptar aquela nova dinâmica. A novidade era condições de trabalho mais precárias para nós, educadores.

Mais demanda por entrega de planos de aula quinzenais, planejamento, chamadas online, e uma oferta de condições de trabalho (equipamentos tecnológicos como notebooks e projetores, melhores sala de aulas) que favorecia colegas de trabalho mais alinhados com a gestão escolar. Ou seja, vivi um processo que caracterizo como assédio moral por parte da direção da escola, que novamente me conduziu a crises de ansiedade, depressão e uma profunda certeza de que eu não poderia mais lecionar porque não conseguia lidar com as demandas que chegavam por parte da gestão e pela dinâmica do trabalho docente.

Lendo o texto Quando ensinar é adoecer, de Emilio Gennari (2014) e Paulo Freire, em Educação como prática de liberdade (2014), entendi que é justamente nessas relações assimétricas de poder entre sociedade, alunos e demandas de mercado de trabalho que se inicia esse processo de adoecimento no contexto docente.

Neste sentido, a um (des)encontro entre as nossas expectativas enquanto docentes, as prescrições e metas insitucionais e a realidade na sala de aula. Mesmo que o autor trate da escola pública no referido trecho, percebe-se que muitas dessas cobranças se repetem no ensino privado.

> No modelo atual de escola pública, além de elevar o número de aulas para garantir o sustento familiar, quem ensina deve desempenhar também tarefas administrativas, esboçar planos de trabalho, orientar alunos, dialogar com suas famílias, organizar e realizar atividades fora da sala de aula, pesquisar e reciclar conhecimentos, participar de reuniões de coordenação, seminários, conselhos de classe, pensar e efetuar processos de recuperação, preencher relatórios, cuidar do patrimônio da escola, viabilizar decisões hierárquicas como executor de propostas alheias e, quase sempre, sem a preparação necessária. (GENNARI, 2014, p. 1)

Em meio a tantos tarefas que extrapolam a sala de aulam e exigem preparo e planejamento, aos poucos o quadro que se configurou de adoecimento ganhou maiores proporções. Escrevo isso porque sei que essa questão é compartilhada por

muitos colegas de profissão e muitas vezes não nos permitimos assumir que adoecemos por fazer algo que é tão importante quanto o ato de ensinar é para nós.

Conforme aponta Gennari,

> A recompensa material e moral pelas energias e a criatividade despendidas nas aulas funciona como uma espécie de armadura da saúde mental do indivíduo à medida que lhe permite se recompor das situações de sofrimento, superar as frustrações, propiciar novos começos e dar sentido ao cotidiano. Porém, sempre que as expectativas se mantêm elevadas e o passar do tempo revela que os objetivos almejados não serão atingidos, o entusiasmo e as energias iniciais definham cedendo espaço ao desencanto e à indiferença. (GENNARI, 2014, p. 3)

Fui demitida em dezembro de 2018, sem fugir a regra de tantas e tantas empresas que demitem suas funcionárias após a maternidade ou após um reajuste de quadro de funcionário, tanto para enxugar gastos com a folha de pagamento, quanto para calar possíveis dissidências políticas e/ou pedagógicas. Senti na pele o que o autor chama de elevar as expectativas e perceber que elas não seriam atingidas realmente me tirou o encanto da sala de aula e me fez indiferente.

Aprendi muito sobre o que é ser educadora naquele espaço e sobre a dor e a beleza desse processo, suas contradições e possibilidades. Sou grata por cada aula, por cada abraço, por cada oficina, cada acolhida e por cada café da manhã e almoço partilhado, por cada pôr do Sol findando mais um dia de trabalho. Sou muito grata pelas amizades que fiz e por perceber que a sala de aula é mesmo esse espaço onde aprendemos e ensinamos ao mesmo tempo.

É a partir da prática cotidiana que refletimos sobre a importância da escola pública e da educação popular. Ser educadora em escolas particulares me fez entender que é preciso democratizar as relações de poder no ambiente escolar e que a escola particular, em sua dinâmica, caminhava cada vez mais para colocar interesses e metas externas nas demandas dos educadores.

Vejo muitos colegas sofrendo processos de adoecimentos parecidos, mais intensos ou mais brandos, com aquele que eu sofri em minhas últimas experiências como docente em escolas particulares. Hoje percebo que o mais cômodo é não refletir sobre esses processos, contudo, não vejo como conseguir construir alternativas para a nova educação, se nós, enquanto educadores, não reconhecemos e não refletimos sobre as nossas próprias dores, para fazer dessas

dores um modo de superar as contradições. Sobre esse processo de adoecimento, ainda podemos apontar que

> Quando o estresse atinge níveis elevados, os sintomas físicos mais comuns relatados pelos docentes são: problemas digestivos, enjoos, nervosismo e irritabilidade constantes, ímpetos de raiva, crises de choro, dor cervical e onos ombros, manchas de pele, fadiga, alterações do sono, pressão alt a, palpitações, dores no peito, falta de ar, tremedeiras, tonturas, acompanhados de frequentes momentos de desânimo, ansiedade e angústia. A variedade e a intensidade dos sintomas são um indicador importante do nível de tensão acumulado. De fato, as manifestações físicas costumam ser um sinal de alerta e uma válvula de escape do organismo quando o sofrimento caminha em direção ao adoecimento psíquico. (GENNARI, 2014, p. 2)

Em meio a este cenário, de fechar um ciclo na escola onde trabalhava a quase cinco anos, durante o ano de 2018 me envolvi em dois novos projetos que mudaram significamente minha trajetória como educadora e como geógrafa. Compartilhar a história deles é o objetivo principal deste trabalho, pois foram tanto a participação no Cursinho Popular Emancipa Vila Verde, como cursar a II Turma da Especialização em Alternativas para a Nova Educação que me ajudaram a encontram sentido e direção em tempos tão difíceis. Para finalizar este capítulo, reafimamos o que Paulo Freire aponta que ensinar exige uma convicção de que a mudança é possível.

> É preciso, porém, que tenhamos na resistência que nos preserva vivos, na compreensão do futuro como problema e na vocação para o ser mais como expressão da natureza humana em processo de estar sendo, fundamento para a nossa rebeldia e não para a nossa resignaçãoem face das ofensas que nos destroem o ser. Não é na resignação, mas na rebeldia em face das injustiças que nos afirmamos. (FREIRE, 2014, p. 78)

Este capítulo que se finda era para explicar como chegamos na ANE e de que forma as vivências e experiências dentro e fora da universidade ajudam a trilhar minha caminhada. Tanto a experiência do Emancipa quanto da ANE serão descritas nos capítulos a seguir.

3 TRAJETÓRIA ANEANA

> A viagem não acaba nunca. Só os viajantes acabam. E mesmo estes podem prolongar-se em memória, em lembrança, em narrativa. Quando o visitante sentou na areia da praia e disse: "Não há mais o que ver", saiba que não era assim. O fim de uma viagem é apenas o começo de outra. É preciso ver o que não foi visto, ver outra vez o que se viu já, ver na primavera o que se vira no verão, ver de dia o que se viu de noite, com o sol onde primeiramente a chuva caía, ver a seara verde, o fruto maduro, a pedra que mudou de lugar, a sombra que aqui não estava. É preciso voltar aos passos que foram dados, para repetir e para traçar caminhos novos ao lado deles. É preciso recomeçar a viagem. Sempre.
>
> José Saramago, em A Caverna

Como disse anteriormente, por algum tempo após formada desenvolvi um desgosto pela Universidade Federal do Paraná. Achava que a universidade estava distante de ajudar os professores do ensino básico em seu trabalho docente, que se falava de ensino de Geografia, mas que pouco podíamos aplicar efetivamente no cotidiano escolar a didática e as perspectivas vistas na graduação. Ou seja, percebia que o abismo entre escola e universidade estava colocado e que devido a uma jornada exaustiva como professora, não havia motivo para voltar para a pós-graduação naquele momento.

Como professora, sei que estar longe da universidade não significa ficar sem estudar, significa ficar mais restrita em estudar e buscar estratégias de ensino-aprendizagem que sejam mais efetivas, abordagens mais didáticas de conteúdos, preparação de material, aulas, planejamentos, simulados e avaliações. Contudo, a tendência da escola tradicional, com seu modelo fracassado de disciplinamento dos alunos, o autoritarismo e a memorização nos coloca frente a frente com a contradição onde os professores são agentes desse método expositivo e verbal, mesmo que nós pouco concordemos e acreditemos no resultado desse método.

Desta forma, ao viver a situação de trabalhar em uma escola tradicional, ou em escolas com tendências liberais que atendem a manutenção do status quo, de modo acrítico, percebi a angústia causado nos educadores progessistas, mais críticos e comprometidos com uma modificação na sociedade por meio da educação.

Ficar angustiado, ansioso e cansado, neste contexto, é muito comum e muito danoso para a saúde mental, porque o trabalho docente, nestas relações, gera o que Hooks (2013) chama de objetificação dos professores. Com a prática

engessada, o educador torna-se mais uma das engrenagens da escola, ao exigir um ritmo industrial de desempenho escolar nas turmas e ao correr atrás dos prazos para dar conta dos conteúdos previstos para aquele ano/trimestre, ou seja, manter produtividade em série em estruturas educacionais burguesas.

Experenciar esse processo de objetificação docente e ver a reprodução desse processo em colegas e amigos de profissão despertou a necessidade de procurar alternativas que nos tirassem da condição de objetos e nos provocassem para a posição de sujeitos, como afirma Paulo Freire (2014), em Educação como Prática de Liberdade. Para o autor, procurar alternativas é tomar consciência, e tomar consciência exige um compromisso ético com a ação e com uma prática de transformação social através da educação.

Os efeitos dessa objetificação nas experiências de trabalho e a conjuntura política de nosso país para a educação tornam-se, então, dois motivos para retornar à universidade. Após dois anos de minha conclusão do Bacharelado em Geografia, ouvi boas indicações de amigas que estudam na UFPR Litoral sobre a Especialização Alternativas para uma Nova Educação e senti que, em meio a tantos ataques que as universidades públicas sucessivamente têm sofrido, havia chego o tempo de não mais criticar, mas construir na condição de estudante uma concepção de universidade que acolhe e constrói caminhos para superar angústias dos educadores da educação básica. E quando digo superar angústias, não quero dizer um grupo terapêutico, ou uma roda de lamentos. Quero dizer de sair de nossa zona de conforto e viver outras experiências possíveis, pois a viagem nessa trajetória docente nunca acaba e é preciso recomeçar a viagem sempre.

Logo, recomeçar uma viagem ancorada na UFPR Litoral via ANE foi um profundo processo resignificar a universidade e o modo como podemos fazer ensino, pesquisa e extensão acreditando que a educação é uma forma de intervir e transformar o mundo. Como eu não era professora da rede pública de ensino básico, ao me inscrever no processo seletivo da especialização, tinha poucas certezas sobre se seria ou não chamada para compor a segunda turma da ANE. Além disso, acabava de voltar a trabalhar após minha licença maternidade e ao me inscrever senti que realmente precisava reaprender a estar na universidade e fazer da especialização um dos caminhos para lidar com as angústias e dificuldades que eu vivia enquanto professora na escola.

Nesse ponto, considero muito que voltar a universidade e refletir sobre alternativas para a nova educação é o que Bell Hooks (2013) chama de dar nome a nossa dor e teorizar a partir das experiências vividas, visto que fazer (e pensar) a teoria é o nosso desafio e esperança de nossa libertação. O que eu não sabia era que ser novamente estudante da UFPR seria uma forma tão potente para contruir o que Hooks (2013) chama de contrução de identidade na resistência. Percebi com a autora que, se quero ser uma educadora que coloca em prática uma pedagogia engajada, não posso entrar na luta como um objeto para mais tarde me tornar sujeito. E o relato dos encontros que seguem nesse capítulo é justamente esse processo de tomada de consciência de que sou sujeita.

Além dela, percebo que essa caminhada junto a ANE é também reafirmar o que Paulo Freire (2014) aponta quando diz que "só na convicção permanente do inacabado pode encontrar o homem e as sociedades o sentido da esperança" (p. 72), e é por essa convicção que percebo o quanto tenho que avançar em minha prática e o quão necessário é a esperança e a possibilidade do novo, não com um olhar ingênuo, mas pautado por um otimismo crítico. Segue, então, um pouco de minhas percepções sobre os encontros e vivências oportunizadas pela ANE.

Durante as atividades letivas da ANE os momentos foram divididos entre encontro mensais e vivências fora do espaço da universidade. O foco central era oferecer aulas comuns a todos da especialização, mas também oportunizar que os nós, educandos, pudéssemos escolher as vivências e espaços que dialogassem com nossos projetos e que, ao final, na IV CONANE Caiçara houvesse uma socialização dos projetos desenvolvidos por todos, em seus diferentes eixos.

Desta forma, divido o capítulo a seguir em três partes: a primeira parte voltada a relatar os primeiros encontros mensais da ANE e suas dinâmicas, a segunda para as vivências extra-classe da ANE onde sistematizo as vivências mais gerais da turma e a dos projetos de colegas de turma, e a terceira parte voltada para como fechamos este ciclo aneano, com o relato da IV CONANE Caiçara, que encerrou as atividades da II turma de ANE.

3.1 PRIMEIROS ENCONTROS MENSAIS DA ANE

Durante o ano de 2018 e 2019 na ANE houveram quatorze encontros mensais na ANE, que ocorreram quase em sua totalidade no primeiro sábado de cada mês, das 8:30h até as 17h na UFPR Litoral, em Matinhos. Com exceção dos encontros de junho e parte do encontro de outubro, que não pude comparecer, pude estar presente nos demais encontros e resolvi relatar a seguir um pouco da vivência de sete desses encontros aneanos.

3.1.1 1° encontro mensal: 18/08/2018 - Quem Somos?

A primeira aula da segunda turma de especialização em Alternativas para a Nova Educação começou em um sábado, em meados de agosto. Nunca havia estado antes na UFPR Litoral e chegando na universidade percebi que o prédio, as intervenções artísticas nas paredes e o perfil dos estudantes do litoral seria bem diferente daqueles encontrados no planalto paranaese. Ao chegarmos na sala da especialização, já percebemos uma disposição diferente das cadeiras, a ausência de carteiras. Um espaço amplo, um quadro branco e um grande círculo, uma roda de conversas e uma porção de pessoas otimistas e curiosas para dar início a segunda turma.

O objetivo da especialização compartilhado neste primeiro encontro era o desafio de construir alternativas para uma mudança educacional não hegemônica. Que grande desafio! E para começá-lo, nos colocamos para ouvir as trajetórias de vida e as expectativas de nossos colegas de turma com a especialização, com suas profissões e com a educação.

Haviam sessenta estudantes, sobretudo mulheres, compartilhando que caminhos os traziam para o espaço da ANE, como haviam conhecido a proposta e qual era o lugar de origem: Matinhos, Antonina, Guaratuba, Curitiba, São José dos Pinhais, São Paulo, Palhoça e Campo Largo. Essas são apenas algumas das cidades dos estudantes da segunda turma, e ao longo das falas dos colegas percebemos a diversidade de inserções que também estavam apresentadas, com educação formal, mas também com temáticas como educação inclusiva, educação

escolar indígena, educação ambiental, educação popular e comunitária, gestão escolar, formação docente, juventude e teatro.

O resultado foi amplo horizonte de inserções e ao longo do curso essa primeira apresentação iria nos ajudar a situar pessoas, inserções e temáticas e descobrir maneiras de contruir redes, nós, enredar a ANE. Criar vínculos, amizades, trabalho coletivo e aproximações na prática. Cada um de nós foi chamado ao centro do círculo para se apresentar e fazer conhecer. O grupo era grande, diverso, e a atividade, mesmo que extensa, foi importante para saber com quem podíamos contar e construir a turma. Segue abaixo um registro desse primeiro encontro.

FIGURA 11: PRIMEIRO ENCONTRO GERAL DA ANE- TURMA 2018

FONTE: acervo ANE (2018).

Assim, conforme a Figura 11, bastante abertos, curiosos e provocados encerramos o primeiro encontro mensal da ANE II. Na imagem acima podemos observar uma grande roda que conta com a presença de professores, estudantes da primeira e da segunda turma, outros convidados e também estudantes que estavam na lista de espera para ingressar na especialização, nos colocando para viver uma primeiro momento de trocas interexperencias, interdisciplinares, interritoriais, intergeracionais e interinstitucionais entre o coletivo.

3.1.2 2° encontro mensal: 01/09/2018 - O que é a ANE?

O segundo encontro mensal exigia de nós uma tarefa de casa, uma leitura prévia para situar em que contexto a ANE se situava e quais princípios a suleavam tendo em vista movimentos nacionais de mudança educacional na perspectiva contra hegemônica, ou seja, de tranformação social a partir da educação. Entre as

leituras indicadas estava tanto o III Manifesto pela Educação (2013) - que pode ser considerada como um embrião para pensar as CONANEs (Conferência Nacional de Alternativas para uma Nova Educação), como também o texto referente ao Programa de Estímulo à Criatividade na Educação Básica – MEC 27/8/2015.

O primeiro texto sugerido é mais que um texto, é um manifesto. Mudar a escola, melhorar a educação, transformar o país. Antes de propor algo, a leitura apontara um panorama dos desafio educacional que encontramos em nosso país, seja pelo número de analfabetos, seja pela alta taxa de evasão escolar da juventude, a situação era de que muito precisava ser feito. E não precisávamos de mais do mesmo.

O manifesto tem justamente o caráter de denúncia e de anúncio, bem como Paulo Freire gostava de problematizar. A denúncia é que não podemos mais seguir com formas arcaicas de transmissão de ensino, de educação bancária e não dialógica. O anúncio é que há pessoas e instituições interessadas em provocar mudanças no paradigma educacional brasileiro e que entendem e disputam uma concepção de aprendizagem que é muito mais do que reprodução de conteúdos, e que tem muito de criação de vínculo e desenvolvimento afetivo e emocional, já que como bem aponta o III Manifesto educação é um processo contínuo, intensional e transformador, que nos humaniza. Nesse sentido, é preciso educar-se para a integridade, solidariedade, diversidade, realidade, democracia e dignidade, pois é assim que geramos transformação social e humana e buscamos a coerência entre o fazer pedagógico e as mudanças educacionais necessárias.

O segundo documento possui um cunho voltado para a política pública de inovação e criatividade na educação básica e o fortalecimento de organizações inspiradoras e pioneiras em um cenário de mudanças significativas no campo da educação como é o caso brasileiro quando pensamos a inserção das novas tecnologias de comunicação e as mudanças ocorridas nas relações e nas perspectivas do mundo do trabalho.

A centralidade da escola também foi destacada no texto e nas discussões, pois mesmo que a educação não se reduza a escola, esse espaço é ainda o centro e a referência do processo educativo e precisamos entender que não é qualquer escola que queremos, mas sim, uma escola que entenda que para aprender o educando deve estar motivado, sensibilizado e interssado na informação.

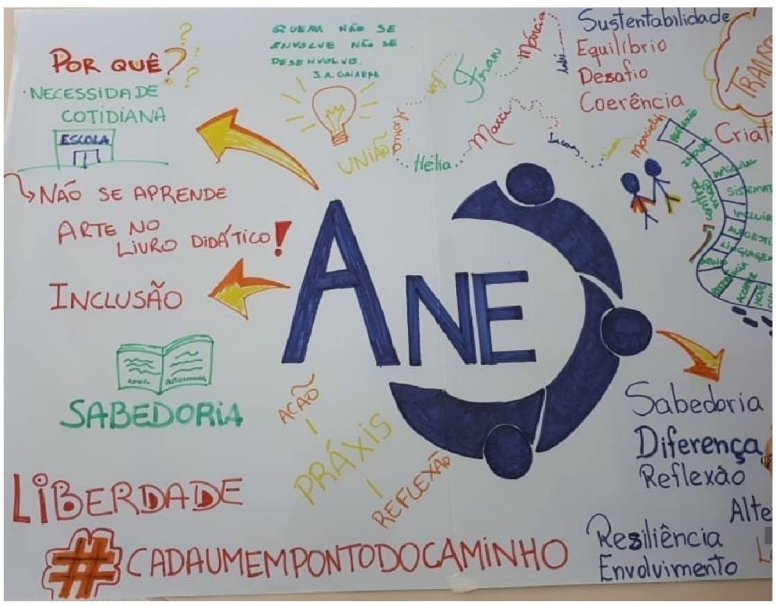
O texto do Programa e as falas na roda de conversa também apontaram para as dificuldades encontradas e o modo como o conservadorismo, o comodismo e o desconhecimento de alternativas por parte da gestão escolar e/ou dos colegas de trabalho são impecilhos para colocar em prática e vivenciar outras possibilidades educativas.

As provocações por parte dos mediadores do diálogo também apontaram a necessidade de superar o isolamento e a fragmentação das experincias, o personalismo e a descontinuidade dos projetos. Neste ponto vemos uma das preocupações centrais do que foram as ações da ANE, ao partilhar de uma visão coletivizada da educação, que enraizada na comunidade e nas pessoas consegue criar pontes e conexões que fortalecem mutuamente os agentes envolvidos.

Para além da discussão destes textos e temáticas, uma discussão sobre os princípios da ANE também foi significativa, pois eles nos acompanharam e se fizeram prática em muitos momentos: a Autonomia, a Responsabilidade e a Solidariedade. Refletir sobre cada uma desses compromissos ANEanos, e colocá-los em nossas ações tornou mais complexo o que é fazer parte da turma e nos provocou a uma consciência crítica e ética sobre nossas propostas e posturas individuais e coletivas.

Segue abaixo tanto o cartaz de sistematização feito a partir da facilitação gráfica como o registro de nosso grupo de diálogo e trocas sobre o que é a ANE.

FIGURA 12: FACILITAÇÃO GRÁFICA DO DIÁLOGO DO GRUPO



FONTE: acervo pessoal (2018).

FIGURA 13: GRUPO DE DIÁLOGO E SISTEMATIZAÇÃO.

FONTE: acervo ANE.

O segundo encontro mensal também serviu para conversar em grupos menores, gerar trocas de experiências e discutir o calendário de atividades, ao sinalizar as próximas ações da ANE previstas, como o Festival Solidário da Praia da Pinheira, em Palhoça - SC, e projetar os caminhos para construir unidade para a segunda turma.

3.1.3 3° encontro mensal: 06/10/2018 – Por que precisamos mudar?

O mês de setembro do ano de 2018 foi um momento bem difícil para a política brasileira. Caminhávamos a passos rápidos em uma campanha eleitoral baseadas em fake news, sem compromisso com a ética e nem com a verdade. Em meio a essa conjuntura de incertezas e de assombro frente as eleições que se aproximavam, reposições de greves e avanço do conservadorismo, nos reunimos em nosso encontro mensal para pensar qual era o motivo que nos motivava a mudar e buscar alternativas para a nova educação.

Distante de um cenário confortável para nós, ou para a docência, ou para o campo progressista das lutas sociais, com certeza era difícil projetar um horizonte favorável, cheio de bonitezas e de emancipação. Contudo, vejo aqui que aspectos de nossa curta experiência democrática voltam a se repetir e que, da maneira muito

parecida com a conjuntura pré-golpe militar de 1964 caracterizada por Paulo Freire (2014), vivemos sintomas de uma sociedade que começava a se entender enquanto sujeita de si mesma, como protagonista em sua própria história social, e que, entre a dualidade de aprofundar o processo de politização ou dar um passo para atrás e evocar o conservadorismo, preferiu o apego às velhas formas de ser, o autoritarismo e a manutenção da alienação do homem e da sociedade brasileira.

Nesse dia, não fui sozinha para a aula, Antônio Emiliano, meu filho, me acompanhou nas atividades e mesmo querendo prestar muita atenção nas falas e imagens, cuidar de uma criança de dez meses não ajudava a manter minha concentração, exigindo atenção cuidado quase que constantes. No encontro, tivemos a mediação feita pelo prof. Valdo e eu, enquanto geógrafa de formação, senti muitas provocações e novos olhares sobre temas e assuntos já conhecidos, o que tornou o espaço um momento muito rico e reflexivo.

Em minhas anotações para o dia, destaquei novamente uma frase de Paulo Freire, sendo que para o autor 'não é possível fazer uma reflexão sobre o que é a educação sem refletir sobre o próprio ser humano'. Essa frase me marcou muito, porque me fez refletir o quanto nós exteriorizamos os problemas relacionados a educação como se nós também não fizessemos parte dele e pouco percebemos as concepções e práticas da educação tradicional que nos habitam e são por nós reproduzidas de maneira naturalizada.

Lendo outros livros do autor, compreendi que precisávamos, enquanto ingressantes da ANE, criar espaços em nós e em nossas inserções para que as alternativas para a nova educação pudessem acontecer. Isso exigia de nós duas características centrais: libertar-se da unidimensionalidade do tempo, entendendo que o mundo possui uma realidade objetiva que independe de homem, mas que o a humanidade é interferidora no mundo através da possibilidade da história e da cultura (FREIRE, 2014).

Entendermos nós mesmos como homens e mulheres integrados, sujeitos, situados e datados de nossas condições históricas e interessados em construir caminhos que humanizem através de uma educação significativa, dialogal, ativa e democrática que promove na sociedade uma transitividade crítica para a matriz da verdadeira democracia- onde temos formas de vida permeáveis, questionadoras, inquietas e dialógicas (FREIRE, 2014).

Sabemos o quão longe e o quão perto estamos de alcançar esses objetivos, tanto individual, como coletivamente, mas o fato é que para essas compreensões se tornarem práticas e é preciso redimensionar o que aprendemos anteriormente. Como bem apontado pelo mediação do encontro, na citação de Antônio Novoa, *precisamos de espaço no mapa da educação*, precisamos re-aprender, precisamos deixar o velho morrer para que as alternativas possam surgir, para que o desconhecido aflore e nos dê novos caminhos para seguir.

Em resposta a pergunta título da aula, gostaria de compartilhar um registro desse terceiro encontro da ANE.

FIGURA 14: ANTÔNIO EMILIANO, PRESENTE.

FONTE: acervo pessoal (2018).

Com essa foto do meu filho, que representa não somente ele, mas toda uma geração de crianças que são ou serão nossos educandos, vejo que precisamos mudar porque o passado é uma roupa que não nos serve mais. Nos causa dor. Angústias. E exitem muitos adultos que estão presos a uma visão intransitiva ou uma transitividade ingênua sobre a sociedade, como se ela fosse imutável, impermeável. Ou ainda, adultos na condição de trabalhadores acomodados,

massificados, ligados a formas mais vegetativas de vida, sacrificando cotidianamente sua capacidade criadora em trabalhos alienantes.

A concepção de uma educação tradicional não nos serve mais porque é tempo de aprofundar a fase de transição que o nosso país vivia, é tempo de combater desigualdades sociais, de justiça social e é tempo de disputar imaginários e compreensões de vida que possam superar o capitalismo, criar diálogo e formas de aprofundar a participação popular democrática. Crianças são ameaças eminentes de novas possibilidades e é por elas, por imaginar um outro futuro, que vejo a necessidade de redimensionar o que já sabemos para abrir espaço para que possamos integrar e criar junto com elas outras possibilidades de ensinar e aprender, não objetificando o outro, mas vendo no outro um igual- sujeito, que juntos se integram, se humanizam e permitem construir novos mapas, horizontes e caminhos.

3.1.4 4° encontro mensal: 10/11/2018 – Como mudar? Pensando Projetos

O quarto encontro mensal da ANE foi bastante significativo para mim, era a primeira vez que o Antônio não foi a ANE comigo e eu passava por um momento bastante difícil com relação a minha saúde mental e crises de ansiedade ligadas ao meu trabalho na escola. O encontro começo com um prática interexperencial, de ouvir o relato do CEU Heliópolis com a Valquíria e a Laila e me aproximar da experiência de roteiro de estudos, metodologia de projetos e relatos sobre outras experiências em São Paulo como o Projeto Âncora, a EMEF Desembragador Amorim Lima e o bairro educador em Heliópolis.

O relato das mulheres e as dúvidas que foram respondidas nos mostravam que inovar e fazer diferente na escola é difícil, mas é possível. Mas diferente de um texto, de um vídeo, elas compartilharam a experiência e a vivência delas, com olho no olho e com a vontade de inspirar e multiplicar o que já está sendo feito.

Depois desse relato de experiência, foi a vez do prof. Valentim contribuir e trazer elementos para pensarmos os projetos de mudança e as ações que faríamos na ANE. Passado o segundo turno das eleições, já sabíamos que um governo conservador e com inspirações fascistas asusmiria o poder e começamos o dia com

duas provocações iniciais: não é na sede que se cava o poço; não é no dia do combate que se forja a espada.

Como bons provérbios populares, ambas as frases remontam que é necessário preparação, intencionalidade e planejamento para nos prepararem e munirem frente as adversidades, e com as ações educativas da ANE não seria diferente. Esses provérbios também podem ser aplicados quando pensamos que a educação é um ato consciente e que é preciso essa conscientização quando pensamos em colocar ideias em prática para que ela se converta em práxis, uma ação refletida de intervenção na realidade.

Nessa análise de conjuntura feita pelo professor também houve um momento reflexivo interessante. Partindo da história da cartografia, os mapas mais modernos e completos de determinados momentos históricos foram apresentados junto a informações que contextualizavam a obra, como o contexto político e econômico, e hoje vemos que o que os geógrafos e cartográfos quatro a cinco século atrás consideravam um mapa mundi completo, detalhista e com uso de avançadas ténicas, hoje possui erros graves como não incluir continentes inteiros, como é o caso de América e Oceania em mapas deste período que juntos somam mais de um terço da porção territorial do planeta.

O recorte histórico e a abordagem do encontro me fez perceber na prática o que o Saramago escreve em seu poema quando diz “Quando o visitante sentou na areia da praia e disse: “Não há mais o que ver”, saiba que não era assim. O fim de uma viagem é apenas o começo de outra. É preciso ver o que não foi visto, ver outra vez o que se viu já (...)”, pois somente nos reconhecendo como inacabados, abertos e dispostos a praticar outros olhares é que podemos nos desconstituir do nosso fazer já viciado na escola tradicional para então rever a escola e construir alternativas. E novamente, primeiro um olhar sobre si próprio para depois obervar o todo e os seus (descom)passos.

Algumas perguntas reflexivas eram postas para nós. Perguntas como o quais são os elementos óbvios e não óbvios da ANE? Qual é a função da escola? Como transformar ideias em práticas? E essas perguntas eram provocaticas porque nós estudantes conhecemos nossa realidade e os cenários desfavoráveis, e onde frases como não dá e que não pode são as respostas prontas para as práticas inovadoras.

Para concluir as reflexões da aula, depois das discussões sobre o calendário de atividades, foi destacada a importância que os sentimentos possuem no percurso de mudanças que envolvem construir alternativas para a nova educação e sobre quanto o momento que estávamos vivendo enquanto educadores no Brasil exigia- e continua a exigir- de nós resistência, resiliência e persistência. Exige a luta em defesa dos direito dos educadores e de uma educação de qualidade para o país. E como Paulo Freire afirma no livro a Pedagogia da Autonomia (1996, p. 67), a minha resposta à ofensa à educação é minha luta política, consciente, crítica e organizada contra os ofensores.

3.1.5 5° encontro mensal: 01/12/2018 - Síntese de percepções e encaminhamentos

O quinto encontro da ANE, para findar o ano de 2018, disputa como um dos meus preferidos, especial. Vivia um momento muito triste como educadora, de fechar um ciclo em uma escola que me adoecia e tirava minha alegria de viver como poucas vezes eu pude viver. Aquele encontro da ANE foi um pequeno oásis em meio a um momento difícil. Um respiro, um afago.

Desci a Serra com meu antigo carro, um Fusca, e nele estavam eu, Antônio e meu companheiro Kauê. Chegamos levemente atrasados e assim que cheguei fui inserida em um grupo, que já estava em meio a uma das muitas atividades integrativas e práticas que seriam propostas aquele dia. O espaço da chacará, a natureza e a disposição de meus colegas já ajudava a imaginar que o que eu ia viver aquele dia seria muito intenso e fui de coração aberto. E de fato foi intenso.

Uma das características que mais me encantou em minha trajetória da ANE é que ela é experiencial. Ou seja, ela é para teorizar, mas também é para sentir, ver, tocar, abraçar, comer, encontrar, sorrir e chorar. Em cada uma das atividades em grupo havia um novo desafio a ser concluído coletivamente, de distintas formas. Algumas mais rápidas, outras mais lentas. Como um grande rodízio, íamos experimentando e já imaginando como aplicar em sala, na escola e nos demais espaços que compomos. Seguem alguns registros do dia.

FIGURA 15: INTEGRAÇÃO COM A TURMA. 5° ENCONTRO DA ANE 2018 - EXPERENCIAL AO AR LIVRE I.

FONTE: acervo de Samyra De Lourdes Stephan (2018).

FIGURA 16: ATIVIDADE PRÁTICA. 5° ENCONTRO DA ANE 2018. EXPERENCIAL AO AR LIVRE II.

FONTE: acervo de Samyra De Lourdes Stephan (2018).

Ao pesquisar fotografias para colocar no relato, pude relembrar o quanto este encontro da ANE foi leve e intenso ao mesmo tempo. O quanto ele nos fez estar presente no tempo presente, vivendo as atividades não na posição de

proponente, ou na posição de mediador, que prepara para alguém, mas sim na posição de quem vive e é sujeito do processo.

Além de prático, o encontro também foi reflexivo, pois ao longo do dia houveram propostas de escuta das percepções sobre o que a ANE repercutiu em nós durante esses primeiros seis meses. A foto a seguir foi um dos momentos mais marcantes desse dia, pois foi o momento de se interiorizar, olhar para si, confiar no outro, ouvir os sussuros e seguir um pouco da intuição.

FIGURA 17: INTEGRAÇÃO COM A TURMA. EXPERENCIAL AO AR LIVRE III

.Fonte: acervo de Samyra De Lourdes Stephan (2018)

FIGURA 18: MÃOS A OBRA. 5° ENCONTRO DA ANE 2018. EXPERENCIAL AO AR LIVRE IV.

FONTE: acervo de Samyra De Lourdes Stephan (2018).

Como bem mostra a figura 18, eu fui a última da fila e isso me fazia ter que confiar muio em quem estava na frente, porque atrás de mim não havia ninguém. Foi muito bom perceber a preocupação e o cuidado de quem já havia passado pelas etapas dificeis preparando o caminho para quem ia logo atrás. Entre os nossos desafios, fizemos uma análise em múltiplas escalas, desde o cenário amplo, que trouxe a preocupação com a conjuntura política, passando pelo contexto institucional e seu desafio com a comunicação e a clareza de nossos ideais e objetivos e, por fim, uma análise do contexto do grupo que passamos a compor como segunda turma.

Na análise do grupo, foi apontado uma dificuldade em criar a noção de grupo, o que levou colocas a apontar o despertencimento e a aceitação/ inclusão do grupo como desafiadoras, além de questões ligadas a planejamento e organização, individualismos, egos, ouvir e aceitar outras opiniões, e colocar em prática os projetos, na ânsia de ver acontecer as discussões e ideias vistas e discutidas até então.

Quando focamos o olhar para o nível mais individual de nossas limitações, vendo a sistematização da síntese desse encontro, vi que semelhante ao momento que eu vivia, outros colegas ANEanos também apontaram a ansiedade e a impaciência como desafios pessoais, seguidos de problemas relacionados ao tempo, da organização e de uma certa insegurança em dar conta dos projetos que estavam sendo gestados.

Contudo, Paulo Freire, em seus escritos nos provoca a não somente pensar na denúncia das condições que nos desafiam, mas a fazer um anúncio, do que pode ser feito. Logo, este mesmo encontro também serviu para mapear nossas forças, como a resistência, a persistência, a força coletiva e a necessidade de mudança. Elencamos nessa perspectiva de anunciar os sentimentos, e atitudes que contribuem com as relações e a transformação, e talvez esse seja o aspecto de maior potência dentro da ANE.

O que temos de mais forte é justamente a força da união e do propósito, a coletividade, a solidariedade e a cooperação entre os colegas, tecendo e fortalecendo possibilidades do novo. Além da força, podemos citar a confiança na rede de apoio, o esperançar e ver através do trabalho dos demais colegas força para

seguir meus próprios projetos. Para finalizar esse relato, compartilho a FIGURA 19 do final do dia, da despedida.

FIGURA 19: MÃOS A OBRA. 5° ENCONTRO DA ANE 2018.

FONTE: acervo de Samyra De Lourdes Stephan (2018).

A imagem é simbólica porque mostra as muitas mãos disponíveis para fazer acontecer as alternativas para a nova educação. Mãos que trabalharam, se empenharam, foram solidárias e que, com certeza, fizeram diferença. Nos despedimos das atividades da ANE do ano de 2018 fortalecidos, motivados e esperançosos que mesmo com um cenário político desfavorável, nós seríamos resistência.

3.1.6 6° encontro mensal: 09/03/2019 – O que estamos fazendo? O que mudou em mim? No que se traduziu?

Em março iniciamos os trabalhos da ANE 2019 e começamos através do diálogo sobre cronograma de trabalho tanto de 2018, como das atividades que ainda aconteceriam no decorrer do ano. Havia uma tarefa de casa para ter sido feita nas férias, que era a elaboração do projeto a ser desenvolvido individualmente na ANE ao longo do ano de 2019. Confesso que tive alguma dificuldade em elaborar o meu

projeto e decidir, de fato, o que eu faria como ação para a especialização. Ou seja, não coloquei no papel e sistematizei tão claramente o que era meu projeto.

A minha conjuntura profissional mudou e desde dezembro estava desempregada, já que fui demitida pela escola que eu trabalhava a cinco anos e eu ainda estava tentando lidar com essa situação. Em meio a isso, recebi o convite via Luciane - estudante da primeira turma da ANE, a participar de uma formação com a Secretaria de Educação e Cultura no município de Almirante Tamandaré, na região metropolitana de Curitiba.

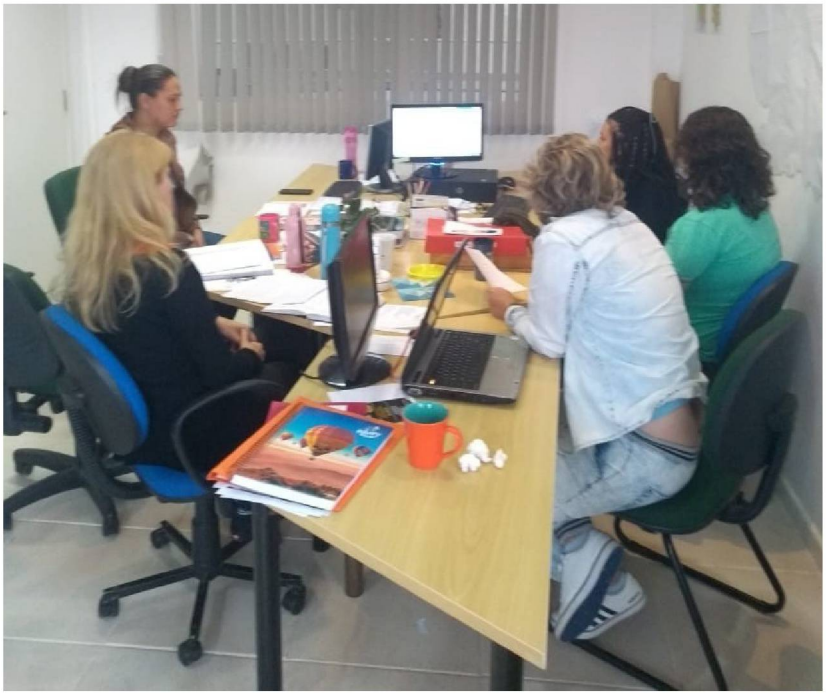
O ano começou com uma formação de professores na semana pedagógica, com um palestra com a temática "Território(s) e territorialidades sob a perspectiva da educação integral" no dia 05/02/2019. Por coincidência do destino o local da formação era justamente o auditório da escola onde trabalhava e pude conversar com cerca de 200 educadores do município sobre a importância e a sensibilidade que devemos ter para perceber as territorialidades e inserir elas dentro de uma perspectiva da educação integral.

Essa ação pontual se desdobrou em mais algumas atividades ao longo do primeiro semestre do ano, através de formação e diálogo com a equipe da Secretaria de Educação e Cultura e de idas a uma das escolas do município para desenvolver com os estudantes um processo de cartografia social. Segue abaixo registros desses ecnotros e reuniões.

FIGURA 20: DIALÓGOS SOBRE TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADES EM ALMIRANTE TAMANDARÉ.

FONTE: acervo pessoal (2019).

FIGURA 21: REUNIÃO SOBRE TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADES COM ENFOQUE EM EDUCAÇÃO INTEGRAL.

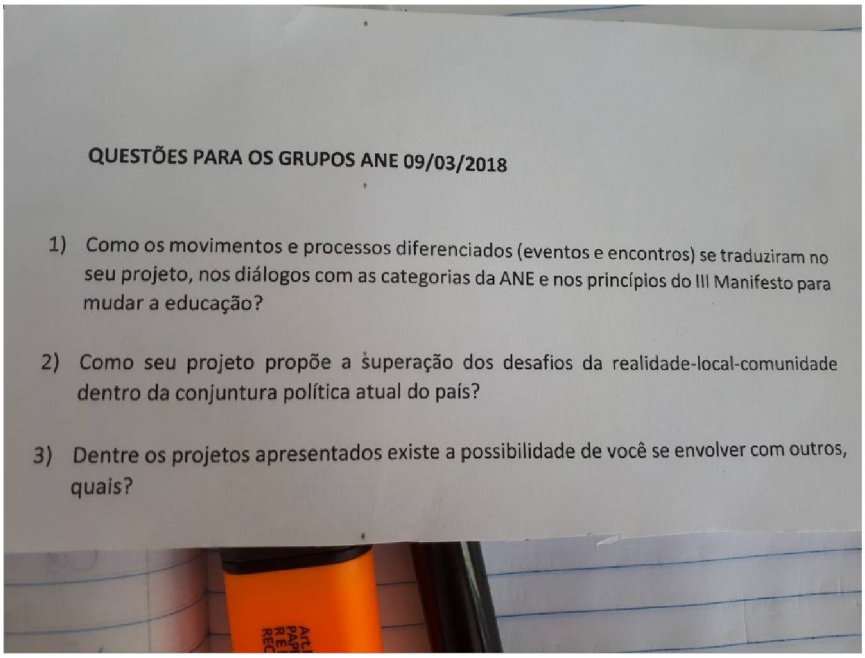


FONTE: acervo pessoal (2019).

Mesmo com mais registro das atividades desenvolvidas como fotografias e vídeos, preferi não compartilhar o material neste memorial por conter a imagem de crianças menores de idade e por não ter pedido a autorização formal para a prefeitura do município com relação ao uso de imagem.

Desta forma, quando fui para o sexto encontro mensal da ANE estava com essa perspectiva de atuação e de projeto, envolvendo territórios educativos no município de Almirante Tamandaré. Já no encontro pude ter um tempo para refletir e sistematizar as possibilidades de ações ao longo das atividades propostas, como as questões debatidas conforme o registro a seguir.

FIGURA 22: PROPOSTA DE ATIVIDADE EM GRUPO - 6° ENCONTRO MENSAL DA ANE.



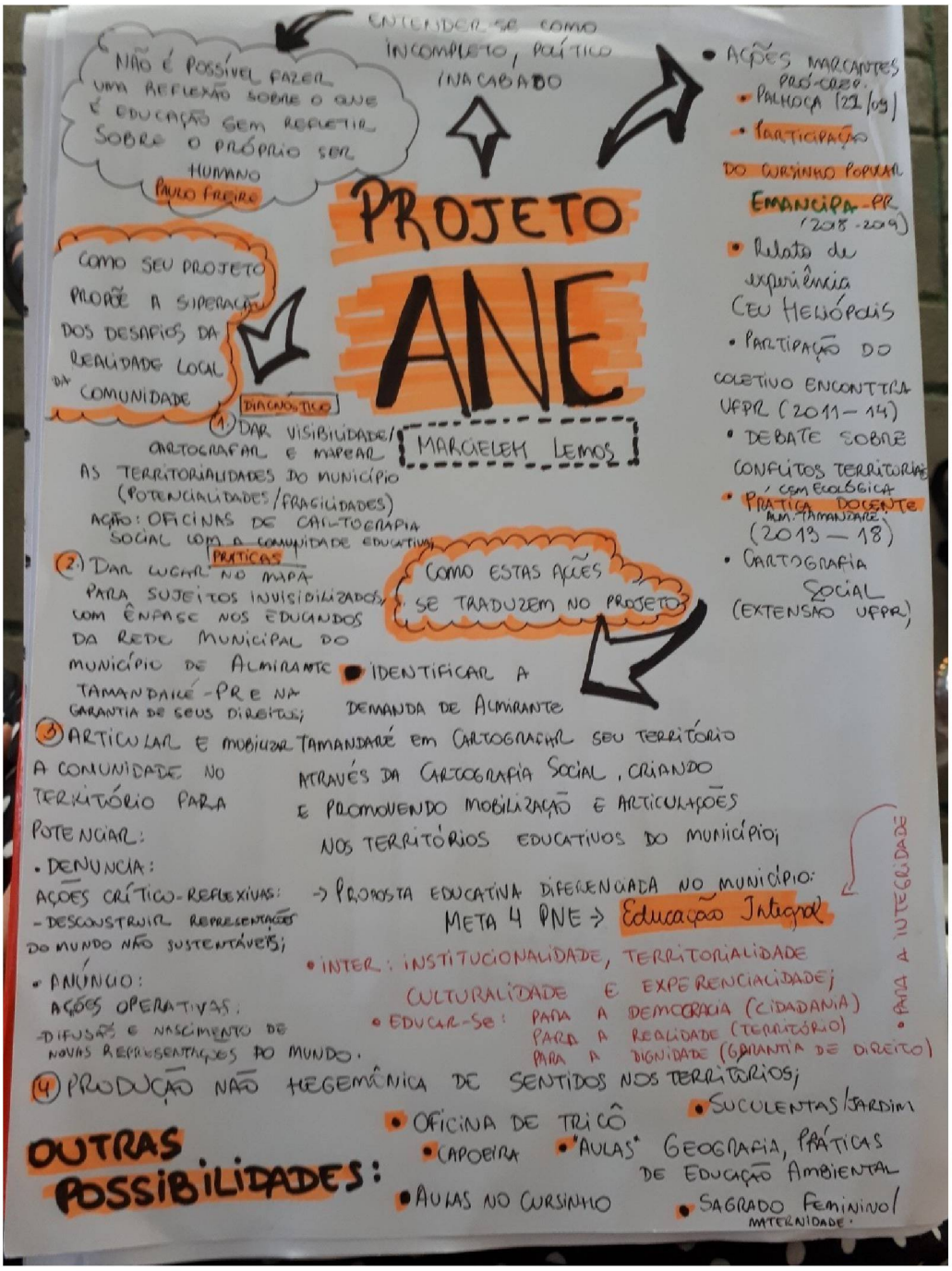
FONTE: acervo pessoal (2019).

Aos poucos os participantes do meu grupo colocaram quais caminhos utilizaram para transformar o que foi visto, lido e vivido no primeiro semestre da ANE em ações com base em suas diferentes realidades. Um dos pontos que chama atenção nese sentido, ao ver a imagem acima e lembrar deste encontro é perceber a constante preocupação com uma harmonia das ações, de modo que o local considere e dialogue com outras escalas, como a regional e nacional.

Outro destaque é modo com os estudantes da ANE foram entrelaçando suas práticas e ações ao longo das atividades propostas. A última pergunta da atividade é justamente uma provocação neste sentido, para sermos empáticos, solidários e descobrir de que forma eu posso contribuir com os meus saberes no projeto de meu colega. São pequenos exercícios como esse que tornam possíveis ações como aquelas que compartilho mais adiante, quando trato de outros projetos que me envolvi via ANE.

Estar nesse encontro mensal foi importante para retomar e traçar meus caminhos individuais de ação e, ainda em tempo, fazer uma síntese do que eu esperava com o meu projeto da ANE. A seguir compartilho a síntese que produzi ao longo do encontro, um esquema simples, mas que organizou um pouco das potencialidades e fragilidades que avistava.

FIGURA 23: SÍNTESE DO PROJETO ANE.



FONTE: acervo pessoal (2019).

Para concluir o relato desse encontro, aponto que fui embora mais direcionada das ações que deveria tomar e que caminhos deveria percorrer em meu projeto ao longo do ano. Fez muito sentido as conversas daquele encontro e colocar no papel me ajudou a definir com mais segurança a minha trajetória e perspectiva de atuação, o que era possível de ser feito.

3.1.7 7° encontro mensal: 06/04/2019 - Formas de mobilização: Inclusão; e os demais encontros

O sétimo encontro da ANE também foi bastante siginificativo para a turma. Foi significativo porque muitas vezes percebemos que a fala de monopolizava nos homens, nos professores, como o Valdo e o Valentim. Muitas colegas de turma também sentiam falta das mulheres falarem, não apenas para dar informes, de modo pontual, mas falarem com um tempo de qualidade, uma fala mais direcionada e propositiva pra nós.

O encontro de abril foi mediado pela professora Francéli e teve como ponto de partida uma prática com um de nossos colegas de turma, o Paulo, partindo de que somos um só. O segundo momento foi o de perceber a biografia do outro em mim, com fitas. O ponto de partida da atividade em grupo foi pensar onde a minha história se liga ou se estranha com a do outro e por meio de que ela me liga ao outro, conforme podemos ver na figura abaixo.

FIGURA 24: DINÂMICA ENTRE OS ESTUDANTES ANE- 7° ENCONTRO MENSAL.

FONTE: acervo de Samyra De Lourdes Stephan (2019).

Essa atividade proposta envolvia ouvir a biografia dos colegas, compartilhar sua própria história e entender o que nos agregava e o que nos distanciava. Após a escuta atenta de histórias de vida como a da Glaci, da Iuly, da Silvana, da Renata, do

Paulo e da Susan, pude perceber que uma das principais riquezas da ANE são as trocas de experiências. A outra parte da atividade consistia em escrever uma carta a alguém do grupo apontando como a história dela te tocava de alguma forma. Confesso que refleti e não consegui lembrar para quem eu escrevi nesse dia, mas duas mulheres do grupo me escreveram nesse dia e guardo essas cartas como uma boa recordação da ANE, pois aquelas foram palavras de força, de acolhida e que ajudaram a perceber o quanto fazia sentido estar ali compondo o coletivo dessa turma, que vai além de uma turma de especialização.

O terceiro momento do dia foi uma construção teórica envolvendo os princípios da inclusão e a diversidade. Um dos desafios colocado para nós foi perceber como, onde e de que forma a inclusão estava presente nos projetos da ANE e quais eram os riscos que nós assumimos quando desconsideramos o potencial da inclusão em nossas ações.

Neste sentido, um importante momento desse dia foi a fala do Lucas, um dos estudantes da segunda turma que é autista e que compartilhou um pouco dos desafios que ele encontra para a sua inclusão. Surge, nesse momento, uma frase que marcou o encontro desse dia, *nada sobre nós sem nós.* Uma frase curta, mas com um densidade grande quando pensamos a inclusão na prática, a diversidade e a produção de uma realidade que insere e integra, de fato, quem é diferente.

Houveram outras falas bastante interessantes e que também marcam a memória sobre esse dia. Outra colega de turma, Lígia, compartilhou conosco parte de suas dificuldades enquanto estudante da ANE e seu trabalho com a inclusão em Guaratuba, destacando o fato de que se queremos construir Alternativas para a Nova Educação, não podemos desconsiderar os aspectos da inclusão em nossa própria turma de pós-graduação. Outra fala marcante foi o relato dos pais com filhos autistas e a história de luta que eles travaram para entender e garantir os direitos básicos que seus filhos necessitam, sejam eles educacionais ou relativos a saúde.

A Prof.ª Francéli, após mediar o encontro, fez uma breve sistematização de nossos diálogos do dia e após o encontro comentamos o quanto fez diferença uma mulher conduzir o espaço e mediar o encontro.

O sábado foi finalizado de uma forma que acredito ser a melhor possível, com comida e com um atividade cooperativa em prol de um bem comum. Houve uma exposição breve sobre os malefícios e os avanços do uso de agrotóxicos em

nosso país e a forma como essas mudanças afetam a população, seja ela os consumidores ou os próprios produtores de alimentos. Além da denúncia, foram ressaltadas as alternativas de resistência como a agroecologia e a defesa da reforma agrária como uma resposta ao avanço do agronegócio e sua lógica de produção simultânea de lucro e de pobreza, conforme demonstra momento da figura a seguir.

FIGURA 25: VIVA A SOBERANIA ALIMENTAR. 7º ENCONTRO MENSAL DA II TURMA DA ANE.

FONTE: acervo de Samyra De Lourdes Stephan (2019).

Após as equipes se organizaram em suas diferentes bancadas de frutas e cada uma contribuiu a sua maneira para compor uma deliciosa salada de frutas de encerramento celebrando a diversidade de frutas e de pessoas que juntas se propoem a compor algo novo, sem anular a si próprio, mas contando justamente com a soma do particular para compor o diverso.

Através do relato desse sete encontros espero ter demonstrado um pouco da metodologia aplicada pela ANE e o modo como seus encontros impactaram e repercutiram nas concepções e práticas nos projetos. Escrever um memorial não é apenas rememorar, mas dar sentido e significado ao que foi vivido, e acredito que o exercício relatado acima consegue dar conta de expor como as vivências propostas nos encontros mensais particularmente me afetaram e mo provocaram.

Nos demais encontros, destaco que o 8° encontro (04/05/2019) houve a (des)formatura da I turma da ANE e ele foi um espaço de acolhida e trocas entre nós

e os estudantes da turma anterior. Foi também uma maneira de criar uma nova forma para encerrar um ciclo de formação na universidade, com paredes enfeitadas, com uma proposta coletiva de estar próximo, sem hierarquizar ou colocar em um palco o mais velho, e com uma prática de ir tecendo redes entre os que estão a mais tempo e aqueles que a pouco chegaram. Tempo de discutir projetos, traçar horizontes e refletir em grupos se enquanto ANE nós somos uma novidade passageira ou se somos um passo a frente a nossa história.

Esse é um questionamento que ficou para além deste encontro e se concretizou quando pensamos na continuidade dos projetos para além do ano de 2019 e o enraizamento deles em seus territórios.

No nono encontro mensal, no dia 01/06/2019, após um mês particularmente difícil após voltar a trabalhar em uma escola particular, logo na saída rumo a ANE meu carro estragou e eu não pude estar nesse encontro.

Os encontros mensais do segundo semestre de 2019 (do 10° ao 14°), diferente dos demais que os antecederam, tiveram dois enfoques centrais. O primeiro era a preocupação em encaminhar e viabilizar os projetos dos estudantes da turma, promovendo ações nas comunidades com base no conhecimento visto até então, ou seja, colocar a mão na massa e tornar concretas as alternativas para a nova educação. O segundo era caminhar para o fechamento das atividades da segunda turma na IV CONANE Caiçara, em dezembro.

Destes encontros, devido as atividades do Cursinho e a proximidade com o vestibular da UFPR, não pude acompanhar grande parte das atividades do décimo terceiro encontro (05/10/2019), mas considero que ele possui uma particularidade, visto que ele foi o primeiro encontro realizado fora da UFPR Litoral, em Matinhos. Subimos a Serra do Mar rumo a Campo Largo e lá vimos uma escola pública com uma gestão e professoras da ANE que fizeram a diferença naquele espaço e através da apresentação dos estudantes, da recepção da equipe, pude ver de maneira breve, mas potente, como a escola pública e seus profissionais, quando buscam se capacitar e aplicar o conhecimento, conseguem transformar a escola.

Muitas vezes as escolas particulares produzem um discurso sobre si mesma de excelência e de melhor infraestrutura, mas quando observamos a propaganda de uma escola ou rede de ensino particular, ou mesmo quando somos professores por lá, vemos que nessa escola há pouquíssima diversidade de alunos. Seja pela cor da

pele, seja pela classe social, opção religiosa ou pela identidade de gênero, percebemos que muitas vezes ela se especializa em uniformizar estudantes e o que os estudantes da ANE puderam ver em Campo Largo foi justamente o oposto, uma escola pública diversa, jovem, viva e que coletivamente produz cultura e exalta a diversidade.

Essa exaltação que destaco não está em falar sobre diversidade, mas em ser diverso e múltiplo e os estudantes mesmos, com seus corpos, sorrisos e interpretações artísticas expressarem essa disputa pela diversidade sobre a narrativa sobre eles próprios e sobre a história de nosso país, como bem representaram no teatro. Para completar, no auditório, ao lado dos estudantes, estavam mães, pais, irmãs e irmãos que viram alguém de sua família em papel de protagonismo e acho que esse é o papel central da ANE, dar protagonismo aos sujeitos da educação, os educandos.

Retomando a narrativa sobre o segundo semestre de 2019, neste momento começamos então a produzir as versões mais sinceras e atualizadas dos projetos, com cronogramas e medindo o quanto seria possível ser feito. Houve aqui vários momentos durante os encontros da ANE para que nós pudessemos compartilhar em grupos menores, e para todo o coletivo, qual era a nossa proposta de projeto e, através dessa fala, aos poucos os colegas iam percebendo como poderiam ajudar de alguma forma os projetos apresentados, ou sugerir ideias, práticas, parcerias, vínculos e força para concretizar as ações do projeto do outro.

Os grupos de mediação e o estreitamento de vínculo com os professores começou a ficar mais concreto, como será apresentado no capítulo a seguir, e é neste contexto que recebo a visita da prof.ª Susan em setembro na Vila Verde- CIC, no Cursinho Popular Emancipa, para conhecer parte da realidade e dos educandos com o qual o projeto foi desenvolvido.

Por fim, para finalizar o relato sobre os encontros mensais destaco o processo de contrução da IV CONANE e a forma como nós, estudantes, nos organizamos para pensar e organizar o fechamento das atividades da turma. Uma das principais dificuldades que percebemos foi o cenário de incertezas que vivemos quanto a apoio fincanceiro da universidade para que o evento ocorresse, pois não sabíamos se haveria verba para o transporte dos palestrantes, alojamento, alimentação e infraestrutura mínima para dar suporte aos participantes.

Dito isso, percebemos que seria muito artesanal esse processo de construção, para encaixar conforme nossas possibilidades de recursos, de pessoas, de tempo a programação, os espaços propostos e a logística necessária. Em meio a isso, encaminhamos em nosso último encontro presencial alguns eixos para aglutinar os trabalhos e, neste sentido, fiquei como parte da comissão organizadora para articular o eixo das juventudes, suas demandas e seu encaixe na programação.

As discussões e sistematizações começaram presencialmente no nosso último encontro mensal, em novembro, e seguiram virtuais via grupo de WhastApp. Este processo de construção foi bastante rico por que envolveu diferentes propostas de trabalho com a juventude, em diferentes contextos, desde a escola formal com diferentes metodologias, com a aprendizagem por projetos em Matinhos, até propostas como o Projeto Ação Vagalume em São José dos Pinhais, o Propulsão, o Cursinho Popular Emancipa em Curitiba, os jovens e a escrita das cartas em Heliopólis- SP e o grupo de teatro em Antonina. Contextos e atuações envolvendo a diversidade de demandas das juventudes que tiverem um momento de encontro e fala durante a IV CONANE Caiçara.

3.2 PARA ALÉM DOS ENCONTROS MENSAIS: CONHECENDO E VIVENCIANDO ALTERNATIVAS PARA A NOVA EDUCAÇÃO

Mais uma das particularidades desta especialização da UFPR Litoral é que ela, baseada em três princípios suleadores (solidariedade, responsabilidade e autonomia) permite que nós, estudantes, tornemos singular a nossa trajetória em construir Alternativas para a Nova Educação. Com isso quero dizer que os tantos memoriais produzidos pela turma, além de contarem os projetos próprios dos autores, contam também de escolhas feitas por eles e das suas possibilidades em conhecer outras experiências de seu interesse.

Ou seja, é dizer que a tivemos formalmente os encontro mensais como obrigatórios, mas que houveram vivências em projetos educativos que também eram necessários em nossa formação e que ficava a cargo e a disponibilidade dos estudantes irem as atividades destes projetos. Para isso, a universidade disponibilizou transporte, a coordenação da ANE viabilizou a logística, alojamento e alimentação, gerando pouco ou nenhum custo aos estudantes.

Desta forma, segue neste trecho do capítulo o relato duas propostas de vivências que experenciei na ANE, sendo que na primeira proposta houveram três saídas que realizei com meus colegas de turma e professores da universidade, a saber: Festival Solidário da Praia da Pinheira, em Palhoça-SC; Escola Municipal Antônio Coelho Ramalho em Ibiúna- SP a Escola Estadual Indígena Pindoty na Ilha da Cotinga- PR.

Já no segundo modelo estão as vivências voltada aos pequenos grupos, onde houve um convite mais pessoal para atuar em ações de meus colegas de turma. É importante destacar que esses convites só são possíveis porque nos encontros mensais houve a escuta e a troca entre nós estudantes e o que antes era teórico, no sentido de sugerir, vira prático e concreto quando visitamos e facilitamos espaços, oferecemos oficinas e trocas de experiências.

Sendo assim, o relato neste item é também sobre a importância de ser um fio que entrelaça outras redes e sobre os projetos que pude conhecer, a saber: o Projeto Ação Vagalume, a Associação de Moradores Amigos da Vila Agrícola e o Acampamento Agroflorestal José Lutzenberger, do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

3.2.1 Festival Solidário da Praia da Pinheira

Ao longo da ANE a educação ambiental, a sustentabilidade e a forma com que promovemos o nosso consumo foi resignificada para mim. Muito desse processo de re-significar ocorreu quando aceitei o convite de ir até Palhoça, em Santa Catarina, conhecer a Pró-CREP e as atividades que a comunidade estabelecia com a reciclagem dos resíduos, com o bazar, os mosaicos e com a praça ao lado, vista com um espaço de convivência comunitária.

Estar na universidade é disputar uma amplitude maior de características dos estudantes universitários e estar na ANE na condição de mãe com um filho pequeno também foi uma luta, porque os ônibusem serviço da universidade, no momento dessa saída de campo, não podiam transportar crianças. Logo, para chegar até Palhoça com meu filho tive que contar com a solidariedade do prof. Valentim, que nos levou em seu carro particular. Se não fosse essa solidariedade, eu não teria

interexperenciado essa vivência tão rica que foi o Festival Solidário da Praia da Pinheira.

Ao chegar em Palhoça, na Guarda do Embaú, e depois na Praia da Pinheira, tivemos um belo exemplo do cuidado e da preocupação em bem acolher quem chega. A Helia nos recepcionou em sua hospedagem muito preocupada com nosso conforto e acomodações, mesmo que fosse um ônibus lotado (44 pessoas) para acomodar e a chegada num horário avançado na noite.

No dia seguinte, sábado dia 22/09/2018, havia um sol radiante e muitas pessoas interessadas e curiosas em conhecer a Pro-CREP. Pela manhã, fomos até a praia conhecer rapidamente um pouco da Guarda do Embaú- SC, conforme vemos na imagem abaixo, e ficamos impressionados com a beleza e com a receptividade do local.

.

FIGURA 26: SÁBADO DE SOL NA GUARDA DO EMBAÚ-SC.

FONTE: Acervo pessoal (2018).

Após esse pequena saída, voltamos para onde estávamos hospedados e novamente vi a solidariedade da ANE em ação, em um café da manhã coletivo. Depois de uma xícara de café, nos preparamos para uma caminhada até o local

onde seriam as atividades na praça e ao longo do caminho fomos conversando e observando as casas e os detalhes da região, conforme a foto a seguir.

Quando chegamos na praça, a Hélia estava nos esperando prontamente para contar um pouco da história da Associação Pró-CREP Criar, Reciclar, Educar e Preservar e sua atuação na separação de material reciclável. Sabíamos que era um dia muito importante e significativo para a comunidade, pois representava não só o término da reforma do barracão- que havia sido destruído por um vendaval em dezembro de 2016, mas também a expansão de uma proposta de integração com a comunidade através das atividades na praça.

As lembranças que eu tinha sobre locais voltados para a reciclagem, o que vimos e vivenciamos na Pró-CREP passava muito longe. Lá observamos muita organização, trabalho coletivo, cores e detalhes. Víamos resultados concretos dessa outra perspectiva para além do consumismo e da não preocupação com o planeta que vivemos e sua natureza, que gera trabalho e renda para mais de 30 famílias e para casas de reabilitação para dependentes químicos, o que caracteriza uma educação socioambiental efetiva e propositiva. Na imagem abaixo podemos observar a Hélia e os trabalhadores da associação compartilhando seus saberes e suas histórias de vida.

FIGURA 27: COMPARTILHANDO SABERES DE RECICLAGEM- PRÓ-CREP

FONTE: acervo pessoal (2018).

Além do barracão onde os materias recicláveis passavam por uma triagem e uma separação, em nossa visita ao espaço também gostaria de destacar a produção de biodiesel feita a partir da parceria com a UNISUL para a pesquisa e desenvolvimento e com os proprietários de restaurantes e bares da região para o fornecimento de óleo de fritura usado. Além de prevenir a contaminação do corpo d'água, o projeto produz o biodiesel utilizado tanto pelo caminhão de coleta de resídus da associação, como também ajuda a abastecer a demanda dos barcos dos pescadores artesanais da região[2].

A foto a seguir demonstra um pouco do espaço onde o biodiesel é produzido na associação e os galões de óleo recebidos.

FIGURA 28: PRODUÇÃO DE BIODIESEL PRÓ-CREP.

FONTE: acervo pessoal (2018).

Outro ponto que destaco daquele dia de vivência na Pró-CREP foi a organização das mulheres, o cuidado e a sintonia do trabalho coletivo. O brecho e o

2Para conferir com mais detalhes o projeto, acessar o site http://www.boaspraticas.org.br/index.php/pt/areas-tematicas/inclusao-socio- produtiva/241-producao-de-biodiesel-para-inclusao-social. Acesso em 30/01/2020.

cacareco, espaços de comercialização de produtos usados que ainda possuem uma vida útil também apontam caminhos para uma economia mais circular, preocupada em reaproveitar o que temos ao inves de produzir algo novo. A loja também é um espaço criativo para a produção de belos mosaicos que reaproveitam materias da construção civil e enfeitam tanto dentro da loja, como espaços ao ar livre, como postes e murais do entorno. Trouxe um mosaico para casa como lembrança desse dia, segue abaixo um dos registros.

FIGURA 29: MOSAICOS DO BRECHO- PRÓ-CREP.

FONTE: acervo pessoal (2018).

Passado esse momento de acolhida, a programação do dia foi muito rica e intensa. A praça foi logo sendo enfeitada e preparada com barraquinhas, cadeiras e diversos espaços para oficinas e atividades educativas. Aos poucos a praça estava repleta de adultos e crianças ocupando o espaço público. Participei de uma oficina de artesanato com varetas de bambu e lãs coloridas e também recebi uma super massagem relaxante a tarde. O almoço coletivo preparado pelas mulheres da Pro-CREP foi um delicioso risoto, com opção vegetarianas, saladas, suco e acompanhamento. A tarde, foi a vez de uma variedade de bolos e eu percebi o quanto as mulheres se organizaram e se prepararam para que tudo ocorresse de uma forma saborosa e acolhedora para os visitantes.

Não pude acompanhar todos os momentos da programação por que o Antônio demanda cuidados, estava com sono ou precisava mamar. Ouvi de longe quando tocaram o hino e a bandeira foi hasteada, mas participei da roda de conversa embaixo das árvores e vi o quanto as pessoas podem trocar e dialogar mesmo fora da sala de aula e que isso era a ANE.

Como parte do cronograma tivemos algumas atividades culturais que se destacaram. A tarde foi a vez do protagonismos das crianças, do teatro, da fantasia e do resgate do folclore da cultura local com a apresentação do boi-de-mamão. Além delas, tivemos também o grupo de capoeira que fez uma roda e trouxe um pouco da cultura popular, o plantio de árvores, o tecido acrobático e a apresentação teatral do meu colega de ANE, Breno.

Para fechar o relato do dia, compartilho uma última foto do dia, já quando o sol anunciava que se encerravam as atividades do festival. Hélia e demais mulheres haviam reservado um espaço ao longo do dia para que os participantes do festival pudessem registrar em pequenos tecidos suas boas intenções e vibrações para o Universo, para a construção de um futuro próximo.

FIGURA 30: INTENÇÕES PARA O UNIVERSO- PRAÇA PRÓ-CREP

FONTE: acervo de Gustavo Ramos (2018).

Com a imagem acima, encerro esse relato dessa vivência dizendo que ela me possibilitou uma visão muito mais complexa sobre a importância da educação ambiental, da organização comunitária e sobre minhas práticas cotidiana de consumo e separação de resíduos. Depois de viver uma experiência como aquela fica difícil não se preocupar com o que acontece com uma embalagem que eu gero. Vejo aqui o que o Paulo Freire chama de conscientização, mas além do processo de tomada de consciência individual, percebendo o quanto, de fato, ensinar exige comprometimento e exige uma aproximação do que eu digo e o que faço, o que pareço do que realmente sou, através de uma presença que é política (FREIRE, 2011).

Assim, ainda com base da vivência na Pró-CREP e nas provocaçõe do livro Pedagogia da Autonomia, depois daquele dia tento mudar minha prática e problematizar essa perspectiva da questão ambiental e dos resíduos em meu cotidiano, compreendendo que não posso ser uma omissão, mas sim um sujeito de opções e que em minhas opções preciso demonstrar um testemunho ético que

aproxima a teoria e a prática. E hoje tenho cada vez mais percebido que o desafio é justamente diminuir essa distância entre o que teorizamos e o que praticamos. E esse foi o meu desejo para o Universo daquele fim de tarde.

3.2.2 Escola Municipal Antônio Coelho Ramalho

O relato dessa atividade começa no Setor de Ciências Agrárias da Universidade Federal do Paraná próximo a meia noite do dia 13 de abril de 2019. Lá estavam poucas pessoas esperando um ônibus oriundo do litoral paranaense rumo a cidade de Ibiúna, interior de São Paulo.

Aquela vivência em terras paulistas seria a primeira vivência da ANE de 2019 para além dos encontros mensais e todos estávamos animados em conhecer aquela experiência de escola pública. Particularmente, pouco sabia o que esperar, mas sabia que essa saída tinha como diferencial o fato de nascer na escola pública, o ensino básico, no sorrisos de crianças e o atrito real que muitas vezes vivenciamos como professor entre fazer aquilo que acreditamos e o apelo curricular, institucional e buracrático que muitas vezes distancia nossa prática real de nossa prática desejada.

Chegamos em Ibiúna junto com os primeiros raios de sol da manhã. O ônibus da universidade não aguentou uma das ladeiras da cidade e fui uma das passageiras que fez uma pequena caminhada para aliviar o peso durante a subida. Pude perceber um pouco o centro da cidade, a curiosidade dos moradores da cidade que estavam acordados e a importância de sair dos grandes centros urbanos para conhecer experiências educativas significativas. Dessa vez, Antônio Emiliano não estava comigo e pude me dedicar um pouco mais para viver a intensidade que essas atividades da ANE exigem de nós.

Ao pesquisar, descubro que a cidade em questão possui pouco mais de 75 mil habitantes e que a escola em que as atividades ocorrem se encontra em um bairro mais periférico e com menos estrutura. Ao chegarmos na escola, somos recebidos com um café da manhã, um espaço para guardarmos pertences e uma acolhida e direcionamento para as atividades planejadas para o dia.

Além disso, a escola estava linda, acolhedora, bem cuidada. Os detalhes e sutilezas pelo pátio e a preocupação para que, mesmo na simplicidade, a escola

demonstrasse que nos recebia da melhor forma que eles podiam ofertar. A equipe da gestão e professoras da escola estavam muito sintonizadas entre si, com sorriso no rosto, alegres por ver toda a programação e planejamento prévio ganhar vida tanto através dos estudantes da ANE e demais visitantes, como pelo protagonismo que os educandos demonstraram ao longo do dia. Segue alguns registros daquele sábado junto a Escola Municipal Antônio Coelho Ramalho.

FIGURA 31: RECEPÇÃO EM IBIÚNA - ESCOLA MUNICIPAL ANTÔNIO COELHO RAMALHO.

FONTE: Acervo pessoal (2019).

FIGURA 32: A PRESENÇA DAS MULHERES NA ESCOLA- ESCOLA MUNICIPAL ANTÔNIO COELHO RAMALHO.

FONTE: Acervo ANE (2019).

Mudar a Escola, Melhorar a Educação: Transformar um País. Li essa frase logo no início do dia, na chegada, e recordei do Terceiro Manifesto pela Educação (2013) e o modo como estar naquela escola era uma maneira de ver como as discussões e acúmulos para as mudanças de paradigmas da educação nacional se ancoravam na realidade e superavam apenas a teoria.

Antes da visita a escola, eu não conhecia a Mila e nem a proposta pedagógida da escola. Cheguei por lá bastante curiosa e logo no início de sua fala e da apresentação da escola, pude perceber muita seriedade e organização nos objetivos esperados, na documentação apresentada e na alegria que a equipe apresentava por estar realizando aquela ação junto a ANE.

A segunda fotografia desta saída mostra o coletivo de mulheres que estava a frente do trabalho e este aspecto me fez perceber também como existe uma questão de gênero que envolve a contrução de alternativas para a nova educação, onde a mulheres muitas vezes são protagonistas das ações, como é o caso em Ibiúna, em Palhoça e também na articulação para a saída para a aldeia Pindoty.

A Mila, em sua fala, apresentou um pouco da trajetória para que a proposta da escola se constituisse, os desafios burocráticos e apoios encontrados e de que forma a ANE promovia uma rede de apoio e solidariedade que, de alguma forma, fortalece e ampara as atividades que ocorrem lá em Ibiúna.

Sobre os aspectos marcantes desta saída de campo, gostaria de destacar a gestão democrática da escola que se estabelece e a forma como os educandos exercem um protagonismo juvenil e infantil, entendendo, sistematizando e procurando encontrar soluções para seus problemas cotidianos na escola.

Durante o espaço de socialização nas salas, as crianças que estavam em meu círculo apresentaram com confiança suas práticas escolares e a forma como o cotidiano estava diferente na escoal e um dos aspectos apresentados foi justamente as assembleias e o modo da tomada de decisões, dialogando com os anseios da comunidade escolar, integrando os educandos e responsabilizando eles pelas escolhas.

Diferente de outros processos que conheço, que muitas vezes envolviam educandos do Ensino Fundamental II- Anos Finais, perceber essa democratização nas relações escolares e o modo como essa escolha se naturalizou na compreensão dos alunos do Ensino Fundamental I me fez perceber o quanto é necessário confiar

nos educandos e o quanto nós precisamos praticar processos democráticos, mesmo que eles sejam mais demorados em um primeiro momento.

Segue abaixo um registro desse momento de diálogo entre a ANE e os educandos da Escola Municipal Antônio Coelho Ramalho.

FIGURA 33: DIÁLOGOS INTER-GERACIONAIS NA ANE- AÇÃO IBIÚNA.

FONTE: acervo pessoal (2019).

Na imagem acima gostaria de destacar a possibilidade do encontro e do diálogo entre diferentes gerações (intergeracional) e interexperencial, entre educadores mais experientes e educandos mais novos. A possibilidade do diálogo e a curiosidade me parecem bons termomêtros para avaliar a sintonia que a ANE gera entre aqueles que se envolvem com os projetos, seja enquanto educando ou educador. Serve ainda para colocar na prática o que Paulo Freire diz sobre não há saber mais, e saber menos, há saberes diferentes.

Percebi esse saber diferente por parte dos educandos quando eles relataram sobre os roteiros de estudos e de que forma eles se organizavam para decidir, organizar e viabilizar temáticas que de fato fossem relacionadas com a infância e cotidiano deles. Percebi também o afeto com que eles se referiam aos educadores, como o sorriso estava no rosto deles e como os educandos sentiam orgulho de fazer parte daquela escola. Escolas são feitas de pessoas.

Cabe ressaltar que as trabalhadoras da escola se esforçaram para oferecer muito acolhimento para nossa equipe. O almoço estava muito bom, delicioso, e promoveu uma integração mais informal entre a comunidade escolar e os estudantes da ANE. Houveram apresentações culturais de dança, os pais vieram assistir as apresentações e nós, visitantes, observamos o envolvimento dos pais e a credibilidade que eles confiavam na gestão da escola e na proposta pedagógica diferenciada. A tarde, foi a hora de ir além dos muros da escola e andar pelas ruas da comunidade para perceber a realidade social do entorno e vivenciar parte dos espaços que os educandos frequentam (campinho de futebol, ruas de acesso a escola).

FIGURA 34: CONHECENDO IBIÚNA E O TERRITÓRIO DA ESCOLA.

FONTE: Acervo pessoal (2019).

Após uma breve subida dimensionamos melhor aspectos do bairro e da cidade e observamos tanto aspectos de infraestrutura urbana que faltam (como asfalto, calçadas, saneamento básico, equipamentos de lazer), mas também uma apropriação do espaço público, com crianças jogando futebol e a possibilidade da escola fazer uma horta comunitária, promover mais qualidade nos alimentos e envolvimento das famílias.

Com o retorno, finalizamos as atividades previstas propostas, houve uma avaliação do dia e os relatos foram bastante positivos por parte dos estudantes da ANE, principalmente os professores da rede pública, que viram ali uma realidade mais próxima da sua. Ao final do dia e no caminho de volta, socilizamos entre nós as percepções da vivência e de que modo ela poderia dialogar com nossos projetos e

nos dar força para seguir motivados mesmo com uma conjuntura política e social tão desfavoráveis como aquelas apresentada de cortes no financiamento da educação pública e reforma da previdências.

3.2.3 Escola Estadual Indígena Pindoty

A última vivência externa que fiz durante a meu percurso da ANE foi a saída para conhecer a Escola Estadual Indígena Pindoty, localizada na Ilha da Cotinga, no litoral paranaense. A visita fez parte do projeto de duas estudantes de minha turma da ANE que lecionam e/ou ocupam cargos de gestão na escola e que frente a algumas fragilidades do local, viram a possibilidade de criar pontes entre as demandas da escola e o que o coletivo da ANE e seus parceiros poderiam oferecer.

A saída ocorreu no dia 09 de setembro de 2019, e saímos de Curitiba rumo a Paranaguá, de onde saiu o barco rumo à Ilha da Cotinga. Em meu carro estavam comigo Antônio, Ana Márcia e Tamara, uma das minhas amigas que estuda a temática indígena. Acabamos saindo meio apressadas de Curitiba e por não conhecer Paranaguá, quase não enocntramos o local de embarque, mas no final conseguimos embarcar no Rio Itiberê, em um barco lotado de estudantes da graduação de cursos como agroecologia, ciências, professores e colegas da turma da ANE.

Achei muito significativo que essa minha última e terceira vivência realizada via ANE tenha sido com os povos indígenas de nosso litoral, visto que foi justamente na Ilha da Cotinga o local onde os primeiros colonizadores adentraram as terras paranaense. Após um trajeto de meia hora encontramos um trapiche esperando por nós e com ele toda a equipe na escola que aguardava a nossa chegada.

É muito bom chegar nesses espaços educativos e ser surpreendida, e chegar na escola e encontrá-la tão bonita, limpa e organizada foi algo que eu não esperva, confesso. Em trabalhos de campo na graduação já havia visitado escolas rurais e também já havia visitado uma escola indígena em Juti- MS em uma comunidade Guarani Kaiowá e a Escola Estadual Mbyá Arandú, em Piraquara- PR, e algumas delas careciam de condições básicas como saneamento, espaços de sociabilidade, acesso à internet, salas de secretarias e cozinha adequadas, ou sejam, eram precarizadas.

Desta forma, levei comigo essas impressões e a chegada na escola indígena da Ilha Cotinga foi uma boa surpresa nesse sentido. Percebi a centralidade que a escola ocupa na comunidade e como a equipe de gestão, novamente composta por mulheres, se dedicava e criava vínculos com o território e com a comunidade.

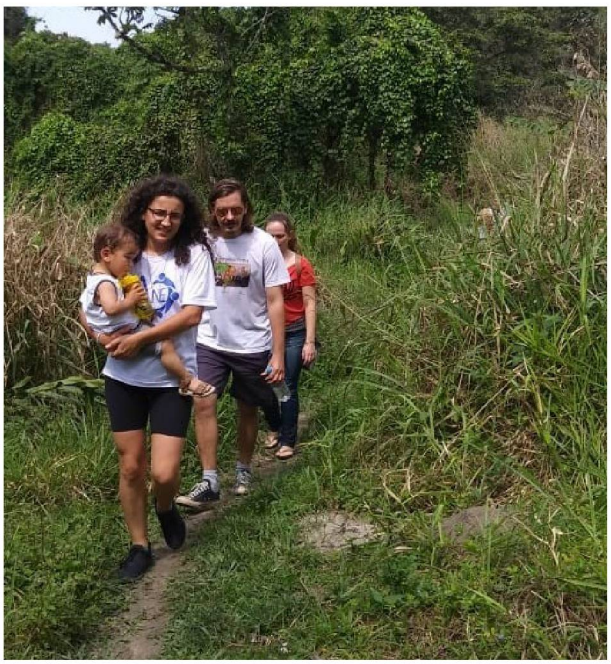
Ao chegar, fomos recebidos com um café da manhã e uma acolhida da equipe, apresentando o espaço da escola, os educadores, o cacique e um pouco da dinâmica pensada para aquele dia de atividades. Pela manhã tivemos a apresentação do documentário "Ko Yvy Ma Ndopa Mo'Ãi – Essa terra não vai terminar". Não consegui assistir entender todo o documentário devido ao espaço físico ser pequeno e o áudio estar baixo e o fato de que meu filho, Antônio, queria brincar e interagir com o espaço e crianças da escola.

FIGURA 35: ANE E O DOCUMENTÁRIO "KO YVY MA NDOPA MO'ÃI – ESSA TERRA NÃO VAI TERMINAR"

FONTE: acervo ANE (2019).

Após esse momento de exibição, foi proposto uma trilha para conhecermos um pouco mais da ilha e da comunidade, conforme a FIGURA 36 abaixo.

FIGURA 36: CONHECENDO A COMUNIDADE INDÍGENA DA ILHA DA COTINGA.



FONTE: Acervo ANE.

Apesar da dificuldade de fazer a trilha com uma criança de dois anos, pude contar com a solidariedade de colegas e perceber as condições de moradia que a comunidade indígena possuia, com poucas casas de madeira no entorno da trilha, algumas com aspectos de abandono. O caminho foi um pouco puxado para chegarmos nas ruínas de uma igreja que se encontrava no topo de um morro, conforme a imagem abaixo.

Vendo as ruínas deixadas pela antiga Igreja Católica, pude perceber a resistência necessária aos povos indígenas para manter sua cultura e costumes, mesmo com inúmeras tentativas de assimilá-los na cultura da sociedade branca e eurocentrada.

FIGURA 37: A PRESENÇA DA IGREJA CATÓLICA NA ILHA DA COTINGA.

FONTE: Acervo ANE (2019).

FIGURA 38: DEMARCANDO O TERRITÓRIO E DISPUTANDO NARRATIVAS NA ILHA DA COTINGA.

FONTE: Acervo ANE (2019).

O trajeto da trilha foi guiado por dois jovens indígenas e me chamou atenção como, mesmo em sua simplicidade, essa juventude nos levou para ver uma igreja que tinha como objetivo civilizá-los, e agora é apenas um vestígio de um dos processos violentos que os povos originários sofreram ao longo desses 520 anos da chegada dos portugueses ao Brasil. Chama atenção como os povos indígenas, com suas tradições orais e seus vínculos com o território conseguem resistir aos processos e lutar pelo direito de existência.

Após a subida, retornamos por outro caminho de mais fácil acesso e percebemos que a ilha encontra-se em disputa do ponto de vista territorial por que existem outros moradores não indígenas com suas casas e barcos, o que demonstrou por parte dos guais uma certa situação desconfortável por fazer outro caminho fora das terras indígenas.

Ao chegar, almoçamos e tivemos um momento de descanso. A escola possuia em suas paredes frases em guarani com tradução para o português e

ficamos observando algumas delas. As crianças da escola também estavam

curiosas com nossa presença e pude perceber uma boa interação entre os visitantes e os educandos da escola.

Contudo, a visita a escola tinha como um dos objetivos contribuir com o projeto da Daniele, que envolvia uma horta escolar e a plantação de árvores para arborizar o entorno da escola, principalmente para contribuir com a alimentação da escola e contar com o envolvimento da comunidade.

Os estudantes de agroecologia já haviam se preparado e gastaram boa parte do dia preparando os canteiros e matéria orgânica para organizar o espaço da horta. Foi uma atividade bem interessante porque envolveu tanto os visitantes quanto os estudantes da escola e comunidade. Particularmente, consegui me envolver com a atividades apenas no fim do dia, com o plantio das hortaliças e cobrindo os canteiros para não deixar o solo exposto.

FIGURA 39: ANE PLANTANDO NOVAS RELAÇÕES E SEMENTES.

FONTE: Acervo ANE (2019).

Com certeza a prática foi um dos melhores momentos do dia, pois o vínculo de cuidado coletivo da terra e a preocupação em colher bons frutos nos colocava lado a lado no trabalho e em nosso objetivo de deixar a horta como memória daquele dia. Aqui vemos novamente o caráter intergeracional da ANE e o modo como as crianças se envolvem, ficando díficil identificar quem é educando e educador nesse momento.

Por fim, para finalizar o relato dessa vivência tão especial, gostaria de comentar a apresentação do coral da escola, conforme a imagem abaixo.

FIGURA 40: APRESENTAÇÃO DO CORAL- ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA PINDOTY

FONTE: Acervo ANE (2019).

Uma das características que chamam atenção dos povos guarani, na minha percepção, é que eles são de poucas palavras. Sábias e poucas palavras como as que ouvimos do Cacique Dionísio Rodrigues naquela tarde e seu relato sobre a comunidade e as luta para se manter no território, com sua cultura e costumes.

Desta forma, poder ouvir e ver essa apresentação da figura acima tocou os visitantes naquele fim de tarde por vários motivos, o canto era intenso e representou um aspecto não material da cultura deles, que de alguma forma os ajuda a manter a identidade e a cultura firmes nas gerações mais novas e conseguia também transmitir a singularidade indígena em um momento onde a diversidade tem sido tão combatida. Sou grata por ter participado dessa vivência, ter conhecido a comunidade e aquele território e ter vivido momentos que demonstram que é possível contruir alternativas para a nova educação em uma relação diálogo e respeito com nossos povos originários.

3.3 UM FIO QUE ENTRELAÇA OUTRAS REDES

Nem sempre o objetivo final é o mais importante, porque ao longo do caminho também se faz aprendizado. Logo, começo este relato explicando um item muito importante em minha trajetória na ANE, a questão do transporte, visto que morar em Curitiba e fazer um curso a mais de 80 km de distância exige um olhar atento para a logística de deslocamento, nos custos, no trânsito, pedágio e tempo dispendidos.

Ao longo desse um ano e meio de curso, procurei exercer um dos princípios que mais acredito na ANE, que é a solidariedade. Sem ela, seria impossível terminar a especialização, pois foram vários os momentos que precisei e ofereci solidariedade a colegas da turma, principalmente no quesito de caronas e viagens compartilhadas rumo às atividades ananas. No início, nos primeiros encontros de 2018, o colega Gustavo oferecia carona rumo ao litoral, depois a Priscila e, por fim, com a compra de um carro, pude oferecer caronas para a Priscila, para o Luís Miguel, para Gustavo, Ana Márcia, Marcilene, Maria Rita e Silvana.

Entre tantas idas e vindas, fortaleceram-se vínculos e interesses em comum por assuntos e temáticas diversas e que, de alguma forma, se expressam concretamente nas ações conjuntas estabelecidas, na amizade e na potência que é termos uma rede de apoio que torna nossos projetos educacionais possíveis através da coletividade. Foram nesses trajetos que pudemos compartilhar muitos dos anseios e reflexões sobre os conteúdos e práticas que experienciamos nas ações da ANE, ouvindo e ponderando sobre outros pontos de vista, de modo a ampliar o nosso repertório de compreensão tanto sobre a teoria, como sobre a nossa prática.

Desta forma, esse tópico é uma sistematização de três vivências nos projetos de meus colegas de turma no ano de 2019 que fui convidada a participar. O primeiro projeto que estive foi o Projeto Ação Vaga-lume, desenvolvido no mês de junho em São José dos Pinhais por Priscila; em agosto foi a vez de conhecer a Associação de Moradores Amigos da Vila Agrícola, envolvendo uma aulão para o ENCCEJA, projeto desenvolvido por Gustavo na periferia da cidade de Curitiba; por fim, para minha felicidade, no final de outubro pude estar junto ao Acampamento Agroflorestal José Lutzenberger, do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

(MST) em Antonina, no litoral paranaense, a convite da Daiane e do Paulo Ricardo. A seguir segue o relato e registros de cada uma dessas experiências ANEanas.

3.3.1 Projeto Ação Vagalume

Logo no começo das atividades da especialização criei um vínculo com a Priscila e através dele conversamos e repartimos um pouco do cotidiano docente, das dificuldades e das bonitezas dentro e fora da sala de aula, ela, enquanto professora de sociologia temporária na rede estadual do Paraná, e eu, como professora de geografia em escolas particulares de Curitiba. Nesse mais de um ano e meio de ANE o contexto político e as condições do trabalho docente se tornaram cada vez mais precárias e desgastantes principalmente para os professores da área de Ciências Humanas, que viram seus objetos de estudos e produção científica menosprezados.

São afirmações como a da Escola Sem Partido que acusa professores de doutrinação nas escolas, e teorias conspiratórias como o terraplanismo, que acentuam o espaço da sala de aula como o momento onde diferentes visões de mundo se encontram presencialmente, sem telas ou aplicativos para servir de intermediário ou para esconder identidades. Contudo, esse encontro das diferenças na sala de aula tem surgido em meio a conflitos e discursos de ódio, de cunho fascista, frutos da ascensão do conservadorismo e da crise econômica corrente no país.

Além dos reflexos desse panorama político e econômico de retrocessos que vivemos no Brasil dentro e fora das escolas, a categoria dos professores sofreu um intensivo processo de precarização, com burocratizações, perda de direitos, congelamento de salários, falta de concursos públicos e aumento de problemas de saúde desenvolvidos como consequência da prática docente, como ansiedade, depressão, estresse e ataques de pânico. E o que esse momento histórico exige de nós?

Exige sermos sujeitos de nossa própria história, como diria Paulo Freire. Exige ética, consciência e amorosidade. Exige resistência e invenção de caminhos possíveis. E é justamente essa a semente que o Projeto Ação Vaga-lume traz para

quem com ele se envolve, uma experiência pedagógica para dar ânimo e alento a educadores e educandos.

A atividade do projeto que fui convidada a contribuir ocorreu na manhã de uma segunda-feira, dia 17 de junho de 2019, com aproximadamente 25 educandas e educandos. A logística para chegar ao local onde ocorreria a ação dependia de acompanhar um ônibus desde o Colégio Estadual São Cristóvão onde os educandos estudam, próximo ao centro de São José dos Pinhais e, mesmo com algumas dificuldades em encontrar o endereço e o atraso do ônibus, conseguimos rumar para uma Chácara Corta Vento, beirando a Serra do Mar e em meio a Mata Atlântica.

Quando chegamos fomos acolhidos pela equipe com um direcionamento para a programação do dia e um super café da manhã, conforme a foto a seguir . O dia estava ensolarado e os educandos estavam muito felizes e desejosos de participar das atividades previstas, ainda mais por saberem que haveria a gravação de imagens para a produção de uma matéria jornalística sobre o Projeto Ação Vaga-Lume. Ganhei uma camiseta do projeto para vestir e logo o sentimento e a intencionalidade de que aquele seria um dia para fazer uma educação diferente.

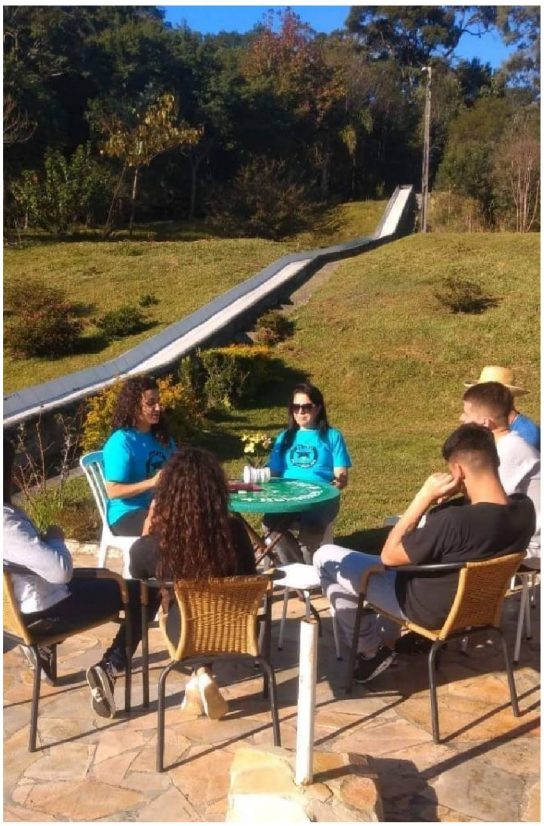
FIGURA 41: CAFÉ DA MANHÃ DE ACOLHIDA- PROJETO AÇÃO VAGALUME

FONTE: acervo pessoal (2019).

Os educandos foram divididos em três grupos, e cada um dos grupos teria que rotacionar em oficinas e dinâmicas, sendo elas: Práticas culinárias e preparo do almoço; Prática de Tai Chi Chuan; Oficina de Compostagem e separação de resíduos domésticos; Trilha pela Mata Atlântica; Juventudes Plurais e as questões de construção social dos papeis de gênero, sendo que eu fiquei responsável por essa última oficina.

Com um tempo curto para desenvolver a dinâmica devido a gravação, foi estipulado cerca vinte e cinco minutos para cada grupo. A proposta de dinâmica consistia, em primeiro lugar, demonstrar a pertinência de discutir questões relacionadas à desigualdade de gênero e o modo como as mulheres são submetidas a diversas formas de violência em nossa sociedade. Após essa introdução, os educandos e as educandas eram convidados a se dividirem em dois grupos menores e através do diálogo listar quais características eram próprias dos homens e quais eram a das mulheres. Abaixo temos o registro dos educandos na atividade.

FIGURA 42: RODA DE DIÁLOGO COM OS EDUCANDOS COM O TEMA JUVENTUDES PLURAIS. PROJETO AÇÃO VAGALUME



FONTE: acervo de Priscila Drosdek (2019).

O exercício, apesar de simples, trouxe falas que questionavam esteriótipos e as qualidades e defeitos que utilizamos para definir os gêneros e a construção social deles, desde a cor do papel escolhida pelos próprios estudantes para definir homens (na sua maioria na cor azul, e mulheres na cor rosa, mesmo havendo outras cores disponíveis).

Nessa atividade de sistematização e escuta de como eles viam os atributos dos gêneros, era perceptível que havia um incômodo nos jovens quando era reafirmada uma visão mais tradicional, mas foram as jovens do grupo que trouxeram mais experiências sobre violências e situações de desigualdade pelo fato de serem mulheres em um sociedade machista, relatando brevemente casos de relacionamentos abusivos e proibições de uso de roupas curtas ou saídas e determinados locais a noite, como festas.

Para concluir a atividade que propus com os grupos, gosto muito de me inspirar em Paulo Freire quando ele diz que não basta apenas fazer a denúncia das situações de opressão, mas também é necessário anunciar o novo e construir caminhos para que a teoria e a prática viabilizem o que desejamos. Desta forma, os educandos e educandas foram convidados a formular frases que motivassem outras pessoas em seus momentos díficeis, de modo que contemplassem qualquer um dos gêneros em suas produções, já que o que desejamos é a igualdade.

Ao final, os participantes compartilharam as suas frases produzidas com os demais colegas e alguns pediram para colar as frases nas paredes do espaço da chácara. Mesmo um curto intervalo de tempo, como educadora, era possível notar que a luta das mulheres em busca de igualdade e a necessidade de repensar as relações de gênero estava cada vez mais significativa e cotidiana na vida daquela juventude e que eles queriam mais tempo para compartilhar suas experiências, interpretações e alternativas para os desafios.

Depois de receber os três diferentes grupos, o pai da Priscila e dono da propriedade - João Drosdek, reuniu parte do grupo (a outra parte estava preparando o almoço) para uma trilha em meio a mata, começando com um plantio de árvores nativas como a erva-mate, conforme podemos conferir na imagem abaixo.

FIGURA 43: PLANTIO DE ERVA- MATE. PROJETO AÇÃO VAGALUME.

FONTE: acervo pessoal (2019).

Depois do plantio, começamos a caminhada pela trilha e aos poucos íamos observando e descobrindo a presença de animais e plantas típicas da Mata Atlântica. Conforme retrata a imagem abaixo, o pai da Priscila também relatou sobre a parceria com a Universidade Federal do Paraná para estudar a flora e a fauna da propriedade, a presença de camêras para monitoramento de espécies em pontos estratégicos, características do solo e a preocupação permanente com a preservação do meio ambiente.

FIGURA 44: CONHECENDO A MATA ATLÂNTICA. PROJETO AÇÃO VAGALUME

FONTE: acervo de Priscila Drosdek (2019).

Infelizmente haviam compromissos em Curitiba a tarde e eu não pude acompanhar as atividades propostas para o dia todo. Voltei da trilha encantada com a floresta, com as histórias e com a necessidade de repensar as relações que temos com a natureza. Somos natureza. Repensar essa natureza exteriorizada é um olhar duplo, de se rever e rever o outro. Fato que fez com que eu, em minha rotina urbana dentro de uma das maiores metrópoles brasileiras, me colocasse para refletir prioridades e práticas. Comemos muito rapidamente a refeição vegeratiana preparado pelos jovens e tudo estava delicoso, sendo que a falta de carne na

comida colocava em voga outra vez um aspecto sutil, mas tão importante em nossa sociedade que é a nossa cultura alimentar.

Por fim, gostaria de compartilhar que o que ficou deste dia de mais marcante foi a disposição, o acolhimento e a simpatia dos jovens que participaram conosco. Pessoalmente, enfrentava um momento difícil na escola que trabalhava e participar desta atividade, pensar as relações de gênero, a educação ambiental e vivenciar uma educação fora das quatro paredes da sala de aula foi como um novo fôlego para seguir caminhando com mais certeza que, como bem aponta Milton Nascimento, se muito vale o já feito, mais vale o que será, e mesmo que a rotina de uma escola tradicional tente sufocar as alternativas para a educação, cabe a nós cavar, adubar, preparar e plantar as possibilidades de ensinar e aprender que julgamos necessárias para nosso momento histórico.

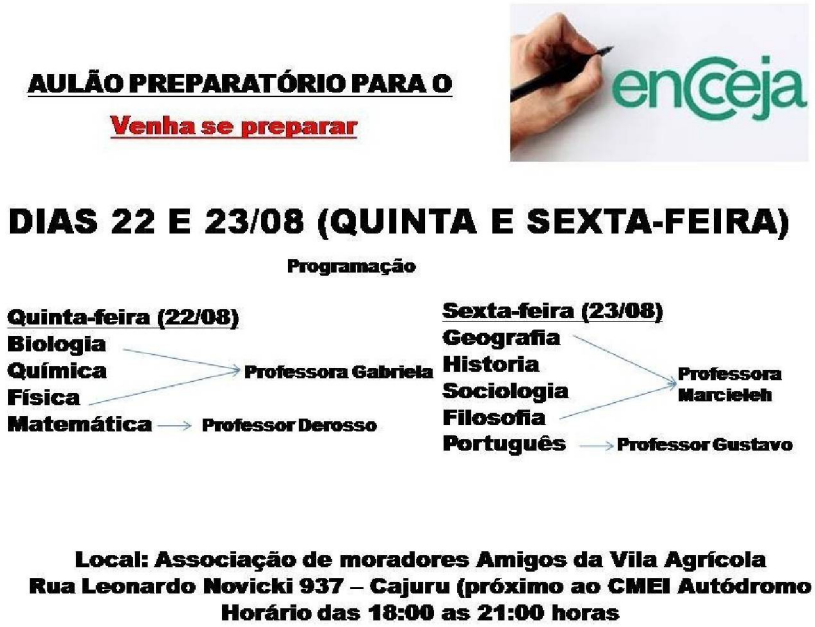
3.3.2 Associação de Moradores Amigos Da Vila Agrícola

Entre os trajetos e almoços em dias de atividade da especialização, meu colega Gustavo relatou em alguns momento certos receios e incertezas quanto ao projeto que desenvolveria na ANE e os desafios em buscar atuar de forma significativa junto aos educandos. Fiquei muito feliz em descobrir que aos poucos ele ganhou mais confiança em onde e como deveria atuar, escolhendo a periferia de Curitiba e a alfabetização e letramento junto à Educação de Jovens e Adultos como foco de seu projeto.

O dia vinte e três de agosto de 2019 era uma sexta-feira particularmente fria nublada e cinzenta na cidade de Curitiba. O endereço compartilhado apontava o bairro de Cajuru, um bairro de trabalhadores periféricos localizado próximo a divisa com São José dos Pinhais. Em conversa com a comunidade, descubro que a área em questão é uma ocupação urbana que se consolida no final dos 1990 e que vivenciou a precariedade e a negação de direitos básicos típicos de um processo de crescimento urbano (des)orientados pela lógica capitalista e segregacionista que separa os mais ricos e os mais pobres dentro do espaço urbano e oferece diferentes equipamentos urbanos como parques, hospitais, creches, quadras esportivas, saneamento básico, pavimentação e segurança a depender de quanto dinheiro você possui ou qual é o preço do m² do bairro em questão.

Na paisagem urbana, destaco a presença dos trilhos do trem, cortando o bairro com seu caminho de ferro e com seu forte apito. Como a aula era a noite, havia um pouco de trânsito e acabei me atrasando um pouco por não encontrar com tanta facilidade a associação de moradores. Com a proximidade do Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (ENCCEJA) de 2019, fui convidada para dar uma aula sobre os conteúdos da área de Ciências Humanas (Geografia, História, Filosofia, Sociologia e Ensino Religioso) , para adultos que fariam a prova para ver se seriam aprovados ou não na obtenção do certificado de conclusão do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, conforme podemos ver no convite abaixo. A prova aconteceria nos dias seguintes e pude notar que havia um sentimento de esperança e ansiedade pairando no ar daquela sala.

FIGURA 45: DIVULGAÇÃO DO AULÃO ENCCEJA.



FONTE: acervo Associação de Moradores Amigos da Vila Agrícola (2019).

Gosto muito de ser educadora quando vivencio momentos como aqueles que ocorreram naquela sexta-feira a noite. Haviam sete educandos conosco, sendo cinco mulheres e dois homens. Muitos estavam cansados da jornada de trabalho da semana, mas ainda assim ofereciam um olhar atento e curioso, participando e

tirando dúvidas que surgiam quando viam algo que não entendiam no slide, quando eu questionava sobre algum item ou ainda quando eles se lembravam de algo que haviam vivido e que tinha relação com o conteúdo abordado.

Um exemplo disso foi quando comentei sobre o êxodo rural ocorrido no interior do estado do Paraná devido a geada nas lavouras de café, pois haviam senhoras que mostravam em seus olhos a lembrança desses tempos passados nas lavouras no norte paranaense. Percebi que esses eram conteúdos que nunca se esquecem, porque foram vividos e sentidos na pele, nas mãos, e não eram apenas conteúdos, eram memórias de vida. Segue abaixo alguns registros da aula.

FIGURA 46: AULA DE CIÊNCIA HUMANAS.

FONTE: acervo de Gustavo Ramos (2019).

FIGURA 47: DEBATENDO DESIGUALDADES SOCIAIS NO BRASIL.

FONTE: acervo de Gustavo Ramos (2019).

FIGURA 48: DESPEDIDA DO AULÃO DE CIÊNCIAS HUMANAS.

FONTE: acervo de Gustavo Ramos (2019).

Mesmo que a atividade tenha sido um aulão de véspera sobre Ciências Humanas para uma prova extensa e conteudista, pude me sentir acolhida pelos educandas e educandos da comunidade, que mesmo a simplicidade do espaço e das condições, demonstravam o quão significativo era para ele relembrar e aprender depois de tanto tempo fora de sala de aula.

Como era muito conteúdo, resolvi fazer uma apresentação de síntese de itens centrais, utilizando imagens e esquemas de fácil assimilação sobre temas como: confrontos sociais e território nacional, abordando o processo de formação do território brasileiro, sua relação com questão indígena no país e a importância de valorização da diversidade sociocultural; o processo redemocratização no Brasil pós-ditadura militar e a necessidade de participação popular na política; as desigualdades e relações entre o espaço urbano e rural no Brasil, com destaque para as migrações; por fim, problematizamos as questões ambientais no país, discutindo itens como os principais biomas brasileiros são atingidos pelos interesses econômicos da sociedade, causando poluição, desmatamento e queimadas, como foi o caso da Amazônia em agosto desse ano.

Depois do desafio passar por esses itens em pouco mais de uma hora, concluímos a aula resolvendo alguns exercícios e tirando algumas dúvidas e a noite terminou com um lanche simples, alguns abraços, fotos e agradecimentos. Ao voltar para casa, mesmo com o frio curitibano, segui com um sorriso no rosto e com o coração aquecido torcendo para que de alguma forma a aula e as trocas que fizemos naquela noite pudessem contribuir para um resultado positivo no ENCCEJA e em uma melhor compreensão da realidade que nós vivemos.

3.3.3 Acampamento Agroflorestal José Lutzenberger

O Litoral do Paraná foi resignificado durante o período de um ano e meio em que participei das atividades da ANE. No início, confesso que estava tomada por curiosidade com a proposta da especialização e que dei pouca atenção aos vínculos que a Universidade possuia com o seu território e modo como a dinâmica que a região litorânea gera afetava nas atividades acadêmicas.

Não demorou mais que um encontro para perceber que não era apenas a proposta pedagógica que diferenciava aquela turma de pós graduação, mas que a

comunidade, as pessoas e as experiências vividas na prática, por serem cheias de afeto, afetavam de um modo muito significativo e provocativo nós, moradores de Curitiba que faziam parte da turma, e que uma vez ao mês tínhamos um encontro em Matinhos.

Lembro que logo no início do curso, animada com o que se passava nas aulas, cogitei, de maneira despretenciosa, sair de Curitiba e ir morar no litoral do Paraná, próxima ao mar. Passado um ano, mal sabia eu que aquela pequena fagulha de possibilidade se concretizou. Em setembro de 2019, por motivos e caminhos que pareciam dificeis de acreditar, me mudei para Pontal do Paraná, munícipio próximo a Matinhos e a UFPR Litoral.

Viver no litoral do Paraná é me aproximar de uma narrativa da cultura paranaense muito diferente daquela propagandeada na capital. Fandango, indígenas, caiçaras, pescadores artesanais, território e preservação ambiental. Porto, soja, commoditties, exportação, lucro e competitividade. Memória, cultura, imaterialidade, passado. Verão, balneário, turistas, consumo, trânsito e férias. Ver como esses sujeitos, interesses e fatores influenciam e se geografam no espaço é instigante e me provoca a buscar uma compreensão mais complexa dos territórios e das disputas que marcam.

No início das atividades da segunda turma da especialização, em 2018, contávamos com a presença de estudantes que participaram da primeira edição da ANE, e através dessa interação entre as turmas pude conhecer a Sara, um pouco de sua trajetória de vida e sua militância junto ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST). A Sara é uma mulher contagiante, que inspira luta e simpatia para as pessoas a sua volta e saber de sua atuação junto ao Acampamento Agroflorestal José Lutzenberger gerou curiosidade e interesse em conhecer um pouco mais sobre essa experiência agroecológica.

Nos encontros mensais de 2019, através dos relatos sobre os projetos de meus colegas de turma e diálogos sobre o andamento das atividades, soube que um grupo de estudantes estava desenvolvendo ações nesse acampamento onde a Sara vivia e percebi ali uma oportunidade de conhecer aquele espaço de resistência e, quem sabe, propor alguma atividade. Em conversa com o Paulo Ricardo, me coloquei a disposição para contribuir, mas sem saber ainda de que forma essa colaboração ocorreria.

Quando me aproximei dessa ação, já havia ocorrido uma ida para a comunidade com oficinas com temáticas variadas, como: oficina de construção em bambu; vivência bem-viver e dançar; oficina Teatro Livre e a oficina Aprendendo com o Mar. Após o encontro mensal de agosto começamos a articular a próxima ida e o convite era para que também desenvolvesse com a comunidade uma oficina.

Não sabia qual oficina propor. Se para as crianças ou para os adultos. No começo surgiram ideias de temas mais ligados a minha formação em Geografia, como cartografia social e representação do espaço que vivemos, ou ainda, vasos de plantas com suculentas e kokedamas. Contudo, a ida a comunidade teve que ser adiada de setembro para o mês de outubro e esse tempo fez com que eu mudasse bastante a intencionalidade de minha proposta de atividade no acampamento.

Ao refletir sobre o que propor, percebi que queria continuar tratando das questões de gênero, mas agora sobre um viés mais voltado ao sagrado feminino, ao uso medicinal das plantas e os cosméticos naturais e o título ficou: Mulheres, natureza e autocuidado feminino. Eu queria conversar com as mulheres do acampamento, ouvir seus relatos e trocar experiências e para me ajudar a preparar essa atividade contei com uma grande amiga, com que já havia trabalhado em Curitiba e proposto uma oficina parecida para adolescentes, a Duany. Quando contei a ela a proposta de atividade e o local que ocorreria, ela topou imediatamente e, de modo compartilhado, nos preparamos e pesquisamos como fazer um espaço significativo de troca de saberes entre as mulheres do campo e da cidade.

Com a data remarcada, preparamos imagens, ervas medicinais, mandalas lunares e nos preparamos para nossa visita ao acampamento, que ocorreu em um sábado, dia vinte e seis de outubro. Havia acabado de me mudar para o litoral e, além da Duany, meu filho e meu companheiro foram comigo rumo à UFPR Litoral, ponto de encontro para o embarque no micro-ônibus rumo à Antonina, que estava repleto de sorrisos e disposição para as atividades, conforme a imagem abaixo. iam também: professores da especialização, Prof.ª Joselilian e Rodrigo Mengareli; colegas de turma, Gustavo e Daiane, alguns estudantes da graduação em pedagogia (Prof.ª Joselilian) e uma aluna do curso de Ciências Sociais no IFPR, orientanda de TCC de meu companheiro.

FIGURA 49: A CAMINHO DO ACAMPAMENTO AGROFLORESTAL JOSÉ LUTZENBERGER.

FONTE: acervo ANE (2019).

Depois de aproximadamente uma hora de trajeto, fomos recebidos de maneira acolhedora com uma mística ao centro, cheia de frutos colhidos no acampamento. Sentados em volta da mística - com bananas e outros frutos do trabalho dos acampados, houve uma rodada de apresentação e aos poucos a comunidade partilhou um pouco de seu histórico de luta e resistência frente ao modelo hegemônico de propriedade privada e produção alimentos. Lá estavam a Sara e outras famílias da comunidade para partilhar o cotidiano, os desafios e as belezas dessa luta coletiva para se ter uma terra para viver, plantar e semear alternativas emancipatórias para a vida no espaço rural.

A escuta do histórico do acampamento despertou curiosidade para compreender os conflitos que surgem por aquela terra e por aquele território. Pesquisando um pouco a respeito, entendi que há uma disputa entre as famílias acampadas, e outros agentes como o Estado e proprietários de terras do entorno, fato que configura conflitos socioambientais quanto ao uso da terra na área do acampamento onde de uma lado temos a recuperação, produção e manejo

agroecológico da área por parte da resistência das famílias do movimento dos sem-terra e de outro interesses que ora defendem a preservação da biodiversidade, ora compatuam com o modelo de agricultura convencional (VANESKI FILHO; TORRES, 2019).

Ainda sobre a trajetória de luta da comunidade, torna-se importante destacar que antes da ocupação, a área da fazenda era utilizada para a bubalinos, ou seja, para a criação de búfalos. Essa informação se torna importante devido ao fato de que esta criação impacta de forma bastante negativa o meio ambiente, principalmente o solo, compactando e diminuindo a capacidade de infiltração da água. Para produzir nesse solo, os acampados tiveram que descobrir técnicas de manejo que devolvesse ao solo sua permeabilidade, demandando conhecimento técnico e bastante mão de obra por parte das agricultoras e agricultores envolvidos.

Não bastanto, a área do acampamento encontra-se dentro da Área Proteção Ambiental (APA) Federal Guaraqueçaba, que desde 1985 é uma unidade de conservação de uso sustentável localizada no litoral norte do Paraná e que abrange quatro munícipios- Antonina, Campina Grande do Sul, Guaraqueçaba e Paranaguá (VANESKI FILHO; TORRES, 2019). Logo, o conflito socioambiental no qual as famílias acampadas se inserem também é uma disputa de diferentes práticas e lógicas de pensar a natureza e sua relação com a sociedade, marcado pela defesa de prática agroflorestais e agroecológicas e da reprodução sociocultural do espaço rural (VANESKI FILHO; TORRES, 2019) frente a uma cultura preservacionista por parte do Estado e das leis de proteção ambiental, que entendem e defendem a preservação da natureza sem a presença humana.

Depois da acolhida e da roda de conversa inicial houve um generoso café da manhã, fartura camponesa pura! Pães, batata doce, doce de banana e um bom café para nutrir e dar força para as atividades do dia. Meu filho, a essa altura, já tinha feito amizade com as crianças de lá, comido meia dúzia de bananas e seguia, correndo e brincando, por aquele chão batido.

Após o café da manhã a proposta foi conhecer parte das áreas de cultivo agroflorestal e hortas dos moradores. Havia diversidade, detalhes e uma trajetória de vínculo com a terra para entender os ciclos e os manejos necessários para aumentar a produtividade e a qualidade do solo, antes pisoteado por búfalos. O cultivo da banana se destacava, como também a batata doce, e a mandioca e o

orgulho dos agricultores ao mostrar os frutos e contar as histórias era de fazer acreditar que agroecologia é possível e é urgente.

No retorno, decidimos que as oficinas propostas pelos estudantes da ANE iriam ocorrer na parte da tarde e todos já estavam ansiosos pela próxima refeição após sentirem o cheiro que vinha da cozinha. Quando o almoço foi servido, quanta fartura novamente. Quantas cores e sabores. Saladas, feijão, arroz, batatas. A maioria dos alimentos tinha sido plantada no próprio acampamento, sem venenos, direto do produtor. Fiquei muito grata por aquele almoço, por perceber que eles ofereceram o que tinham de melhor para nós, por ser uma refeição vegetariana e com a preocupação de promover nossa soberania alimentar.

Após o almoço foi o momento de ir para os bastidores e ajudar a preparar o espaço para a oficina da tarde com as mulheres. Encontramos uma garagem que era perfeita para receber a atividade, fresca e mais reservada, para ouvirmos e sermos ouvidas. As mulheres do acampamento providenciaram caixa de som, internet e nos ajudaram a limpar o espaço e enquanto o Gustavo concluia a oficina de fotografia, Duany, eu e algumas meninas da comunidade colhíamos flores e arrumávamos a mística.

O objetivo da atividade era conversar com as mulheres sobre ciclos femininos, ginecologia natural, a conexão cíclica que as mulheres possuem com a lua e sobre quais plantas medicinais podem ajudá-las a lidar com melhor com doenças que nos atingem especificamente, como vaginites e cólicas menstruais.

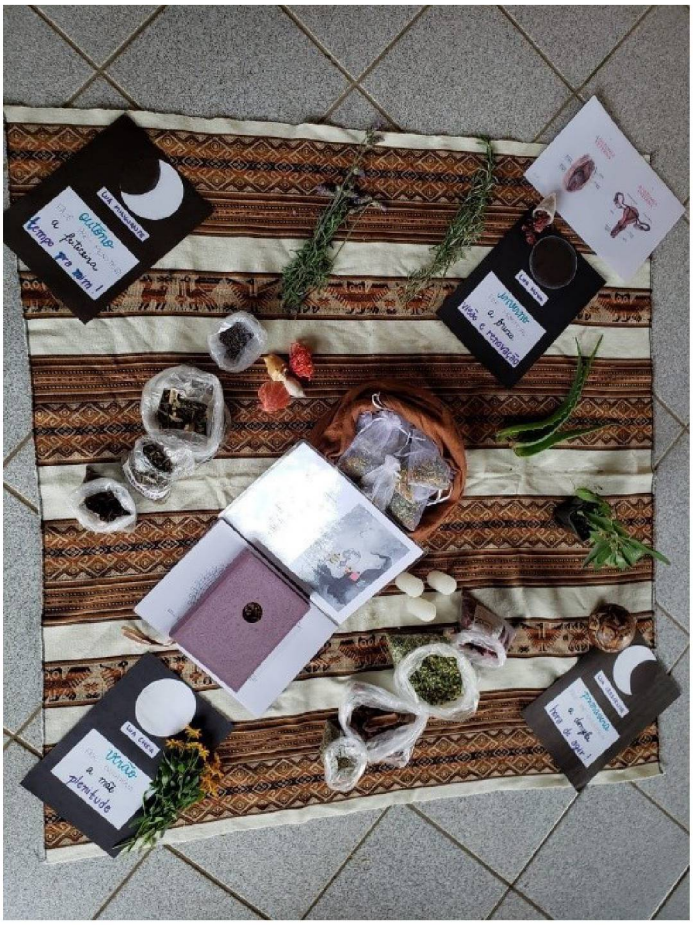
Após a oficina de fotografia terminar, convidamos para que as mulheres se dirigissem ao local e aos poucos elas foram chegando e formando um círculo em volta da mística, conforme a foto a seguir. Haviam ervas medicinais, como a babosa, o alecrim, a calêndula, a camomila, a sálvia, o bartatimão, artemísia, velas, coletor menstrual e algumas representações, como a imagem da anatomia externa e interna do aparelho genital feminino, as fases da lua e seus arquétipos de referência na mulher: a bruxa, a donzela, a mãe e a anciã.

Além das mulheres da comunidade, o grupo de jovens estudantes de pedagogia, as professoras Joseliliam e Susan, a Sara e a Daiana estiveram conosco neste círculo de aproximadamente vinte mulheres. Começamos a oficina ouvindo a música Triste, louca ou má, da cantora e compositora Juliana Strassacapa da banda Francisco, el Hombre. A música, com sua letra e melodia, nos ajudou a criar uma

atmosfera de crítica as imposições sociais e culturais feitas sobre nós, mulheres, nosso corpo e nossos desejos frente ao mundo.

Depois nos apresentamos e aos poucos as participantes colocam seu interesse com a temática de gênero, a curiosidade com a ginecologia natural e os sentimentos com que elas chegavam após a música e a mística ao centro. São nesses momentos de troca que percebemos o quanto de silenciamento nós sofremos e o quanto temos a necessidade de nos reunir e falar sobre as feridas e emoções que a sociedade machista e patriarcal nos designa todos os dias.

FIGURA 50: MÍSTICA SOBRE OS CICLOS FEMININOS- ACAMPAMENTO AGROFLORESTAL JOSÉ LUTZENBERGER



FONTE: acervo pessoal (2019).

Começamos a roda de conversa/oficina refletindo sobre o que é ser mulher em nossa sociedade, os padrões de comportamento exigidos e o modo como a relação e os saberes das mulheres sobre e com a natureza foi convertida em uma

forma de nos inferiorizar e dominar, pois esse vínculo nos tornava como selvagens e menos humanas e caberia aos homens, com outra racionalidade- mais científica e cartesiana - nos levar a civilidade, com base na extensão dos padrões masculinos de ser/estar no mundo para as mulheres.

Baseadas no livro Bruxas, parteiras e enfermeiras: uma história das curandeiras, aproveitamos a proximidade com o dia das bruxas, 31 de outubro, e buscamos destacar o papel histórico que as bruxas tiveram ao longo da história, com mais intensidade no período da Idade Média na Europa, como curandeiras não profissionais a serviço da população camponesa e o modo como a caça as bruxas foi também uma forma de excluir as mulheres do exercício autônomo do cuidado e da cura (EHRENREICH; ENGLISH, 1999).

Retomar esse histórico de autocuidado e autonomia era importante para relembrar mulheres curandeiras que vieram antes de nós e o modo como a há um apagamento da memória delas por serem consideradas uma ameaça política, religiosa e sexual para a ordem social vigente na época, mas que ainda permanecem vivas nos preconceitos, sexismos e nas situações machistas que sofremos em nossos cotidianos.

Nesse momento, muitas mulheres partilharam experiências que vivenciaram e vivenciam em suas casas, no trabalho e na sociedade em geral. Houveram relatos de assentadas que contavam de como essas relações de gênero injustas e patriarcais se colocam dentro do MST e a forma como o próprio movimento tem criado estratégias para combater o machismo e a desigualdade de gênero na militância, como colocar sempre uma mulher e um homem em cargos diretivos e de coordenação e criar espaços para que as mulheres se organizem e discutam suas próprias pautas e demandas com autonomia.

As agricultoras da comunidade também colocaram situações a nível familiar de violência doméstica, de divisão injusta do trabalho e seus lucros e de como valorização de si mesma e o autocuidado as vezes era suprimidos pela dinâmica dos afazeres domésticos e cuidado com os filhos. As estudantes de pedagogia também se viram nos relatos e colocaram que vivenciavam situações parecidas na cidade, indicaram livros, autoras e músicas. E é por isso que o feminismo une tanto as mulheres, porque vemos nas outras a nossa própria dor, porém, também vemos a

posssibilidade coletiva de criar caminhos para curar as feridas e seguir na construção de relações de gênero mais igualitárias.

O segundo momento de fala, conduzido pela Duany, foi voltado a discutir um pouco a anatomia do corpo das mulheres e a importância de conhecer os processos que nosso corpo vive todo mês quando está fértil, descontruindo a repulsa ou a vergonha que temos pelo sangue da mestruação, por exemplo. Com base no Manual de Ginecologia Natural e Autônoma[3] buscamos mostrar como as mulheres são cíclicas e como a conexão com a lua e com os elementos da natureza pode nos ajudar a entender e nos relacionar melhor com nosso corpo através da auto-obervação.

Durante a fala circularam imagens do aparelho genital feminino e algumas mulheres mostravam certo incômodo ou vergonha ao ver as imagens, fato que nos chamou atenção, confirmando ainda mais a necessidade que temos de conhecer e conversar a respeito de nós mesmas, do corpo e da saúde das mulheres.

Por fim, pelo avançado da hora, falamos sobre as mandalas lunares para observar o ciclo das mulheres e sobre as ervas que trouxemos e as possibilidades de seu uso como banhos de assento, vaporizações e infusões. Algumas mulheres relataram que possuiam algumas em casa e outras que desconheciam alguns dos chás citados, mas tinham interesse em participar. Para encerrar a atividade, presenteamos as mulheres com um saquinho de flores de calêndulas e o dever de casa de utilizá-lo em um relaxante banho de assento, para tomar um tempo para ri, desestressar e conhecer melhor seu próprio corpo. Na imagem abaixo segue o registro do fim da atividade.

3 Fonte: https://mahuwacomterapia.wordpress.com/manual-de-ginecologia-natural-e-autonomia.

FIGURA 51: ENCERRAMENTO DA RODA DE CONVERSA COM AS MULHERES- ACAMPAMENTO AGROFLORESTAL JOSÉ LUTZENBERGER

FONTE: acervo ANE (2019).

Para concluir, vendo os sorrisos e lembrando dos diálogos daquela tarde, voltei para casa mais feminista, com vontade de ouvir outras histórias daquelas mulheres camponsesas e ir novamente ao acampamento. Voltei também com a certeza que tinha mais aprendido do que ensinado e mais certa de que as bruxas estão despertando, ainda mais sábias e fortes. E como dizem as companheiras pelas ruas: *Se cuida, se cuida, se cuida seu machista, a América Latina vai ser toda feminista.*

3.4 TEMPOS DE FECHAMENTO, SÍNTESES E REENCONTROS: A IV CONANE CAIÇARA E OS CAMINHOS QUE DISPONTAM

Para finalizar a narrativa de minhas vivências mais diretas com a ANE e enfim compartilhar o que foi meu projeto no capítulo a seguir, é importante pontuar o que foi participar da IV CONANE Caiçara e perceber de que forma ela sintetiza e fecha esse ciclo da II turma da especialização. No primeiro item desse capítulo descrevi um pouco do planejamento prévio da CONANE, pois ajudei um pouco na organização do eixo de juventudes. Agora, diferente daquele momento que antecedeu a programação, quero compartilhar o que vivenciei dos demais eixos e

propostas durante a CONANE, deixando para relatar o eixo de Juventudes e diversidade no próximo capítulo, quando abordo o Cursinho Popular Emancipa.

Desta forma, chegamos a dezembro de 2019, mais precisamente os dias 05, 06 e 07 de dezembro que foram os dias do encontro. Particularmente, estava bastante ansiosa ao longo da semana, pois faltavam confirmações importantes sobre a possibilidade dos estudantes do cursinho participarem ou não das atividades da CONANE, se haveria RU ou se haveria a necessidade de eu ter que ir até Curitiba, no CIC, para embarcar junto aos estudantes.

Desde setembro de 2019 eu havia me mudado para Pontal do Paraná e conseguir fechar uma lista de ônibus, com menores de idade, em outra cidade, havia me deixado um pouco apreensiva. Aos poucos, no decorrer da semana, com solidariedade por parte do Prof. Valdo e da Prof.ª Lenir, os últimos ajustes foram organizados e não haveria a necessidade de ir até Curitiba, já que a Ana Márcia, minha colega de turma, estaria lá para embarcar com os estudantes.

No primeiro dia do encontro, quinta feira, não pude comparecer pois durante o dia fiquei cuidando de meu filho, mas sem o carro para ir até Matinhos e a noite tive que ir trabalhar. Na sexta feira de manhã, que começou ensolarada, segui rumo a UFPR Litoral com entusiasmo, sabendo o quão importante seria aquele dia, tanto para meus colegas de ANE, quanto para os estudantes do Emancipa, quanto para mim.

Ao chegar no espaço, percebi que eles estava diferente de nosso cotidiano de sábado, mais vivo, com mais pessoas circulando e com uma agitação de quem está alegre, com dobraduras de guaras enfeitando o hall de entrada, tudo feito com bastante carinho e cuidado pela equipe, mesmo nas pequenas coisas.

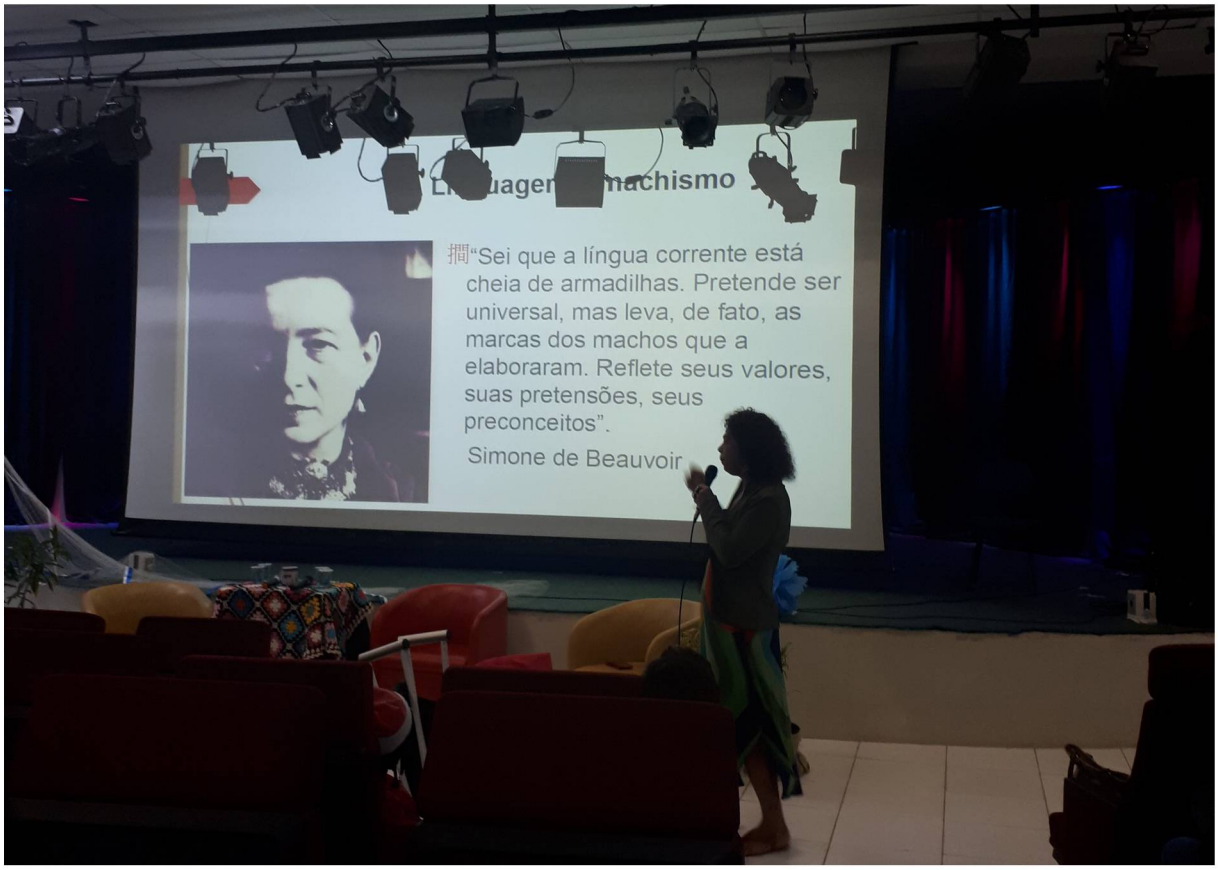
Logo de manhã visitei os paineis de colegas que estavamno vão entre blocos, como a Mariama envolvendo as Plantas Alimentícias Não Convencionais, as exposições das atividades na Aldeia Pindoty com a Daniele, e tantos outros apresentavam o trabalho desenvolvido durante a ANE.

Em seguida, ouvi a fala da Prof.ª Dr.ª Megg Rayara Gomes de Oliveira no auditório e esse foi um dos momentos que mais me marcaram no encontro, pois ela trouxe tanto na teoria, como em seu corpo e em sua linguagem uma crítica ao modo como temos feito ciência e como temos lidado com elementos das questões de

gênero em sala de aula, com discursos eurocentrados, disciplinadores e homofóbicos sobre os estudantes.

O mais forte de sua fala talvez tenha sido ela contar um pouco de sua trajetória e sobre o que é o cotidiano de uma universidade quando se é uma professora transexual no Ensino Superior, sobre o que é esse lugar de fala e sobre o quanto ele é opressor e o quanto a deslegitimam, havendo a necessidade de uma reafirmação constante, seja através da produção científica, seja através de tomar posição em reuniões e corredores. Seguem dois registros desse momento.

FIGURA 52: IV CONANE E A PROF.ª DR.ª MEGG RAYARA.



FONTE: acervo pessoal (2019).

FIGURA 53: DISCUTINDO GÊNERO NA IV CONANE CAIÇARA.

Fonte: Acervo pessoal (2019).

A fala da Prof.ª Megg trouxe também algo que é significativa para a ANE e seus caminhos futuros, que foi justamente as questões de gênero e a democratização do espaço de fala para as mulheres destacando o quanto isso é importante e o quanto naturalizamos generalizações opressoras as mulheres, como o fato de um auditório estar em sua maioria ocupado por mulheres e ainda assim usarmos termos masculinos a nos referir a plateia.

Na FIGURA 53 também gostaria de destacar meu colega de turma Luis Miguel, que é um homem trans e trouxe em diversos momentos essa discussão para a roda da turma. Ver ele, a organização coletiva que ele gerou com o Coletivo Apolo e a Prof.ª Megg naquela manhã foi bastante significativo, ainda mais quando a Megg compartilhou que o Luis seria seu orientando de Mestrado.

Aos poucos aumentam o números de professores transexuais no Ensino Superior e com eles as pesquisas também ganham novo fôlego e acredito que isso é construir alternativas para a nova educação, já que a escola tantas vezes é um espaço de exclusão, segregação e preconceito para a parcela da população que possui uma sexualidade que foge da cis- heteronormatividade, o que torna muito mais difícil para os estudantes deste perfil seguirem estudando, e por/com eles é necessário criar novas possibilidades.

Ao final da manhã, recepcionei os estudantes do Cursinho Popular Emancipa e os acompanhei durante o almoço, a tarde e a janta, sendo que neste período desenvolvemos as atividades que estão descritas no capítulo a seguir, com que encerro este memorial.

Para continuar o relato do encontro, a sexta feira a noite houve a conferência do Tião Rocha, com o tema “A Comunidade como espaço educacional”. De fala fácil e envolvente, o educador trouxe através do relato de histórias de sua vida como ele ajudou a construir na prática ações que envolvessem a comunidade de forma que ela se sentisse como parte do processo educativo.

Sua fala apontou a importância de não deixar nenhum educando para traz e que a escola, para concretizar isso, precisa ir até a comunidade, alargar sua presença e criar estratégias que envolvam e criem co-responsabilidades. Abaixo segue uma foto de Tião. Ele diz que, para fazer isso, mesmo em rincões mais desacreditados e pobres, é preciso que a escola traga a esperança, a curiosidade e o fazer coletivo que envolve.

FIGURA 54: TIÃO ROCHA NA IV CONANE CAIÇARA.

FONTE: acervo pessoal (2019).

A fala de Tião Rocha foi leve, mas provocativa, para repensar que espaço a comunidade ocupa quando pensamos projetos e como as práticas simples (como

plantar árvores) tem uma potência surpreendente. Após algumas perguntas e considerações da plateia, encerramos a noite deste dia bastante intenso da CONANE.

No sábado pela manhã as atividades começaram com a apresentação da peça O Ninho. Estava com o Antônio e perdi parte dela porque ficamos no espaço externo e depois na sala multiuso, com as crianças, acompanhando um pouco das apresentações a exposição dos trabalhos com a educação infantil, do xadrez e envolvendo LIBRAS.

Após esse momento, agora próximo ao almoço, nos preparamos para a caminhada "Revoada da paz" rumo a Associação Vila Nova, que tantas vezes foi parceira da ANE em projetos e ações. Me parece que aos poucos os participantes da ANE saíram da toca e foram enchendo e colorindo as ruas. Jovens, adultos, crianças e idosos, aos poucos a rua foi ficando nossa, em uma marcha por um bairro de casas vazias no período fora da temporada.

Conforme nos afastávamos do mar, da Universidade e dos imóveis mais caros, indo mais para o interior de uma bairro simples, mais pessoas nós encontrávamos e mais vivo e cheio de festa a revoada seguia. Como estava com Antônio, a curiosidade dele pelo mundo, pelas ávores e por observar aos poucos nos deixou para traz e ganhei uma carona da Prof.ª Francéli para conseguir acompanhar o ritmo. No carro havia água e suporte para que todos pudessem chegar com segurança.

Quando chegamos na Associação, depois do trajeto e da alegria com músicas cantadas no carro de som, houve mais um momento de dialogar sobre a importância de ir até o bairro, conviver com as pessoas e perceber o quanto a universidade precisa criar pontes com o seu entorno, ao invés de se fechar em si, conforme retrata a FIGURA 55.

FIGURA 55: A REVOADA DA PAZ- A UNIVERSIDADE E A COMUNIDADE.

FONTE: acervo do autora (2019).

No canto da imagem ainda é possível observar um carrinho de material reciclável e algumas pessoas que trabalham recolhendo esse material. Percebo que a caminhada também conseguiu trazer essa discussão, através do recolhimento do lixo ao longo do caminho e do acolhimento destes trabalhadores para almoçar junto aos participantes do evento.

O almoço na Associação Vila Nova foi também um dos pontos marcantes daa CONANE, pois não deixou a desejar e conseguiu abordar pratos, tempeiros e sabores típicos da culinária caiçara, que também foi um detalhe importante para considerar os aspectos regionais que nos são próprios. Além disso, deu conta de integrar os partipantes, de promover o dialogo, o dividir amigos, parrtilhar a mesa e conversar sobre a intensidade das vivências da CONANE.

Antônio logo fez novas amigas, vimos uma apresentação de música gaúcha, almoçamos e logo começamos o retorno para as atividades que fechariam a CONANE. A tarde houveram a apresentação das duas meninas na foto a seguir e de tantas outras crianças que desenvolvem projetos lá na associação, com danças.

Além delas, se apresentaram também outras crianças do município envolvidas com projetos de colegas meus de ANE e havia bastante euforia e bastante vida pulsando no auditório da universidade. O ápice da CONANE, em

minha opinião, foi ver que eles se sentiam plenos no palco e que havia muito significado na trajetória que os trazia até ali.

FIGURA 56: AS BAILARINAS DA ASSOCIAÇÃO VILA NOVA- IV CONANE Caiçara.

FONTE: acervo da autora (2019).

Após as apresentações da tarde, foi o momento de refletir sobre a nossa caminhada e para isso, solidariamente, a segunda turma da especialização subiu ao palco e se abraçou, demonstrando o laço e o vínculo criado. Houveram ainda momentos de fala, de análise sobre os caminhos que a ANE iria trilhar, sobre a conjuntura da UFPR Litoral, mas aos poucos o clima que tomou conta foi o de celebrar pelo encontro e a potência do que foi a CONANE.

Particularmente, senti que dentro da CONANE houveram muitos encontros, mas que a apresentação dos trabalhos e dos projetos de meus colegas de turma, no geral, foi um pouco secundarizada pelas falas e conferências dos palestrantes mais famosos.

Além disso, percebo que houveram muitas atividades com discussões muito ricas ocorrendo em momentos simultâneos, o que fez com que os participantes tivesses que ficar escolhendo para onde ir, ou seja, gerando divisões que resultaram

em alguns espaços bastante esvaziados de um lado, e auditórios repletos de outro, ao mesmo tempo. Contudo, acredito que as críticasque ficaram são pequenas se comparadas a potência do encontro.

Após a sistematização das vivências nos projetos, dos encontros mensais e da IV CONANE percebo o quanto nós, estudantes da turma 2018/19, conseguimos aprender-ensinar ao longo dos meses e o quanto o que aprendemos se reflete em nossas propostas de ações com os educandos. Diferente de outras formas de ensino, não esperamos a conclusão do curso de especialização para rever a nós mesmos e a nossa prática do ensinar, mas pelo contrário, refletimos e nos modificamos na medida em que o conhecimento visto gera tomada de consciência e nos expõe outras possibilidades de sermos educadores.

Com meus colegas, pude perceber diferentes caminhos de construção coletiva, de organização popular e de inserção social. Ombro a ombro, planejamos as atividades relatadas acima de modo a ir de encontro as necessidades que cada um dos projetos demandava. Foi muito gratificante ajudar, mesmo que de maneira pontual, tornar realidade o que meus colegas sonharam como uma alternativas para a nova educação. Oxalá esses projetos cresçam, criem raízes sólidas e frutifiquem em conscientização, mostrando que a educação é um caminho e que é através dele que nos tornamos cada vez mais sujeitos de nossa própria história.

Seja com os jovens do Projeto Ação-Vagalume, seja com os jovens e adultos da associação de moradores, ou ainda, na resistência dos acampados do MST, em cada uma dessas situações pude perceber o quanto é urgente a construção de alternativas frente à educação bancária e não dialógica que se impõe de modo hegemônico no ensinar-aprender. Percebi o quanto é preciso humanizar-se e humanizar as relações com os outros. Olhar nos olhos, dividir anseios coletivos, ouvir as histórias de vida, o cotidiano e conhecer o chão do território onde se pisa.

4 REDE EMANCIPA - MOVIMENTO SOCIAL DE EDUCAÇÃO POPULAR

> Que [a universidade] se pinte de negro, que se pinte de mulato. Não só entre os alunos, mas também entre os professores. Que se pinte de operários e de camponeses, que se pinte de povo, porque a universidade não é patrimônio de ninguém, ela pertence ao povo.
>
> Ernesto Che Guevara

A realidade vivida pelos educadoras e educadores brasileiros nas salas de aula da educação básica expõe muitas contradições e ausências próprias de uma sociedade estruturalmente desigual como é o caso do Brasil. Mais dos que isso, viver essa situação nos provoca a buscar alternativas para mudar a realidade e nos fornece um olhar crítico - uma tomada de consciência - sobre o nosso próprio processo formativo enquanto educadores, nossa trajetória de vida, nosso passado e nossas projeções de futuro.

Quero dizer aqui que para se fazer uma análise de conjuntura da educação brasileira hoje, mesmo que breve, o olhar deve começar por nossas próprias vivências educativas, tanto na posição de educando como de educadores. Bell Hooks (2013) chama esse processo de formular uma teoria a partir da experiência vivida, pois fazer teoria para a autora é onde podemos encontrar a cura e justamente a esperança de nossa libertação.

Logo, há nesse ponto do memorial um exercício reflexivo para o leitor, que consiste em analisar sua trajetória de vida sobre uma perspectiva crítica. Perceba quem eram seus educadores, se eram homens ou mulheres, onde se localizava a escola de ensino fundamental em que você estudou (central-periférica, rural-urbana), se a instituição era pública ou privada, qual era a raça dos professores, e quais eram as posições que pessoas negras ocupavam no contexto escolar (se eram educadores, estudantes, faxineiros, cozinheiras, secretárias, auxiliar administrativo ou ocupavam cargos de direção), ou ainda, reflita sobre o que houve com as jovens mães, com a população LBGT, com os alunos ditos mais indisciplinados, mais empobrecidos, ou aqueles colegas com mais dificuldades de aprendizagem.

Para além da lembrança do Ensino Fundamental, se continuamos a mesma lógica de raciocínio com o Ensino Médio, percebemos que a quantidade de colegas se reduz ao longo dos anos e que cada vez mais o perfil de estudantes que conseguem seguir os estudos acaba se uniformizando.

Passados os três ou quatro anos de Ensino Médio, técnico ou regular, temos um montante de jovens que conseguem concluir essa etapa (geralmente com seus dezessete ou dezoito anos), e que conseguiram superar ao menos doze anos de ensino básicos no Brasil. E depois? O que ocorre com esses jovens? Que trajetórias estabelecem? Como a educação e a docência dialogam com essas trajetórias?

Pensar meu projeto da ANE me remetia a muitas perguntas como essas. Perguntas sobre a escola, sobre a sociedade, sobre minha prática e sobre mim. Durante o período que cursei a especialização revivi muito dos pesadelos que me sondavam a respeito de minha ansiedade e muito desse processo tinha como gatilho estar na sala de aula de uma escola particular que tinha uma proposta pedagógica com princípios diferentes daqueles que eu acreditava.

Desde o final do bacharelado em Geografia, da especialização em Juventude e dos anos em sala de aula tenho dedicado atenção em perceber as juventudes e que sintomas elas expressam do nosso tempo. E é esse sintoma, a incerteza e as possibilidades que a juventude mostra sobre qual caminho seguir, que eu dialogo em meu projeto.

Passamos tanto tempo de nossas vidas na escola, antes como educandos, agora como educadores, e a pergunta que fica é como fazer com que nossas incertezas e possibilidades encontrem via educação uma prática de transformação social.

Estar na segunda turma da ANE, em meio a inquietações tanto teóricas quanto experenciais, provocou-me a encontrar um espaço educativo que desse conta de me acolher e de me ajudar a construir alternativas frente a educação hegemônica. E o Cursinho Popular Emancipa- Vila Verde é hoje esse espaço para mim.

Desta forma, o quarto capítulo deste memorial tem como objetivo compartilhar o acúmulo de práticas e reflexões desenvolvidas principalmente no ano de 2019 junto à coordenação do Cursinho Popular Emancipa- Vila Verde. É sobre uma caminhada com uma juventude da periferia de Curitiba que aprendeu e que nos ensina que a cada dia mais a universidade pública está em disputa, que o conhecimento é poder e que, como bem aprendemos com Paulo Freire, se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.

No início do primeiro capítulo deste memorial, inspirado em uma das frases do filme "Uma História de Amor e Fúria"[4] destaco que viver sem conhecer o passado é como viver no escuro. Além de aplicar essa lógica em minha própria história de vida, percebo que ela é bastante útil para pensar a própria oferta de ensino superior no Brasil e o modo como as universidades se constituem. No entanto, não desejo nesse capítulo apenas olhar para o passado, mas também utilizo dados mais recentes para fazer uma análise do quadro de vagas ofertadas nas IFES e discuto as dificuldade encontradas pelos jovens para acessar essas vagas.

Para tal análise, utilizo em um primeiro momento como base a dissertação de Castro (2005) para resgatar aspectos importantes sobre o passado das universidades brasileiras e perceber o modo como essas instituições constituem a própria história da sociedade. Já no segundo momento trabalho com base no Censo da Educação Superior, com dados do ano 2017 e discuto como os jovens se percebem após a conclusão do Ensino Médio e os desafios que se impõem frente o acesso ao ensino superior.

4.1 POR QUÊ A REDE EMANCIPA EXISTE? SOBRE AS UNIVERSIDADES PÚBLICAS E A NECESSIDADE DOS CURSINHOS POPULARES NA REALIDADE BRASILEIRA

Existem divergências sobre qual é a primeira universidade brasileira. Alguns afirmam que é a antiga Universidade de Manaus (atual UFAM) que detem o título, outros afirmam ser a Universidade do Paraná (atual UFPR) e há aqueles que defendem que é a Universidade do Rio de Janeiro (UFRJ ou Universidade do Brasil).

O fato é que independente de qual das três seja oficialmente a mais antiga do país, sabemos que elas são consideradas recentes quando comparadas as tradicionais universidades europeias do séc XI e XII, por exemplo, ou com as universidades africanas do séc. IX. De acordo com Castro (2005), diferente da coroa espanhola que estabelece ainda no śec. XVI as primeiras universidades na América, nota-se que a coroa de Portugal não prioriza da mesma forma o ensino

4Uma História de Amor e Fúria (Original). Ano produção: 2012. Dirigido por Luiz Bolognesi. Estreia 5 de Abril de 2013 (Brasil). Duração 74 minutos.

universitário em suas colônias, o que ajuda a explicar porque o Brasil desenvolve o ensino superior tardiamente.

Somente no final do séc. XIX e início do séc. XX ampliam-se as escolas superiores no Brasil e começam as atividades universitárias, que naquela ocasião foram consideradas passageiras, como a Universidade de Manaus, a Universidade do Paraná e a Universidade de São Paulo - USP[5]. O termo passageiras refere-se ao fato de iniciarem e não manterem ininterruptas suas atividades. Já em 1920 há a consolidação da primeira universidade do Brasil, a Universidade do Rio de Janeiro, trazendo com ela articulações que começam desde a vinda da família real para a colônia, completando assim no ano de 2020 o primeiro centenário.

Ainda de acordo com Castro (2005), tanto a USP quanto a UFRJ carregam em seu processo de formação uma influência francesa e demonstram a construção de um projeto de desenvolvimento social que via no ensino superior uma possibilidade de atender as demandas da elite econômica que concentrava poder e direcioanava interesses no Brasil.

A partir da déc. de 1930, com a Nova República, o presidente Getúlio Vargas impulsiona o processo de criação de universidades federais e vemos que entre as novas prioridades assumidas estava "situar o Brasil no cenário internacional do desenvolvimento capitalista" o que caracteriza uma modernização liberal (CASTRO, 2005, p. 74). O autor chama atenção para o fato de que as universidades públicas só entraram no debate público sobre sua função social e o desenvolvimento do país a pouco mais de meio século, o que demonstra que ela é um território em disputa em diversos sentidos.

É válido ressaltar nesse panorama mais geral que no período pós segunda guerra mundial, com o desenvolvimento econômico brasileiro e o aumento da taxa de urbanização no país, houve um aumento da escolarização da população e, com isso, um aumento da demanda por ensino superior. Para a autora Mendes (2009) a década de 1960 é marcada pela pressão dos setores populares por ensino superior e é nesse contexto de luta e cobrança pela democratização do acesso que surgem movimentos sociais nos moldes de cursinhos preparatórios.

5Segundo Castro (2005) no ano de 1822, na Indepenência do Brasil, a américa espanhola já possuia 27 universidades enquanto o Brasil possuia apenas cursos superiores de caráter confessional (Jesuítas) e a Academia Real da Marinha e a Academia Real Militar, voltadas aos interesses militares.

Destacamos ainda que desde as primeiras formulações, a concepção oficial das universidades brasileiras é muito atrelada apenas a qualificação profissional e parte da situação que vivemos até hoje para acessar as universidades públicas no Brasil se explica via Reforma Universitária de 1968, proposta durante o período da Ditadura militar. Conforme aponta Castro (2005), a resposta do governo militar para as mobilizações frente a necessidade de mais vagas no ensino superior foi estabelecer o caráter eliminatório do vestibular, além do classificatório, e permitir a entrada do setor privado na educação superior. De acordo com o autor

> Com isso, atendeu-se, no interior do Estado brasileiro, a uma demanda pública por vagas no ensino superior e facilitaram-se as condições para que agentes privados associados aos governos militares fizessem do ensino superior privado um negócio bem rentável. É dessa forma que a iniciativa privada inicia sua trajetória cada vez mais próspera na educação superior no Brasil. (CASTRO, 2005, p. 76)

Marcar essa gênese da iniciativa privada na oferta de vagas no ensino superior terá seus desdobramentos apontados mais adiantes, contudo, considero importante destacar essa escolha política para compreender sua historicidade e o modo como ainda somos afetados pela permanência de escolhas feitas durante os governos militares, mesmo que já tenhamos superado esse período tão autoritário e anti-democrático do país.

Após esses período, com a redemocratização ocorrida nos anos 1980, vemos que os anos 1990 são marcados pela universalização do número de matrículas no ensino médio, o que pressiona novamente o Estado brasileiro a fornecer uma resposta para os jovens que anseiam acessar as universidade. A resposta neoliberal do governo, em certa medida, ainda foi recorrer para que o setor privado ofertasse as vagas no ensino superior, alimentando as taxas de lucro dessas empresas educacionais, o endividamento de uma parcela dos jovens e a não possibilidade de acesso a universidade de outros.

Com o início dos anos 2000 e a eleição de governos mais progressistas no Brasil, vivemos um período de acirramento das disputas no acesso e na permanência nas universidades públicas. Estava claro que o modelo e os critérios do vestibular e sua concepção reproduziam as desigualdades sociais em nosso país e que a forma de acesso ao ensino superior público, pautado em uma falsa meritocracia e na competitividade, pouco ajudava a diminuir esse abismo social.

De um lado, as classes mais privilegiadas e abastadas de nosso país, com seus filhos frequentando escolas particulares, atividades extra-curriculares, cursos de inglês e com a possibilidade de tempo e condições financeiras para pagar por cursos preparatórios pré-vestibulares e se dedicar a um aprofundamento nos estudos para os cursos e universidades mais concorridos do país.

De outro lado, os filhos da classe trabalhadora encontram escolas públicas precárias, a falta de vagas, professores, material e estrutura física. Jovens que muitas vezes adiavam a conclusão o ensino médio no tempo previsto devido a necessidade de se inserir no mercado de trabalho de maneira precoce para ajudar na renda familiar e sem a possibilidade de custear o preço dos cursinho pré-vestibulares comercais. Jovens que muitas vezes desconhecem as universidades públicas ou que não se achavam suficientemente bons para conseguir passar no vestibular.

Pode parecer uma divisão simplista, mas ela ajuda a polarizar a situação em que os debates sobre a expansão do acesso ao ensino superior no Brasil contemporâneo se configuram. Hoje, ano de 2020, percebemos que o Estado brasileiro não se omitiu frente a ao embate de quem irá ocupar as vagas do ensino superior público e que uma das soluções encontradas, com todas as fragilidades possíveis, pode ser vista nas políticas de ações afirmativas, e com ela a reserva de vagas para cotistas sociais e raciais.

Contudo, mesmo com a reserva de vagas para cotistas, nota-se ainda uma concorrência entre as vagas ofertadas nas IFES via vestibular e Sistema de Seleção Unificada- SISU e a permanência da dificuldade dos jovens em alcançar as notas mínimas no Exame Nacional do Ensino Médio para os cursos mais concorridos, por exemplo.

Aqui chegamos no ponto central, que justifica o projeto que desenvolvi na ANE, que é a continuidade da luta pela democratização do acesso ao Ensino Superior. Assim como afirma Castro (2005), acredito que os cursinhos populares são um modo de acumulação de experiências históricas pela educação e que através de movimentos sociais de educação popular é possível construir trajetórias alternativas para a juventude, trajetórias de acesso a arte, a cultura, a política e a educação.

4.2 A JUVENTUDE BRASILEIRA E O ACESSO AO ENSINO SUPERIOR

Elencamos no trecho acima momentos e situações que consideramos importantes nas instituições de ensino superior brasileiras. Por outro lado, quando analisamos a juventude brasileira e a forma como os jovens concluem (ou não) o Ensino Médio no Brasil hoje e se vinculam ou não com as universidades, vemos um caminho de incertezas e possibilidades.

Uma das principais possibilidades apresentadas aos jovens concluintes do Ensino Médio é o acesso ao Ensino Superior, a um curso de graduação. A propoganda para este público é sempre bonita, descolada e tecnológica e aponta para um futuro feliz e com realização profissional para quem escolher estudar nesta ou naquela faculdade ou centro universitário, escolhendo esse ou aquele curso que são tendência para o momento e promissores para o mercado de trabalho.

Para Mendes (2009) essa possibilidade de acesso ao Ensino Superior se insere na lógica da reestruturação produtiva que a economia globalizada enfrenta e no modo como o desemprego estrutural aumenta a exigência de qualificação para o emprego, pressionando ainda mais os jovens a cursarem o Ensino Superior.

A exemplo disso, no início do ano, com a chegada dos resultados dos vestibulares das universidades públicas e do desempenho do ENEM, acompanhamos um período de maior intensidade do discurso, disponível em diversas mídias recheadas de propagandas e anúncios publicitários de instituições particulares de ensino superior oferecendo cursos de graduação, isenções de matrículas e descontos em mensalidades.

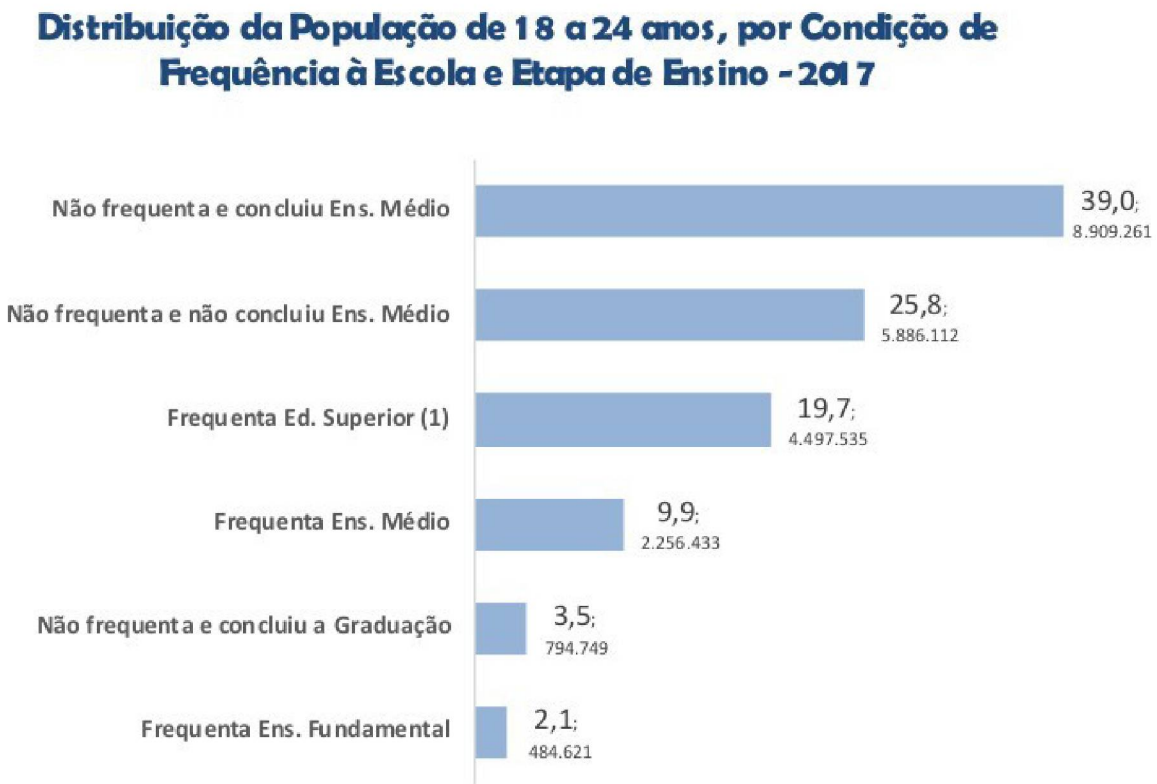
Aqui há uma importante disputa de narrativas que acontece, e enquanto as Instituições Federais de Ensino Superior- IFES, em sua excelência do ensino, acabam como acasteladas, apartadas da sociedade e colocadas em um discurso como de díficil acesso para os jovens pobres e periféricos devido a concorrência e conteudismo dos exames vestibulares, ouvimos a voz aveludada das instituições privadas chamar por novos estudantes, facilitando ao máximo as vias de acesso e condições para novas matrículas.

Logo, para contextualizar a necessidade dos cursinho populares é preciso trazer para o debate elementos tanto qualitativos, quanto quantitativos que nos ajudem a caracterizar os jovens que concluem o Ensino Médio e o perfil dos

calouros no Ensino Superior. Para amparar tal análise utilizamos os materiais coletados no Censo da Educação Superior do ano de 2017 e com ele espera-se trazer dados para pensar os desafios para expansão do Ensino Superior e o modo como os Cursinhos Populares se inserem nessa dinâmica.

No gráfico 01 vemos os dados oficiais do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP que configuram a situação dos jovens entre 18 a 24 anos e a sua relação coma frequência à escola.

GRÁFICO 01- DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO DE 18 A 24 ANOS, POR CONDIÇÃO DE FREQUÊNCIA À ESCOLA E ETAPA DE ENSINO - 2017

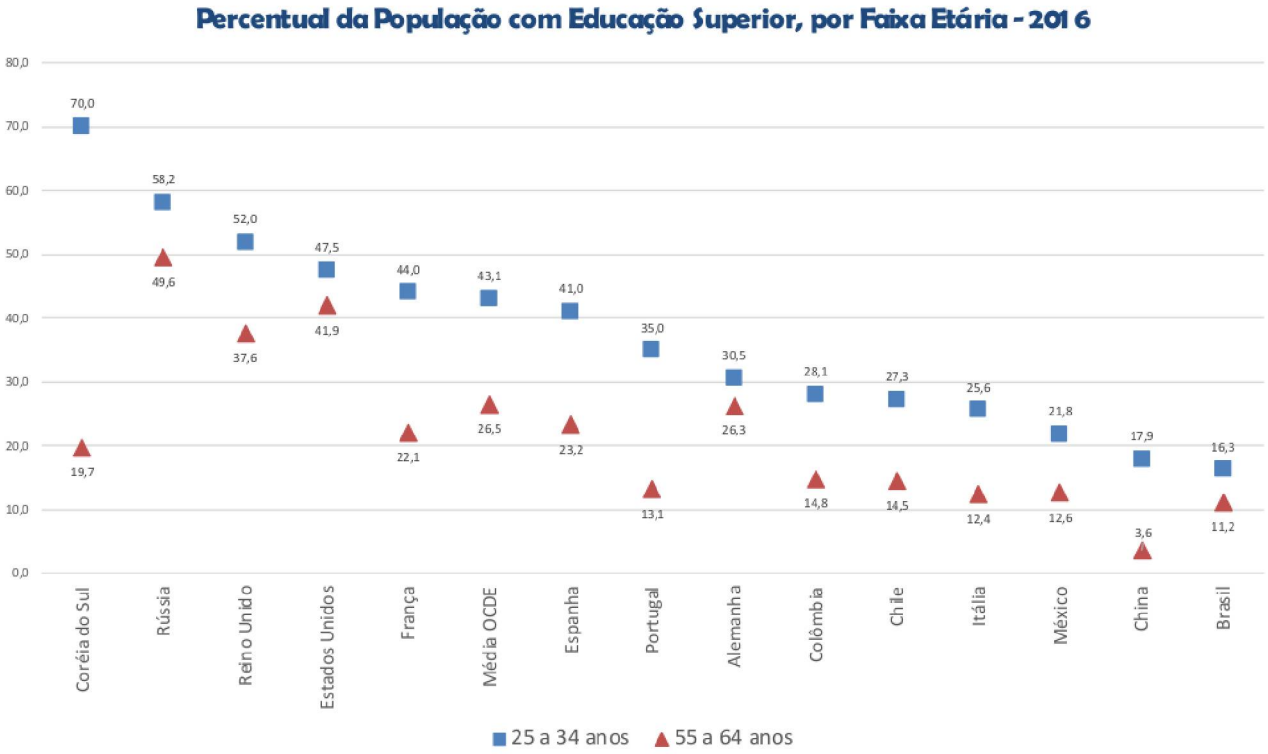


FONTE: IBGE – PNAD; Gráficos elaborados por DEED/INEP. ORG: Censo da Educação Superior (2017).Nota: 1 - Educação superior: graduação, especialização, mestrado e doutorado.

Uma observação mais atenta aos dados nos permite perceber que cerca de 37% dos jovens brasileiros não concluem o Ensino Médio até os dezoito anos. Além disso, 76% dessa parcela dessa população se encontra fora do Ensino Superior, ou seja, na prática, apenas um em cada quatro jovens brasileiros (entre 18 e 24 anos) segue estudando após o Ensino Médio.

Dados como esses evidenciam como o desempenho no cenário educacional brasileiro difere do cenário econômico frente a uma economia globlizada[6]. Para exemplificar o Fundo Econômico Mundial divulgou em 2018 suas previsões sobre as maiores economias do mundo apontando que o Brasil iria ocupar a 9ª posição ao final dessa década, ao lado de importante potências ecônomicas como Itália, Índia, Canadá e França. Contudo, como podemos observar no GRÁFICO 02, quando contrapomos dados econômicos com as taxas de acesso ao Ensino Superior é possível mensurar as desigualdades sociais que assolam nosso país e o quanto precisamos avançar para democratizar essa etapa do ensino.

GRÁFICO 02: PERCENTUAL DA POPULAÇÃO COM EDUCAÇÃO SUPERIOR, POR FAIXA ETÁRIA 2016



FONTE: Education at a Glance 2018 (OCDE); Tabela elaborada por Deed/Inep. Org: Censo da Educação Superior (2017).

No quadro acima podemos ver dois recortes etários da população e a porcentagem de acesso ao Ensino Superior. No primeiro recorte, entre 25 a 34 anos,

6Fonte:https://oglobo.globo.com/economia/pib-do-brasil-deve-terminar-decada-como-9-maior-do-mundo-atras-de-reino-unido-italia-india-24168816 Acesso em 28/02/2020.

o Brasil apresenta apenas 16% de sua população com o Ensino Superior concluído e na segunda faixa etária, 55 a 64 anos, a taxa diminui ainda mais, com 11%.

Quando destacamos países similares ou até piores do que o Brasil do ponto de vista de desempenho econômico, vemos que as taxas alcançadas no acesso ao Ensino Superior são mais expressivas, principalmente no recorte mais jovem da população. Ou seja, vivemos em um país onde o ritmo de avanço econômico não acompanha o desenvolvimento social de sua população e os dados apresentados acima são um comparativo que ajuda a quantificar as desproporções frutos das desigualdades sociais que estruturam nosso país.

Milton Santos, geógrafo brasileiro, contribuiu com o pensamento geográfico através da crítica a globalização e ao modo como ela subjuga a população dos países periféricos, iludindo que há uma inserção homogênea e harmônica entre os diferentes territórios do globo. Em seu livro, Por uma outra globalização, ele analisa e divide a globalização em três compreensões. Primeiro, a globalização como fábula, seguida da globalização como perversidade e, por fim, a globalização como possibilidade.

O exercício teórico feito pelo autor nos parece interessante e percebemos que a expansão da oferta de ensino superior no Brasil, mesmo que pouco expressiva quando comparada a outros países, também pode ser analisada enquanto fábula, perversidade e enquanto possibilidade. Parece-nos que este exercício é uma boa sistematização para concluir este segundno tópico.

A fábula contada sobre o acesso ao Ensino Superior possui muitas faces. Uma de suas faces é a ampliação de vagas no Ensino Superior, as facilidades de acesso e as possibilidades de ascensão social. Temos aqui uma maneira de criar imaginários, onde vendem-se alternativas de futuro possíveis para a juventude alcançadas via curso superior, como já dito anteriormente neste capítulo.

A perversidade do processo, por sua vez, também pode ser entendida em várias camadas. Quando analisamos as vagas disponíveis, as condições de acesso e permanência e o modo como a população se relaciona com as universidades, observamos muitas fragilidades. Observe abaixo TABELA 01 e o GRÁFICO 03 da oferta de vagas nas intituições de Ensino Superior.

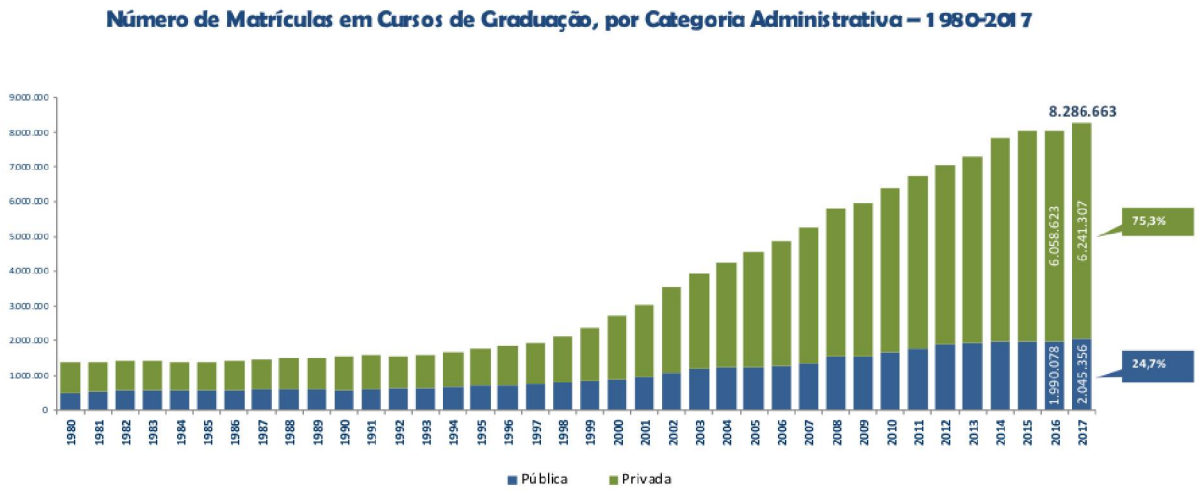
TABELA 01: NÚMERO DE VAGAS EM CURSOS DE GRADUAÇÃO, POR MODALIDADE DE ENSINO E TIPO DE VAGA, SEGUNDO A CATEGORIA ADMINISTRATIVA – 2017

Número de Vagas em Cursos de Graduação, por Modalidade de Ensino e Tipo de Vaga, segundo a Categoria Administrativa - 2017

Categoria Administrativa	Vagas de Cursos de Graduação											
	Total Geral				Presencial				A distância			
	Total Geral de Vagas	Vagas Novas Oferecidas	Vagas de Programas Especiais	Vagas Remanescentes	Total	Vagas Novas Oferecidas	Vagas de Programas Especiais	Vagas Remanescentes	Total	Vagas Novas Oferecidas	Vagas de Programas Especiais	Vagas Remanescentes
Total Geral	10.779.086	7.900.060	9.429	2.869.597	6.075.252	3.857.572	7.968	2.209.712	4.703.834	4.042.488	1.461	659.885
Pública	823.843	655.033	3.953	164.857	688.767	526.169	2.637	159.961	135.076	128.864	1.316	4.896
Federal	483.137	380.618	2.857	99.662	420.848	322.205	1.562	97.081	62.289	58.413	1.295	2.581
Estadual	238.629	194.428	787	43.414	198.129	155.762	766	41.601	40.500	38.666	21	1.813
Municipal	102.077	79.987	309	21.781	69.790	48.202	309	21.279	32.287	31.785	0	502
Privada	9.955.243	7.245.027	5.476	2.704.740	5.386.485	3.331.403	5.331	2.049.751	4.568.758	3.913.624	145	654.989

FONTE: INEP - Censo da Educação Superior (2017).

GRÁFICO 03: NÚMERO DE MATRÍCULAS EM CURSOS DE GRADUAÇÃO, POR CATEGORIA ADMINISTRATIVA – 1980-2017



FONTE: INEP - Censo da Educação Superior (2017).

Através da Tabela 01 e do Gráfico 03 é possível perceber vários aspectos do que temos chamado de perversidade do acesso ao Ensino Superior. É perverso porque temos visto um desmonte da educação pública e uma disputa por matrículas em vários níveis. Na tabela podemos ver a oferta de vagas no ano de 2017 e o modo como a s instituições públicas, na modalidade presencial, tem perdido espaço para as instituições privadas, principalmente na modalidade de ensino à distância.

Os dados demonstram que no ano de 2017, das 10.779.086 vagas ofertadas, 4.568.758 eram vagas ofertadas via EAD em instituições particulares, frente a 688.767 vagas ofertadas de modo presencial por institutuições públicas federais, estaduais e municipais. Ou seja, tem sido bastante desproporcional a oferta de vagas no setor público e no setor privado.

O GRÁFICO 03 também reforça o processo de crescimento vertiginoso nas últimas duas décadas que a educação privada tem alcançado e um dos desafios colocados durante as atividades do Cursinho Popular Emancipa foi justamente valorizar a universidade pública e compreender sua importância para a sociedade, baseada nas funções de ensino, pesquisa e extensão desempenhadas. E são essas 688.767 vagas e tantas outras que desejamos que nossos educandos disputem e tenham acesso.

É perverso inserir os jovens trabalhadores nas intituições privadas principalmente pelo endividamento causado pelas taxas de matrícula, mensalidades, FIES, pelas rotinas de aulas e trabalho com excessivas horas de duração, somado ao tempo de deslocamento, horas de estudo, estágio, leitura e elaboração de trabalhos acadêmicos.

Temos então um aumento da oferta de vagas no Ensino Superior que está atrelada ao ensino cada vez mais tecnicista, operacional e pouco reflexivo e crítico. O mais perverso disso tudo, ao meu ver, é perceber que cada vez menos o mercado de trabalho tem absorvido essa mão de obra especializada.

Como educadores da educação básica, muito nos preocupa perceber que um diploma de Ensino Médio abre poucos caminhos profissionais e que a oferta de vagas no Ensino Superior está precarizada e a serviço de grandes corporações de ensino ávidas em lucrar mais e mais com a massificação dos cursos de gradução, sejam eles presenciais, mas, sobretudo à distância.

O que nos resta a fazer? Nós, do Cursinho Popular Emancipa, acreditamos que o caminho é através da organização coletiva, da luta em defesa das intituições públicas e do acesso à IFES. Resta construir pontes de acesso que possibilitem que a juventude da classe trabalhadore adentre a Universidade Pública pela porta da frente, como calouros e calouras, e não mais pela porta de serviço, como funcionários da limpeza, dos restaurantes universitários ou da segurança dos campus.

Logo, identificado parte do problema e a conjuntura que nos atinge, tanto em sua fábula como em sua perversidade, apontamos que nos cabe construir alternativas reais frente às incertezas que assolam a juventude. Sabemos que a universidade e o Ensino Superior não precisa ser necessariamente o caminho para todos os jovens, mas lutamos para que, se desejar, ele possa ter acesso.

4.3 CURSINHO POPULAR EMANCIPA VILA VERDE

O projeto desenvolvido através da especialização da ANE foram as atividades do Cursinho Popular Emancipa Vila Verde ao longo do ano de 2019. Nosso objetivo com o relato a seguir é compartilhar as vivências, as bonitezas e os desafios da trajetória.

O Cursinho Popular Emancipa Vila Verde faz parte de uma rede de cursinho populares mais ampla denominada Rede Emancipa. A rede atua desde 2007 e possui como foco de atuação estudantes oriundos de escolas públicas e a organização de cursinho populares pré-universitários. Estima-se que hoje a rede está presente em mais de sete estados e nas cinco regiões do país, somando mais de 5000 educandos ao longo do ano e uma equipe de 600 educadores voluntários que se dividem em 32 cursinhos.

Um dos diferenciais da Rede Emancipa se encontra em não apenas preparar para a prova do vestibular, mas tornar os educandos sujeitos de ensino-aprendizagem, de maneira que possibilite uma educação transformadora, que promove uma percepção crítica e emancipatória da realidade. Conforme podemos ver em seu site[7].

Logo, quando falamos em Rede Emancipa, falamos de um movimento social de Educaçao Popular e não apenas em aulas preparatórias para uma prova. Falamos em uma construção que se preocupa com seus sujeitos, com seus

7Conforme aponta o site da Rede Emancipa: Construímos um projeto político-pedagógico que vai além do ensino para o vestibular, que possibilite à juventude um espaço inovador de debate, criação e recriação do saber acerca do mundo e da vida. Nesse projeto se engajam estudantes universitários, secundaristas, professores do ensino básico, professores e estudantes da Rede Emancipa, família, associação de bairro, comunidade e todos que queiram construir outro futuro. As aulas são ministradas voluntariamente por professores já formados e também por professores estudantes universitários de várias universidades públicas e privadas do país. O espaço da Rede Emancipa não se limita apenas ao cursinho, ao longo dos anos, o entendimento de que o processo educativo é ininterrupto ao longo da vida, tem servido de inspiração para que outras experiências de educação popular sejam realizadas, temos planos que incluem alfabetização de jovens e adultos, preparação para concursos, educação infantil e pré-vestibulinho. Disponível em: https://redeemancipa.org.br/institucional/quem-somos/. Acesso em 28/02/2020.

educandos e em como vamos formar uma rede de produção do saber que vai além da sala de aula e que envolve os territórios onde os cursinhos se estabelecem. É um movimento que gera em nós esperança, como aponta Paulo Freire (1996, p. 76), de viver a história como tempo de possibilidade. Nesse sentido, é válido destacar o conceito de Castro (2005) sobre cursinhos populares:

> Cursinhos Populares são ações políticas de atores engajados em projetos e ações que tem, como eixo, a transformação social da realidade por meio da preparação e do incentivo às classes populares a ingressarem no ensino superior gratuito. (CASTRO, 2005 apud MENDES, 2009, p. 2).

Criam-se exemplos concretos de trajetória para a juventude, onde cursar um curso de graduação faz parte de uma compreensão política e social mais ampla, que possui vínculos com a comunidade e não apenas com anseios individuais. É uma luta coletiva para dar continuidade a educação popular e que se nutre da gana por democratizar a universidade para negros, pobres, mulheres, camponeses, operários, indígenas, trabalhadores, LGBTQIA+ e quantos outros mais precisarem para que ela se pinte de povo, porque já nos disseram, como a universidade não é patrimônio de ninguém, ela pertence ao povo.

4.3.1 Atividades do Cursinho Popular Emancipa - Vila Verde 2018-2019

O Cursinho Popular Emancipa- Vila Verde começa a se articular no começo do ano de 2018, em meio a carência de encontrar em Curitiba cursinhos populares para atender a demanda crescente de preparatórios para o obstáculo que é o vestibular. Haviam cursinho solidários, como o Em Ação, que exigiam alguns custos e exames prévios de ingresso.

Meu companheiro, Kauê, já havia participado na periferia de São Paulo do Cursinho Popular Pré-Vestibular do MULP no Jd. Pantanal, e sentia falta de uma articulação como essa aqui no Paraná. Pessoalmente, eu já havia participado como educadora durante a graduação do Cursinho Popular Ação Direta, que atuava na Vila Torres, em Curitiba, mas com um número bem reduzido de alunos e extinto já a alguns anos (desde 2012).

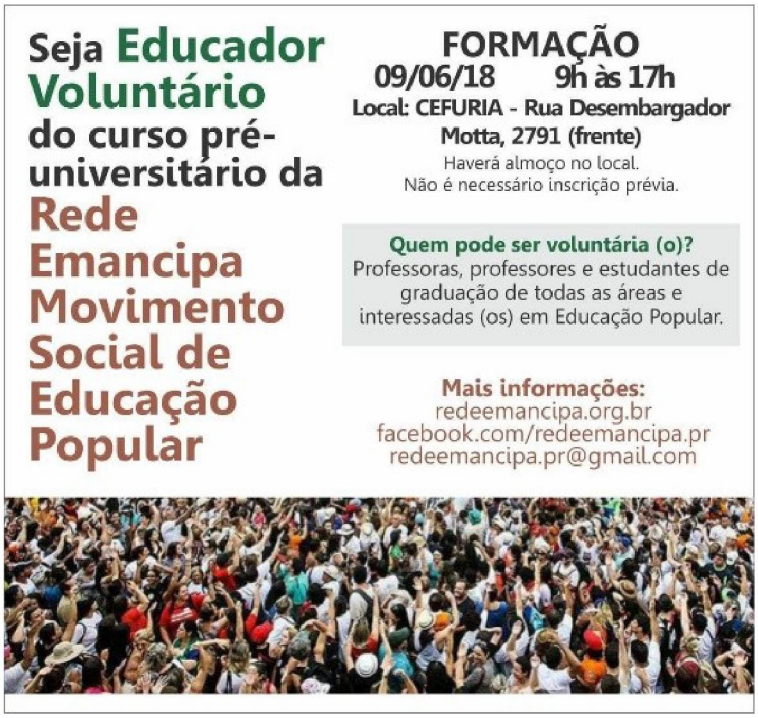
Para construir o Emancipa houveram diálogos entre meu companheiro e outros professores da rede estadual de ensino e entusiastas e aos poucos as

conversar foram ganhando mais sistematizações e afinamento. Marcamos no primeiro semestre de 2018 algumas reuniões no CEFURIA- Centro de Formação Urbano Rural Irmã Araújo, no centro da cidade de Curitiba com esse primeiro coletivo de pessoas e cada um foi se colocando em como poderia contribuir para viabilizar o cursinho. Havia a dúvida entre a escolha de onde fazer o cursinho, se no CIC - Cidade Industrial de Curitiba, ou no Cajuru, ambos bairros periféricos e com alguma inserção social dos participantes.

Depois de um processo democrático de escolha, optou-se pelo CIC, no Colégio Estadual Rodolpho Zaninelli, onde o Kauê atuava como professor de Geografia no Ensino Fundamental e Médio. Devido ao apoio dele e de outros professores da mesma escola e de escolas da região, houve um diálogo da coordenação do cursinho com a direção e conseguimos a utilização do espaço para as aulas aos sábados.

Escolhemos começar em julho de 2018 nossas atividades, e esse período foi te bastante aprendizado de uns com os outros para construir uma proposta de cursinho que tivesse um cárater popular e não ficasse preso aos conteúdos, mas também conseguisse agir como um movimento social que reaje e defende propostas para a situação da educação no Brasil. Nossas reuniões, às vezes, eram bastante longas, mas acredito que de modo artesanal conseguimos criar uma sintonia entre a equipe, entre nossas demandas e, com isso, dar vida a um cursinho popular. As imagens abaixo demonstram esse primeiro momento de reunião dos educadores e também expressam a coletividade criada e que ajudaram a manter a gestão do cursinho.

FIGURA 57: PRIMEIRO CARTAZ DE CHAMADA DE EDUCADORES- CURSINHO POPULAR EMANCIPA- VILA VERDE



FONTE: Arquivo do Cursinho Popular Emancipa- Vila Verde (2018).

FIGURA 58: REUNIÕES DE ARTICULAÇÃO DOS EDUCADORES DO CURSINHO.

FONTE: Arquivo do Cursinho Popular Emancipa- Vila Verde (2018).

FIGURA 59: CARTAZ PARA A APRESENTAÇÃO DO CURSINHO POPULAR EMANCIPA - VILA VERDE.

FONTE: Acervo do Cursinho Popular Emancipa- Vila Verde (2018).

FIGURA 60: REGISTRO DA AULA INAUGURAL DO CURSINHO POPULAR EMANCIPA - VILA VERDE.

FONTE: Acervo do Cursinho Popular Emancipa- Vila Verde (2018)

As quatro figuras acima retratam a gênese de um bonito processo de organização popular, tanto dos educadores, quanto de divulgação do cursinho, com a produção de cartazes, até as inscrições e a aula inaugural. É como preparar a terra, adubar e plantar as sementes de uma outra lógica de cursinhos pré vestibulares para além da lógica comercial. Retrata uma esperança em prática. Concordando com Paulo Freire (1996, p. 67), entendo que essa é nossa resposta à ofensa da educação que vivemos no cenário nacional, e a resposta é uma luta política, consciente, crítica e organizada contra os ofensores, também através do Emancipa.

O relato do meu projeto é sobre o ano de 2019, mas acreditei ser importante trazer esses elementos da origem que leve a minha inserção no projeto. Terminamos o ano de 2018 bastante fortalecidos com os estudantes, e a seguir compartilho a foto de nossa confraternização de encerramento.

FIGURA 61: CONFRATERNIZAÇÃO DO ANO DE 2018- CURSINHO POPULAR EMANCIPA- VILA VERDE

FONTE: Acervo do Cursinho Popular Emancipa- Vila Verde (2018).

Mesmo com uma atuação no segundo semestre, não sabíamos que o trabalho renderia importantes aprovações no vestibular, com calouros em cursos como economia, pedagogia e engenharia ambiental e sanitária em universidades federais de Curitiba e também aprovações em Serviço Social e Química em universidades privadas.

4.3.2 Sobre a dinâmica do Cursinho Popular Emancipa- Vila Verde

O cursinho se organiza em frentes de atuação que surgiram para dar mais fluidez ao trabalho, a saber: Frente Político Pedagógica; Frente de Finanças; Frente de Comunicação; e a Frente de Articulação. Nossas atividades ocorrem aos sábados e no ano de 2019 nos organizamos da seguinte maneira: no primeiro semestre de 2019 tivemos 11 sábados letivos e no segundo semestre foram mais 15 sábados, totalizando 26 sábados. Além desses sábados houveram 2 simulados de todas as disciplinas e aulas nas vésperas das provas da UFPR (1ª e 2ª fase) e do ENEM (2° dia). Cada sábado letivo possuia 4 aulas, conforme o horário e a tabela abaixo.

TABELA 02: ORGANIZAÇÃO- SÁBADOS LETIVOS NO CURSINHO POPULAR EMANCIPA- VILA VERDE

31/08/2019- Aula 16	
Horário	
9h15	Acolhida Café da manhã
9h30 - 11h	Ciências Humanas
11h - 11h15	Intervalo
11h15 - 12h45	Linguagens
12h45 - 14h15	Almoço
13h30 - 14h45	Matemática
14h45 - 16h15	CIRCULO REFORMA DA PREVIDÊNCIA
16h15 - 17h30	Ciências da Natureza

FONTE: Calendário de atividades do 1° semestre. Cursinho Popular Emancipa- Vila Verde (2018).

FIGURA 62: PANFLETO- REUNIÃO DE PLANEJAMENTO ANUAL 2019.

FONTE: Acervo do Cursinho Popular Emancipa- Vila Verde (2018).

FIGURA 63: EDUCADORES EM FORMAÇÃO PEDAGÓGICA- CURSINHO POPULARES: UMA INTERVENÇÃO EDUCATIVA NECESSÁRIA.

FONTE: Acervo do Cursinho Popular Emancipa - Vila Verde (2019).

FIGURA 64: MÍSTICA - EDUCADORES EM FORMAÇÃO PEDAGÓGICA 2019.

FONTE: Acervo do Cursinho Popular Emancipa- Vila Verde (2019).

FIGURA 65: PANFLETO SARAU MARIELLE VIVE- 2019.

Fonte: Acervo do Cursinho Popular Emancipa- Vila Verde (2019).

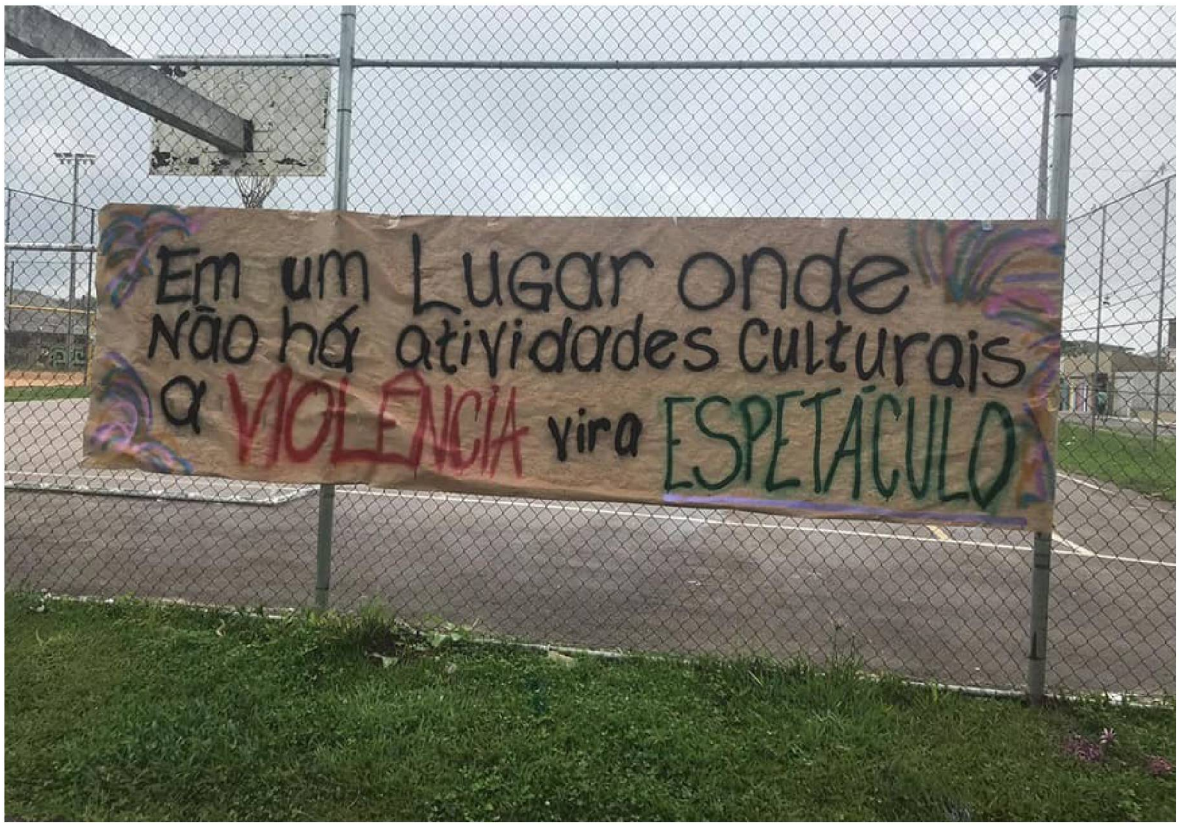
FIGURA 66: MOBILIZAÇÃO E DIVULGAÇÃO NO BAIRRO PARA O SARAU MARIELLE VIVE.

FONTE: Acervo do Cursinho Popular Emancipa- Vila Verde (2019).

FIGURA 67: ORGANIZAÇÃO DO SARAU MARIELLE VIVE.

FONTE: Acervo do Cursinho Popular Emancipa- Vila Verde (2019).

FIGURA 61: INTERVENÇÃO NA PRAÇA- SARAU MARIELLE VIVE.



FONTE: Acervo do Cursinho Popular Emancipa- Vila Verde (2019).

FIGURA 62: APRESENTAÇÕES CULTURAIS- SARAU MARIELLE VIVE.

FONTE: Acervo do Cursinho Popular Emancipa- Vila Verde (2019).

Conforme os registros acima, no dia 16/03/2019 estivemos presentes no território onde o cursinho atua e percebendo um pouco da dinâmica da comunidade. O dia começou com a divulgação pelo bairro no comércio, com cartazes, e ao longo do dia houveram apresentações culturais como capoeira, rap e venda de alimentos, e ao final do dia a Bloca Ela Pode ela Vai, mesmo com chuva, fez uma bela apresentação cultural na vila. A atividade tinha como objeitvo chamar a comunidade e visibilizar o cursinho, já que houve a entrega de panfletos com o link das inscrições para o cursinho ao longo do dia.

Animados com o Sarau, rumamos para uma importante atividade, que foi a aula inaugural do primeiro semestre. Haviam 90 educandos escritos e o cursinho começava a ganhar cada vez mais fôlego frente ao novo ano de atividades. Segue abaixo o registro de nossa aula inaugural, onde houve uma apresentação sobre a Rede Emancipa, sobre a metodologia, os acordos coletivos, os horários e um pouco

sobre a análise de conjuntura para pensar a realidade da educação brasileiro para o ano de 2019, primeiro ano do mandato do presidente Jair Bolsonaro.

Além de falar, fizemos uma atividade de escuta com os educandos sobre seus anseios e expectativas com o cursinho popular e o que eles gostariam de encontrar nos sábados letivos no Emancipa.

FIGURA 63: AULA INAUGURAL DO PRIMEIRO SEMESTRE 2019- CURSINHO POPULAR EMANCIPA- VILA VERDE (2019)

FONTE: Acervo do Cursinho Popular Emancipa- Vila Verde (2019).

FIGURA 64: ATIVIDADE DE ESCUTA DOS EDUCANDOS DA AULA INAUGURAL.

FONTE: Acervo do Cursinho Popular Emancipa- Vila Verde (2019).

FIGURA 65: 1ª AULA DE REDAÇÃO 2019.

FONTE: Acervo do Cursinho Popular Emancipa- Vila Verde (2019).

FIGURA 66: AULA COLETIVA DE CIÊNCIAS HUMANAS- GEOGRAFIA E SOCIOLOGIA.

FONTE: Acervo do Cursinho Popular Emancipa- Vila Verde (2019).

Nas imagens acima encontramos algumas semelhanças com uma prática da ANE, que são os grandes círculos e o compartilhar a fala, ouvir e propor uma prática diálogica com os estudantes, onde o conteúdo tem relação com sua realidade e com os exemplos vividos no cotidiano. No cursinho também observamos uma grande inserção das mulheres, seja em sala de aula como educadores e educandas, seja na coordenação e nas atividades de apoio pedagógico.

Ao longo do ano de 2019 houveram bastantes manifestações de rua que contaram com os educandos e educadores do Emancipa, com estandartes e com as camisetas verdes que nos caracterizam. No dia 15 de maio foi uma dessas oportunidades de nos somarmos a luta pela educação pública, pois percebemos que os educandos estavam abalados com o anúncios de corte de verbas para as IFES e que desejavam se somar as mobilizações de rua.

FIGURA 67: PANFLETO PARA AS MOBILIZAÇÕES DE RUA PARA O DIA15 DE MAIO.

FONTE: Acervo do Cursinho Popular Emancipa- Vila Verde (2019).

FIGURA 68: EMANCIPA-PR NAS MOBILIZAÇÕES DE RUA DO DIA 15 DE MAIO.

FONTE: Acervo do Cursinho Popular Emancipa- Vila Verde (2019).

Percebemos que o espaço a presença nos atos constribui muito para a politização dos educandos, promove uma percepção mais crítica da realidade e uma consciência de classe que promove a coletividade e que cruza a luta pela democratização do acesso ao ensino superior com lutas pela manutenção dos direitos trabalhistas, contra os cortes de verbas na educação básica, ou o congelamento de gastos no orçamento público.

Outro espaço importante que ocorre durante os sábados, além das aulas, são os círculos de cultura.Um dos círculos de cultura que ajudei a organizar, no dia 25/05/2019, teve como temática o ataque que a educação esta sofrendo em nosso país, sobre o histórico de luta da educação pública e como podemos resistir nesse cenário. Novamente a Camila nos ajudou a facilitar o espaço e debater com a juventude a importância de construir alternataivas concretas de luta e acesso a uma educação pública, gratuita e de qualidade.

FIGURA 69: CÍRCULO DE CULTURA: PERIGO, A EDUCAÇÃO ESTÁ SOB ATAQUE!

FONTE: Acervo do Cursinho Popular Emancipa- Vila Verde (2019).

FIGURA 70: MÍSTICA DO CÍRCULO DE CULTURA: PERIGO, A EDUCAÇÃO ESTÁ SOB ATAQUE!

FONTE: Acervo do Cursinho Popular Emancipa- Vila Verde (2019).

FIGURA 71: ENCERRAMENTO DO CÍRCULO DE CULTURA: PERIGO, A EDUCAÇÃO ESTÁ SOB ATAQUE!

FONTE: Acervo do Cursinho Popular Emancipa- Vila Verde (2019).

O saldo desse círculo de cultura foi bastante positivo, pois além de ouvir um contexto mais geral sobre o história da luta por educação no Brasil, os educadores também partilharem suas histórias de vida e o modo como nós, que estamos lecionando no cursinho, somos a primeira geração de nossa família que acessa como estudantes a universidade pública. E que a luta deles, como estudantes do cursinho que almejam o ensino superior faz parte de uma luta maior por aprodundar ainda mais a democratização do acesso à educação superior. Saímos de sorriso no rosto e fortalecidos na luta.

Os sábados letivos seguiram seu fluxo normal no primeiro semestre, mas os professores que lecionavam principalmente na rede estadual estavam bem desgastados com o processo de greve, sucateamento e precarizações no trabalho. As atividades foram encerradas com um simulado dos conteúdos vistos até aquele momento no dia 06/07/2019. Após o simulado, os estudantes entraram no período de férias.

Para o retorno das atividades do segundo semestre, houve outra formação para os educadores com um convidado chileno, Juan David Miranda, que compartilhou um pouco de sua pesquisa e experiência em educação comunitária e popular desde sua experiência no Chile.

FIGURA 72: PANFLETO DE CONVITE PARA A FORMAÇÃO DE EDUCADORES- 2º SEMESTRE DE 2019.

FONTE: Acervo do Cursinho Popular Emancipa- Vila Verde (2019)

A atividade de formação, mesmo que esvaziada, serviu também para relacionar a realidade dos dois países e perceber como o período de exílio de Paulo Freire no Chile deixou acúmulos e traços nas práticas desenvolvidas por lá quando pensamos a educação popular.

O começo do segundo semestre e o calendário das aulas ficou um pouco prejudicado com a falta de professores devido as reposições da greve e o cansaço que muitos educadores estavam passando, com suas jornadas ampliadas com a sexta aula ao final do expediente e ajustes de reposições.

Os ataques ao orçamento das universidades públicas e políticas de

contingenciamento anunciadas pelo ministro da educação também promoveram certo descrédito sobre se haveria vestibular e orçamento para terminar o ano letivo. Motivar os educandos a participarem nesse contexto de incerteza era um desafio

para nós da coordenação e o número de estudantes foi diminuindo bastante ao longo do ano.

Uma das atividades que realizamos para motivá-los foi promover a aula inugural do segundo semestre na UFPR, com o objetivo de aproximar os educandos da realidade da universidade e motivá-los nessa reta final rumo ao vestibular.

FIGURA 73: PANFLETO DE DIVULGAÇÃO DA AULA INAUGURAL DO 2º SEMETRE- 2019.

FONTE: Acervo do Cursinho Popular Emancipa- Vila Verde (2019).

FIGURA 74: ÔNIBUS SAINDO DA VILA VERDE RUMO À UFPR.

FONTE: Acervo do Cursinho Popular Emancipa- Vila Verde (2019).

FIGURA 75: MÍSTICA DA ATIVIDADE- EMANCIPA NA UFPR.

FONTE: Acervo do Cursinho Popular Emancipa- Vila Verde (2019)

FIGURA 76: APRESENTAÇÃO DO PROJETO DE EXTENSÃO PASSAPORTE UFPR PARA OS ESTUDANTES DO EMANCIPA.

FONTE: Acervo do Cursinho Popular Emancipa- Vila Verde (2019)

FIGURA 77: A UFPR É NOSSA! QUE A UNIVERSIDADE SE PINTE DE POVO.

FONTE: Acervo do Cursinho Popular Emancipa- Vila Verde (2019).

Nós, enquanto coordenação do cursinho, ainda não tínhamos conseguido promover uma saída em que os estudantes pudessem conhecer e dimensionar o que é a UFPR e essa atividade de levá-los só foi possível graças ao projeto de extensão universitária Passaporte UFPR e uma articulação inter-institucional deles com o Emancipa. Rever as fotos e lembrar desse dia me faz ter certeza de que essas parcerias continuem.

Essa parceria aconteceu de váriass formas, desde o ônibus que a UFPR disponibilizou para buscá-los no bairro Vila Verde, no CIC, até os participante do projeto que apresentaram um pouco da estrutura de cotas, bolsas e benefícios que os estudantes da universidade podem acessar e de que forma eles conseguem informações sobre a reserva de vagas e auxílios. Além disso, houve uma articulação para que nossos estudantes pudessem almoçar gratuitamente no Restaurante Universitário e conhecer um pouco dos campi do Prédio Histórico e da Reitoria.

Um dos objetivos do cursinho popular é desmistificar aos educandos uma visão de universidade que se fecha em si mesma e nesse projeto de extensão, voltado a estudantes de escolas públicos, acessamos justamente as ferramentas que precisávamos para motivar os nossos estudantes a conhecerem e se apropiarem daqueles espaços que antes eram vistos apenas do lado de fora.

Neste relato, cabe ainda destacar que no segundo semestre de 2019, com a proximidade das datas dos exames vestibulares e ENEM, houve também o aumento de manifestações políticas que nós estivemos participando enquanto movimento social de educação popular, como os atos como o Tsunami da Educação (13/08), e a Greve Mundial do Clima (20/09). Além desses dois atos, participamos do 25° Gritos dos Excluídos de Curitiba, no dia 07/09, com a lema: “Esse sistema não vale. Pela defesa da vida: serás libertado pelo direito e pela justiça”. Foi muito significativo esse dia de luta junto aos estudantes, pois além das aulas pela manhã participamos da confecção de cartazes para o Ato e a ida até as ocupações da Vila Corbélia, no CIC, conforme as imagens abaixo.

FIGURA 78: CONFECÇÃO DE CARTAZES PARA O GRITO DOS EXCLUÍDOS 2019.

FONTE: Acervo do Cursinho Popular Emancipa- Vila Verde (2019).

FIGURA 79: 25° GRITO DOS EXCLUÍDOS 2019- VILA CORBÉLIA- CIC.

FONTE: Acervo do Cursinho Popular Emancipa- Vila Verde (2019).

FIGURA 80: SAUDAÇÃO DO EMANCIPA 25° GRITO DOS EXCLUÍDOS 2019- VILA CORBÉLIA-

CIC .

FONTE: Acervo do Cursinho Popular Emancipa- Vila Verde (2019)

FIGURA 81: SAUDAÇÃO NO ATO DO 07/09 NA PRAÇA SANTOS ANDRADE.

FONTE: Acervo do Cursinho Popular Emancipa- Vila Verde (2019).

FIGURA 82: ESCUDOS PARA PROTEGER A EDUCAÇÃO- ATO NA PRAÇA SANTOS ANDRADE.

FONTE: Acervo do Cursinho Popular Emancipa- Vila Verde (2019).

Considero importante, ao mostrar essas imagens, dizer que elas são resultado de um envolvimento voluntário dos educandos com os atos e mobilizações, que entendem que a defesa da educação é um dos aspectos que esteve ameaçado e que se somam em outras lutas sociais, como a luta pela regularização fundiária para as famílias do CIC.

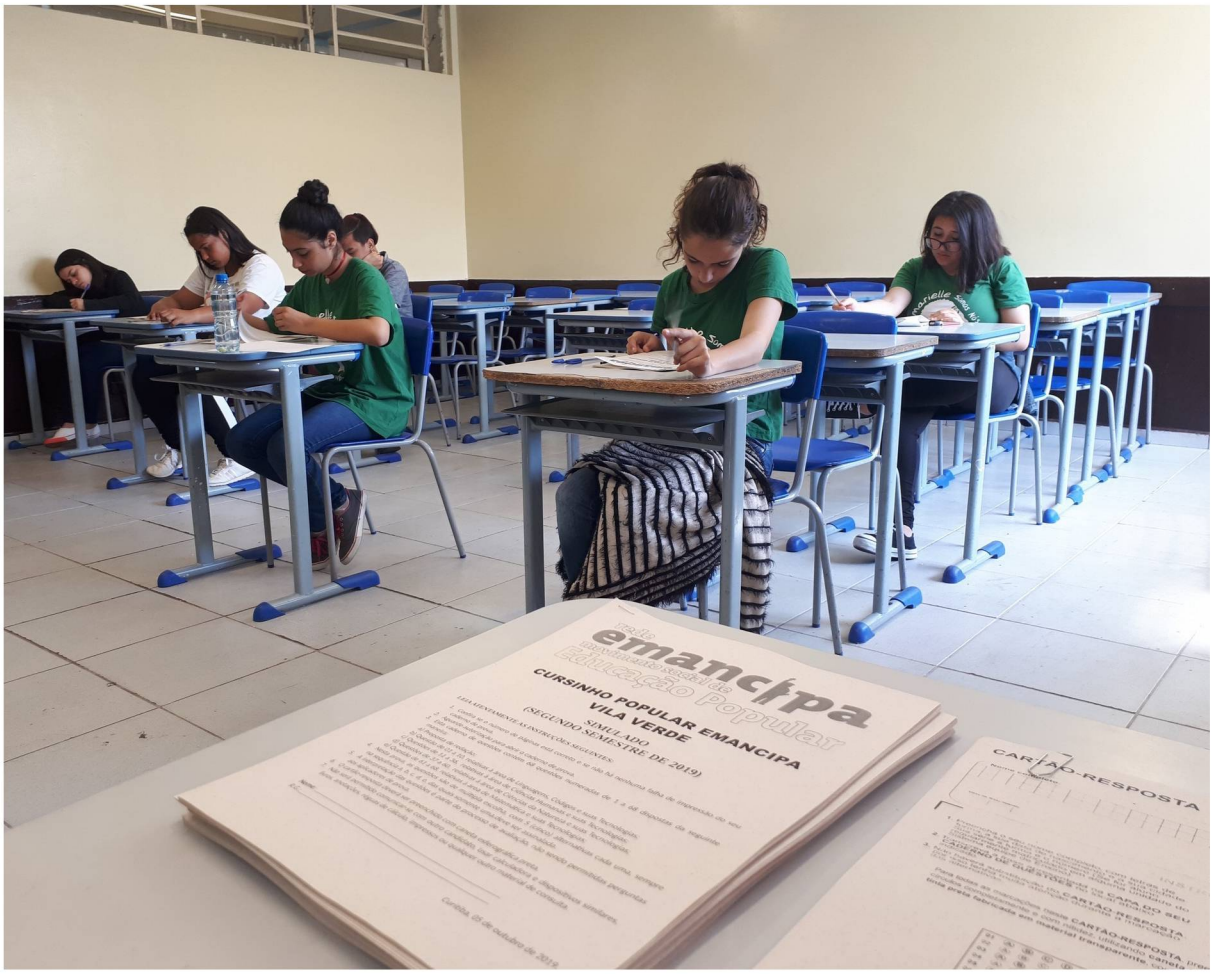
Ainda no mês de setembro, no dia 21 de setembro recebi a visita da Susan lá na escola onde as atividades do Emancipa acontecem e ela pode conhecer um pouco de nossa realidade, nossos estudantes e de que forma a nossa atuação acontece. Conversamos sobre meu projeto, sobre as dificuldades que o cursinho enfrentava, como a diminuição do número de alunos e o distanciamento de alguns professores com relação as demais atividades além das aulas e o envolvimento com a organicidade do cursinho.

FIGURA 83: ENTRELAÇANDO VIVÊNCIAS- VISITA DA MEDIADORA AO EMANCIPA.

FONTE: Acervo do Cursinho Popular Emancipa- Vila Verde (2019).

Ainda sobre as atividades do cursinho, destaco a organização do simulado do 2° semestre, que ocorreu no dia 05 de outubro e contou com a presença de 6 educandos do Emancipa. O simulado foi composto por 68 questões, distribuídas nas disciplinas: Português, Geografia, História, Sociologia, Filosofia, Biologia, Química, Física e Matemática, nesta ordem. Além das questões, os educandos ainda desenvolveram um redação, com a temática sobre a família moderna e suas configurações, dispondo de um tempo com um tempo estipulado de 4 horas para realização da prova.

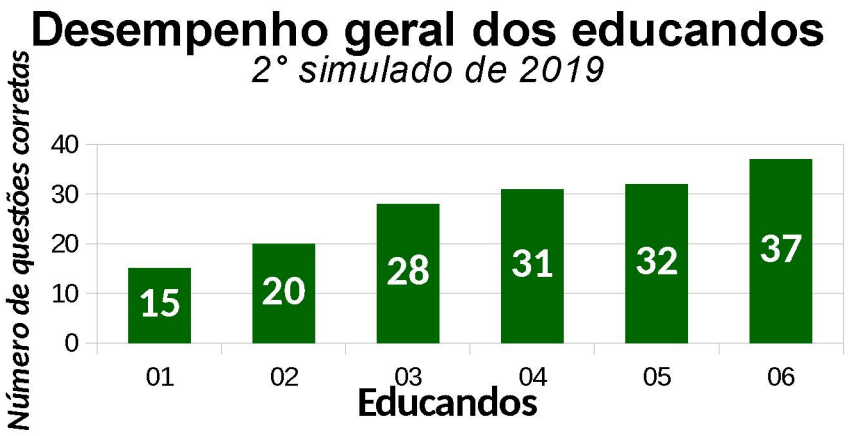
FIGURA 84: APLICAÇÃO DO SIMULADO- 2° SEMESTRE DE 2019.



FONTE: Acervo da autora (2019).

Após a correção, percebemos que persistem algumas dificuldades com as áreas da Ciências da Natureza e Matemática, onde observamos a recorrência de questões sem acertos por parte de nossos educandos. A média de acertos dos estudantes foi a seguinte:

GRÁFICO 04: DESEMPENHO DOS EDUCANDOS- SIMULADO DO 2º SEMESTRE.



FONTE: Frente Político Pedagógica Cursinho Popular Emancipa- Vila Verde. Org: autora (2019).

O resultado dos simulados foi feito de modo individual com os estudantes via áudio no WhatsApp. Apontamos em quais disciplinas eles se destacavam e quais havia um número menor de acertos e também ouvimos deles o que eles tiverem de percepção ao realizarem as questões.

Com a proximidade do vestibular e do ENEM, percebemos que o nível de tensão e ansiedade dos educandos do Emancipa estava bem alto e que era necessário nos atentarmos para a saúde mental deles de alguma forma.

Pensamos nessa demanda, convidei minha colega de turma da ANE, Ana Márcia, para facilitar um círculo de cultura envolvendo saúde mental e o autocuidado com os jovens no sábado, dia 19 de outubro. Em uma sala ampla, os educandos se organizaram em círculo e conversaram, ouviram os anseios dos colegas e puderam partilhar muito dos medos que a proximidade do vestibulares traziam para eles.

FIGURA 85: RODA DE CONVERSA E APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA INICIAL DO CÍRCULO.

FONTE: Acervo da autora (2019).

FIGURA 86: REIKE NO EMANCIPA.

FONTE: acervo pessoal (2019).

FIGURA 87: ENCERRAMENTO DO CÍRCULO SOBRE SAÚDE MENTAL E AUTOCUIDADO.

FONTE: Acervo pessoal (2019).

Ao longo das duas horas e meia que durou a atividade nós desabafamos, choramos, descontraímos, dançamos e refletimos quais são os medos que se apresentam para nós e de que forma eles nos machucam. Houve um momento também para assumirmos quem nós gostaríamos de ser e entender de que modo estar ali, naquele dia, ajudava estes jovens a estar mais próximos disso. Foi uma atividade também para criar vínculo e deixar se afetar pela história do outro, de entender que pontos de nossa trajetória se aproximam e quais pontos são diferentes.

Sou muito grata a Ana por estar facilitando esse espaço mesmo em meio ao luto que ela recém superava e o pelo modo como ela, com seu jeito cativante e profundo, conseguiu trazer um pouco de calma e sorriso no rosto para os estudantes do Emancipa uma semana antes do esperado vestibular da UFPR.

Para terminar meu relato sobre o ano de atividades no Emancipa e as atividades que desenvolvemos, final de outubro houve a 1ª fase do vestibular da UFPR e nossos estudantes vestiram literalmente a camisa do Emancipa para fazer a prova da primeira etapa no dia 27/10/2019, composta por 90 questões objetivas.

FIGURA 88: ESTUDANTE DO EMANCIPA NO 1° DIA DE PROVA DO VESTIBULAR DA UFPR 2020/2021.

FONTE: Acervo do Cursinho Popular Emancipa- Vila Verde (2019).

Em novembro ficamos na expectativa do resultado da primeira fase do vestibular da UFPR e em função com a realização dos dois dias de provas do ENEM. Dessa forma, os educandos passaram três finais de semana seguidos realizando provas e aulões de véspera e foi a hora da última aula de 2019 do cursinho acontecer. Diferente das demais aulas, estas foram voltadas para as demandas específicas dos estudantes que, para nossa alegria, haviam passado para a segunda fase do vestibular e fariam provas envolvendo a escrita de redações e questões específicas da área de conhecimento escolhida na opção de curso do estudante.

FIGURA 89: ÚLTIMA AULA 2019 PARA 2ª FASE DO VESTIBULAR DA UFPR.

FONTE: Acervo do Cursinho Popular Emancipa- Vila Verde (2019).

FIGURA 90: OS BASTIDORES DA ÚLTIMA AULA 2019 PARA 2ª FASE DO VESTIBULAR DA UFPR.

FONTE: Acervo do Cursinho Popular Emancipa- Vila Verde (2019).

Como não haviam estudantes que fariam provas específicas de Geografia na segunda fase, pude ajudar o cursinho cozinhando o almoço e conversando com os estudantes. Alguns estavam bastante ansiosos e tensos com a prova e, em anos anteriores, após as provas eles relatavam que muitas vezes o nervosismo acabava prejudicando a realização da prova, ao passar de modo errado no gabarito, ser pego em questões de desatenção ou não administrar corretamente o tempo para dar conta de responder com qualidade toda a prova.

Deste processo, resta-nos ainda apontar que foi recorrente a reclamação por parte dos estudantes das dificuldades encontradas em conseguir a isenção da taxa de inscrição de vestibular e do ENEM, sendo a inscrição na UFPR a crítica mais frequente. Vale lembrar que ano passado, 2019, foram ofertadas 5,6 mil vagas para cursos de graduação, e que o valor da taxa de inscrição foi de R$155 reais e que o processo contou com 38.453 inscritos.

Debatendo com os estudantes sobre as dificuldades em conseguir a isenção na taxa de inscrição, ouvimos relatos de dificuldades em ter acesso a internet para realizar a isenção, em compreender a linguagem e como obter os documentos necessários para comprovação, e curto prazo para solicitá-la, que correspondeu ao dia 12 a 21 de agosto para estudantes que não poder arcar com a taxa por meio da inscrição no Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal (CadÚnico) - Decreto nº 6.593, de 02/10/08, ou de 12 a 28 de agosto para os estudantes que comprovem ter renda familiar per capital igual ou inferior a um salário mínimo e meio e que tenham cursado todo o Ensino Médio em escola da rede pública ou como bolsista integral em escola da rede privada – Lei 12.799/2013, conforme informações sobre a isenção disponibilizadas no site da UFPR[8].

A dificuldade nas isenções foi algo que percebemos um pouco tardiamente, depois que os prazos já haviam passados e as provas estavam acontecendo. Particularmente, senti que os estudantes não se sentiram confortáveis para pedir uma ajuda financeira para pagar o valor, não conseguiram o valor com a família e, desta forma, a competição promovida pelo processo já excluiu os mais pobres antes mesmos de apresentar as primeiras questões, uma dificuldade que precisamos nos organizar enquanto coletivo para não repetir no ano que vem. O valor de R$155,00

8Fonte:https://www.ufpr.br/portalufpr/noticias/nc-lanca-edital-do-vestibular-2019-2020-inscricoes-comecam-em-12-de-agosto/. Acesso em 28/02/2020.

exclui os jovens periféricos de maneira concreta, e no Emancipa tivemos vários exemplos.

Passado os vestibulares da UFPR e outras instituições privadas e os dois dias de provas do ENEM, chegou a hora de encerrar o ano letivo do cursinho e celebrar pelas lutas que ocorreram dentro e fora da sala de aula, conforme podemos observar na imagem a seguir.

Desta forma, concluímos o relato das principais atividades desenvolvidas ao longo do ano de 2019. Através desse relato, espero ter apresentado um pouco do trabalho coletivo desenvolvido, o contexto por traz da luta pela democratização do acesso e da permanência no Ensino Superior e o modo como tecemos a prática educativa do Emancipa.

FIGURA 91: CONFRATERNIZAR E CELEBRAR MAIS UM ANO DE LUTA NO CURSINHO POPULAR EMANCIPA- VILA VERDE.

FONTE: Acervo Cursinho Popular Emancipa- Vila Verde (2019).

Desta forma, concluímos o relato das principais atividades desenvolvidas ao longo do ano de 2019. Através desse relato, espero ter apresentado um pouco do trabalho coletivo desenvolvido, o contexto por traz da luta pela democratização do acesso e da permanência no Ensino Superior e o modo como tecemos a prática educativa do Emancipa.

4.4 TECENDO REDES, UNINDO FIOS, FORMANDO NÓS: EMANCIPA E ANE - A IV CONANE CAIÇARA

Entre os dias 5 a 7 dezembro de 2018 ocorreu a IV CONANE Caiçara e com ela o término das atividades presenciais da II Turma da ANE. A CONANE é uma construção coletiva dos estudantes, do movimento nacional da ANE e de diferentes comunidades envolvidas em prol de mostrar os caminhos traçados para a construção das alternativas para a nova educação. É um momento de partilha, de celebrar, de se inspirar e seguir provocado a não contentar-se com os moldes limitantes da educação tradicional.

O cenário de insegurança econômica que pairou sobre as IFES e seus cortes de cerbas também pode ser sentido ao longo do planejamento e durante os dias do evento e foi necessário muita solidariedade e a construção de redes para que a IV CONANE se torna-se, de fato possível para a nossa turma.

Fiquei responsável por ajudar a articular o eixo de juventude e diversidade e a mediar um pouco das demandas e programação deste eixo junto a organização geral. O encontro mensal de novembro já havia sido voltado para essa organização e ao longo do mês nos organizamos de maneira online para fechar um calendário e criar maneiras para viabilizar a presença dos jovens tanto do Emancipa como os jovens do Projeto Ação Vagalume, que se encontram na Cidade Industrial de Curitiba e em São José dos Pinhais- PR respectivamente. Até poucos dias antes havia essa incerteza sobre a possibilidade de transporte, fato que me causou um pouco de ansiedade e bastante mobilização em organizar um listagem de ônibus com menores de idade envolvendo cidades diferentes e um pouco distantes.

Entre as atividades planejadas pelo eixo de Juventude e Diversidade, destaco a Exposição de Cartas dos jovens de Heliópolis e fotos do Projeto

Propulsão, a apresentação de teatro Nossa Voz e a Roda de conversa e e apresentações culturais das Juventudes plurais. Sistematizar esses diferentes momentos foi a forma que encontramos para abordar os diferentes projetos, valorizando suas particularidades e permitindo o protagonismo juvenil. As atividades ocorreram na sexta feira, dia 06/12, durante o período da manhã e da tarde.

Os jovens do Emancipa chegaram pela manhã na UFPR- Setor Litoral e estavam animados por conhecerem outros campus da universidade, desta vez como convidados e participantes de um evento. O tempo do trajeto do ônibus serviu como uma forma de aproximá-los dos jovens do Projeto Ação Vagalume e ao longo do dia esses vínculos ajudaram a fomentar o debate das atividades da roda de conversa.

Ao chegarem, se encantaram com o campus e a forma como o campus apresentava intervenções artísticas em diferentes espaços, conforme a figura abaixo.

FIGURA 92: CHEGADA DOS JOVENS NA IV CONANE CAIÇARA

FONTE: acervo do Cursinho Popular Emancipa- Vila Verde (2019).

Desta forma, ver os jovens presentes no espaço da CONANE, dentro da universidade, já é um saldo bastante positivo. Contudo, para além de expectadores, acho que o principal desafio feito aos estudantes da ANE para a CONANE era justamente construir espaços de protagonismo para os sujeitos de nossos projetos.

Ao rever os registros e relembrar as falas e as contribuições que os jovens do Emancipa trouxeram para a roda de conversa, principalmente, pude perceber um saldo de acúmulo político que os jovens construíram ao longo de seu percurso junto ao Emancipa e a forma como suas colocações mostram o quanto eles se apropriaram das discussões dos círculos de cultura, dos atos e das aulas realizadas ao longo do ano. Abaixo seguem alguns registros dos jovens do Emancipa na IV CONANE Caiçara.

FIGURA 93: RODA DE CONVERSA IV CONANE- EIXO JUVENTUDE E DIVERSIDADE

FONTE: Acervo Cursinho Popular Emancipa- Vila Verde (2019).

FIGURA 94: CONSTRUÇÃO DE CARTAZES PARA SISTEMATIZAR AS DISCUSSÕES DA RODA DE CONVERSA IV CONANE.

FONTE: Acervo Cursinho Popular Emancipa- Vila Verde (2019).

FIGURA 95: ENCERRAMENTO DA RODA DE CONVERSA IV CONANE- EIXO JUVENTUDE E DIVERSIDADE

FONTE: Acervo Cursinho Popular Emancipa- Vila Verde (2019).

Após as apresentações de teatro Nossa Voz, do vídeo do Projeto Ação Vaga-lume, do almoço no Restaurante Universitário e da roda de conversa entre os jovens dos diferentes projetos, de diferentes cidades (Matinhos, Palhoça, São Paulo, Curitiba, São José dos Pinhais e Antonina) posso dizer que o Eixo de Juventude e Diversidade cumpriu o objetivo de promover o encontro, a troca e a possibilidade do diálogo entre diferentes realidades da juventude.

É dificil mensurar como e quais são os impactos que esses eventos causam nos jovens, mas gostaria de finalizar esse relato sobre a CONANE para dizer que alguns estudantes do Emancipa que vieram participar do evento aproveitaram após o final da atividade para ir conhecer o mar, que fica a poucos metros do campus do Setor Litoral. O mar, em sua vastidão e grandeza, talvez seja a melhor analogia sobre o que seja o conhecimento.

Em um de nossos encontros mensais da ANE, lembro-me do Valentim comentar a seguinte frase: Um navio no porto está seguro, mas não foi para isso que os navios foram feitos. Desta forma, deixo para reflexão como nosso papel de educadores é, muitas vezes, tirar nossos educandos (e nós mesmos) do porto seguro e torná-los viajantes nos caminhos e mistérios do mar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegar neste momento final do memorial gostaria de começar apontando o quanto foi pedagógico parar e refletir sobre minha trajetória e as motivações que me impulsionam enquanto educadora. Sejam as leituras, as vivências, os encontros mensais ou o próprio processo de escrita e sistematização, todos eles se somam e me ajudam a concluir a especialização muito mais sujeita e protagonista de minha própria história e consciente de por qual tipo de educação lutamos.

Contudo, termino essa pós com uma postura que é mais de inquietação e de provocação, do que de conforto e de estabilidade. Para citar Paulo Freire (1996, p. 63- 65) o que fica é "a inquietação de quem não se acha demasiado certo de certezas" e de quem sabe que as virtudes necessárias ao fazer docente e as transformações sociais que acreditamos ser possíveis pela educação serão alcançadas quando nos esforçarmos para diminuir cada vez mais a distância entre o que dizemos e o que fazemos enquanto prática.

No nível mais pessoal, destaco a importância de falar e perceber como o trabalho docente tem favorecido nosso adoecimento mental e o quanto a temática é pouco debatida entre os profissionais da área da educação, sendo tratada de maneira individual. No 2 capítulo, em que compartilho minha trajetória pessoal, destaco esse aspecto por perceber que um pouco de nosso descrédito em possíveis alternativas para a nova educação é justamente reflexo do estado de nossa saúde mental e o modo como nos afetamos pela ansiedade e o estresse que tem marcado nossa profissão. Dessa forma,

> A falta de um coletivo que coopere e busque respostas enquanto coletivo de trabalho abre as portas à impossibilidade de dar sentido ao cotidiano e enfrentar serenamente os atritos pessoais, alimenta o isolamento e a apatia, fortalece a sensação de solidão e desamparo. Resumindo, cria as condições propícias ao adoecimento psíquico. (GENNARI, 2014, p. 4)

A ANE, os amigos que conheci e as ferramentas teóricas e práticas debatidas e vivenciadas nos projetos descritos nos capítulos anteriores me ajudaram a construir justamente esse sentido do cotidiano e de coletividade que tanto nos faz falta em nossa profissão. O autor ainda continua:

> Nada indica que será um caminho fácil, mas ensinar começará a não ser sinônimo de adoecer quando a descrença e a resignação cederem o lugar à paciente construção de uma possibilidade de mudança. A saúde no trabalho docente não é e não será fruto da ausência de angústias e sofrimentos, algo impossível na vida humana, mas da cooperação que professores e professoras souberem desenvolver para enfrentar os desafios e superar as frustrações que a realidade se encarrega de renovar. (GENNARI, 2014, p. 6)

Depois de ser demitida, ainda não retornei para a educação básica como educadora em um emprego formal, mas percebo que os projetos que participei ao longo da ANE, o Emancipa e olhar a educação de uma forma mais politica, como uma forma de transformação social efetiva, faz com que eu me atenha as possibilidades de mudança e creia que elas serão as chaves para que a escola possa ser mais transformadora do que adoecedora. Vejo que esse processo é um pouco do que a Bell Hooks (2013) chama de dar nome a nossa dor e teorizar a partir desse lugar.

Outro aspecto importante de fechar este ciclo da especialização é dizer da alegria que é viver uma boa experiência na UFPR e curar processos bastante difíceis que vivi no final da graduação em Geografia. Cursar a ANE me fez sentir a necessidade de estudar mais e de ocupar os espaços de pesquisa e de produção do conhecimento. Neste sentido, Bell Hooks (2013) aponta:

> Mas aqueles entre nós que vem da classe trabalhadora não podem deixar que o antagonismo de classe nos impeça de adquirir conhecimento, progredir na carreira acadêmica e gozar de aspectos satisfatórios do ensino superior. O antagonismo de classe pode ser usado construtivamente, não para reforçar a noção de que alunos e professores originários de classes trabalhadoras são corpos estranhos e intrusos, mas para subverter e desafiar a estrutura vigente. (HOOKS, 2013, p. 243)

Hoje consigo perceber que o antagonismo de classe também foi um dos fatores que me afastou de continuar a carreira acadêmica e ao ler e refletir sobre o que a autora coloca me fez perceber a importância de estar na universidade e justamente questionar os apagamentos e o silenciamento das dificuldades encontradas, como é o caso quando pensamos taxa de inscrição do vestibular de R$155,00 e os estudandes periféricos que não conseguem pagar e que muitas vezes são esquecidos das discussões de acesso à universidade.

Sobre a ANE, após fazer parte de todo o ciclo da segunda turma, posso dizer que fico bastante agradecida e feliz pela intensidade que foi fazer parte dessa

especialização. Ela contribui para construir pontes e diálogos, reunir pessoas e ampliar nosso repertório, nossa visão de mundo sobre o que é a educação e de que forma ela pode ser usada como ferramenta de transformação social. Assim sendo, desejo continuar com a ANE durante a terceira turma contribuindo para que mais estudantes possam acessá-la com a mesma intensidade que eu vivi.

Sobre o Cursinho Popular Emancipa - Vila Verde, avalio como muito positivo o ano de 2019 e o modo concluimos o primeiro ano completo de atividades, mesmo com as difilculdades políticas e econômicas conjunturais que ocorreram no país e no nível mais local. Foram mais de 30 sábados letivos, com aulas, círculos de cultura, simulados, aulas públicas, sarau, reuniões da coordenação e atos públicos nas ruas e acredito que, de alguma forma, contribuimos para fazer uma educação transformadora que possibilita que os jovens se tornem mais críticos e conscientes das relações de desigualdas socioeducacionais que vivemos no país.

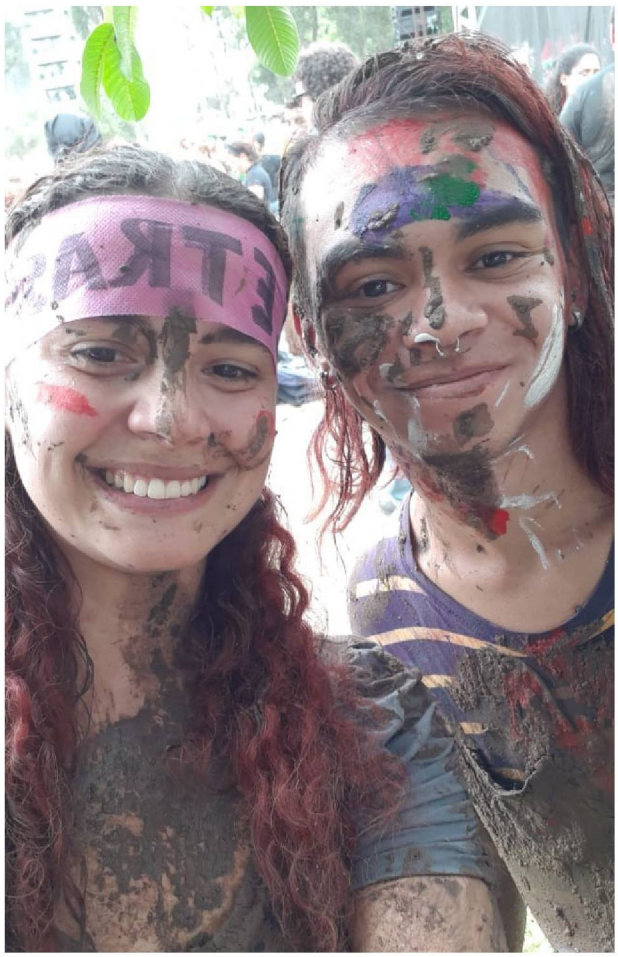
Após a breve contextualização do surgimento das universidades brasileiras, com base em Castro (2005) pude compreender as raízes que permeiam a luta pela democratização do acesso e como os cursinhos populares são ações coletivas que podem ser entendidas como movimentos sociais e com Mendes (2009) destacar como permanece acesa a crítica ao exame de vestibular e sua estrutura excludente. Seu conteudismo intensifica o que a educação tem de mais tradicional, que é a educação bancária e construir na prática alternativas para uma outra forma de preparar para a vida universitária nos parece o desafio central encontrado enquanto educadora popular no Cursinho Popular Emancipa - Vila Verde.

A última imagem que gostaria de compartihar é bastante simbólica e me faz perceber os resultados concretos da educação popular. A imagem mostra dois calouros da UFPR em 2020 que foram estudantes do Emancipa durante o ano passado e que hoje faz parte da coordenação do cursinho.

Ver esses educandos ingressarem no ensino superior público serve de combustível para manter inflamada a educação popular e reconhecer a necessidade de continuidade da luta para que, assim como eles, outras possam seguir o mesmo caminho. No início de 2020, quando parte da coordenação do cursinho foi conversar com a direção da escola onde o cursinho acontece, o repasse foi de que a comunidade estava na expectativa para a abertura das inscrições e da nova turma, o que demonstra o reconhecimento pelo trabalho desenvolvido.

Entre as dificuldades encontradas nesses processo, destaco a dificuldade em conseguir professores voluntários para dar aulas e se envolver na organicidade deste movimento social por educação popular, principalmente nas áreas de Matemática, Língua Portuguesa e Redação, Literatura e Ciências da Natureza. Destaco também a falta de recursos para financiamento das atividades, principalmente o almoço e lanches oferecidos. Houve muita solidariedade e apoio mútuo entre o cursinho e apoios inter-institucionais para que conseguissemos dar conta das atividades planejadas, seja com a alimentação, mas também com o transporte, como foi o caso da CONANE.

FIGURA 96: A UNIVERSIDADE É NOSSA. CALOUROS EMANCIPA- UFPR 2020.



FONTE: Acervo do Cursinho Popular Emancipa- Vila Verde (2020).

Sobre as demandas que surgem no cursinho, destaco que parte da continuidade do trabalho junto ao cursinho, para além das aulas, é conseguir

parcerias insitucionais. Um parceria que venho construindo é um apoio entre a Universidade Federal do Paraná via projeto de extensão e o Cursinho Popular Emancipa - Vila Verde para que as atividades desenvolvidas no Emancipa pelos estudantes de graduação da UFPR (como as aulas) possam contar como parte da carga horária das horas formativas nas coordenações dos cursos de licenciatura. Desta forma, estaríamos contribuindo com um estágio de docência em educação popular e a UFPR, em contrapartida, poderia certificar as horas, o que gera visibilidade e mais interesse entre os estudantes de graduação para atuar no cursinho.

Para não concluir, mas apontar horizontes, volto ao título do trabalho e aponto que diferente do que o ex-ministro da educação brasileiro Vélez Rodríguez afirmou como proposta[9], não deixaremos o ensino superior em nosso país a mercê de uma elite intelectual, tecnicista e privantizante.

Seguimos em disputa por uma universidade que esteja a serviço da diversidade e da classe trabalhadora, produzindo ensino, pesquisa e extensão de modo reflexivo, crítico, científico e atuante frente as dificuldades de nosso momento histórico. Seguimos ao lado da juventude, da educação popular, da democratização do acesso ao ensino superior e da construção prática de alternativas para a nova educação. E como canta Milton Nascimento, *nada a temer senão o correr da luta, nada a fazer senão esquecer o medo.*

9Disponível em: https://www.geledes.org.br/as-universidades-devem-ficar-reservadas-para- uma-elite-intelectual-diz-ministro-da-educacao/?gclid=EAIaIQobChMIsKPTz_am6AIVhQ6RCh3JAAYxEAAYASAAEgIVe_D_BwE. Acesso em: 28/02/2020.

REFERÊNCIAS

CASTRO, Clóves Alexandre de. Cursinhos alternativos e populares: movimentos territoriais de luta pelo acesso ao ensino público superior no Brasil.Dissertação de Mestrado. UNESP. 2005.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espectáculo**. 1991.

EHRENREICH, Bárbara; ENGLISH, Deirdre. Bruxas, parteiras e Enfermeiras: uma história de mulheres curandeiras (versão preliminar) trad. **Paulo Perna e Meryl Adelman, Curitiba**, 1999.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Editora Paz e Terra, 2014.

___. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GENARI, Emílio. **Quando ensinar é adoecer.** 2014.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**.São Paulo: Editora WMF Martins Fontes**,** 2013.

MENDES, Maíra Tavares; PPGEDU-UFRGS, Rede Emancipa; DA SANTA ROSA, Cursinho Popular. Cursinhos populares pré-universitários e Educação Popular: uma relação possível. **XI Fórum de Leituras Paulo Freire**, 2009.

VANESKI FILHO, Ener; TORRES, Katya Isaguirre. ESTADO DE INJUSTIÇA E CONFLITO SOCIOAMBIENTAL: O CASO DO ACAMPAMENTO JOSÉ LUTZENBERGER. **Raega- O Espaço Geográfico em Análise,** v. 46, n. 2, p. 88-100, 2019.